

200

HISTÓRIA



GUIA DO PROFESSOR

7.^a CLASSE

med 78

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

HISTÓRIA

7ª CLASSE

GUIA DO PROFESSOR

MED 78

172/DS

HISTÓRIA

GUIA DO PROFESSOR DA 7ª CLASSE

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. História como ciência - o materialismo histórico
- 1.2. Importância educativa da História
- 1.3. O ensino da História no 1º, 2º e 3º nível do Ensino Básico.
- 1.4. O ensino da História no 3º nível do Ensino Básico
- 1.5. Conteúdo do programa da 7ª classe

2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

- 2.1. Princípios do ensino da História
- 2.2. Métodos e técnicas principais do ensino da História
- 2.3. Meios para o ensino da História
- 2.4. Utilização do Manual da 7ª classe
- 2.5. Utilização do documento histórico na aula.
- 2.6. Utilização do mapa histórico
- 2.7. Utilização da gravura
- 2.8. As visitas de estudo
- 2.9. A ficha pedagógica e o Plano de aula
- 2.10 Avaliação

172/059

3. ANÁLISE DO CONTEÚDO DO PROGRAMA POR UNIDADES
 - 3.1. A HISTÓRIA COMO CIÊNCIA
 - 3.2. ORIGENS DA HUMANIDADE
 - 3.3. AS CIVILIZAÇÕES FLUVIAIS ANTIGAS
 - O EGITO
 - A MESOPOTÂMIA? ÍNDIA E CHINA
 - 3.4. O MUNDO MEDITERRÂNEO
 - FENÍCIA
 - GRÉCIA
 - ROMA
 - 3.5. ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII
 - 3.6. ÁFRICA DO SÉC. VII AO SÉC. XV
 4. ANEXO - Ficha Pedagógica e Planos de Aula
-

172/052

1. INTRODUÇÃO

Este guia metodológico tem como função essencial ajudar o professor da 7ª classe, a orientar o seu curso de História de maneira a que as suas aulas correspondam ao processo ensino-aprendizagem dentro dos princípios do marxismo-leninismo.

Este tem ainda a finalidade de familiarizar o professor com os objectivos e tarefas que o ensino da História na 7ª classe propõe; assegurar o cumprimento dos programas e contribuir para o aperfeiçoamento pedagógico do professor, o que promoverá certamente um maior interesse dos alunos pela História e pelos problemas sociais e políticos do seu país e do seu tempo.

A aula de História deve ser preparada com base nas orientações que o programa e o guia fornecem, utilizando de uma forma criadora todos os meios didácticos e pedagógicos de que o professor disponha.

É fundamental que o professor, ao organizar o seu trabalho, tenha presente tanto os objectivos políticos como os científicos cognoscitivos e didácticos. O aluno poderá assim, desenvolver a sua capacidade crítica na aplicação dos conhecimentos, na tomada de decisões e na realização de actividades; desenvolverá o hábito de participação activa na sociedade uma adequada conduta social.

O aperfeiçoamento das capacidades necessárias para o trabalho independente exige actividades concretas: umas propostas no manual ("vê se sabes") outras a sugerir pelo professor (elaboração de gráficos e esquemas, redacção de sínteses, consulta em bibliotecas, etc).

173/052

1.1. A HISTÓRIA COMO CIÊNCIA-O MATERIALISMO HISTÓRICO

Marx e Engels descobriram as leis gerais do desenvolvimento histórico da sociedade através do conhecimento profundo que ambos tinham da sociedade do seu tempo e da acumulação de um amplo material de investigação histórica.

Antes de Marx, a história apresentava-se como uma simples sucessão de factos isolados cuja explicação assentava em causas ideológicas, sem investigar a origem das ideias, nem as leis e objectivos que regem o desenvolvimento social, nem ver as raízes destas no grau de desenvolvimento da produção material. Em segundo lugar, as velhas teorias não consideravam a importância da acção das massas.

Qual foi a grande contribuição do marxismo para a correcção dos erros de que enfermavam as velhas teorias da história?

O marxismo indicou a via para estudar globalmente o processo de aparecimento e desenvolvimento das formações económico-sociais, permitiu o exame conjunto de todas as contradições e conseguiu determinar as condições de vida e de produção das distintas classes da sociedade.

O materialismo histórico permitiu estudar pela primeira vez com grande exactidão, as condições sociais de vida das massas e as mudanças operadas nestas condições. Várias questões se levantam:

- O que determina a actuação das massas humanas e dos homens no processo histórico da humanidade?

- O que provoca o choque das ideias e as aspirações contraditórias?
- Que representa o conjunto destes conflitos que se produzem entre os vários elementos das sociedades humanas?
- Quais são as condições objectivas de produção da vida material que criam a base de toda a actividade histórica dos homens?
- Qual é a lei que rege o desenvolvimento destas condições?

173/052

O guia começa por uma introdução em que se abordam os princípios fundamentais do materialismo histórico e a importância educativa do ensino da História. Segue-se a apresentação do curso de história no 1º, 2º e 3º níveis do ensino básico, (a fim de o professor ter uma visão de conjunto e da continuidade do curso) especificando-se por fim o conteúdo do programa da 7ª classe.

A 2ª parte do guia é constituída por orientações metodológicas que permitirão ao professor recordar quais os princípios métodos e meios de ensino da História; como utilizar o documento histórico na aula e como elaborar fichas pedagógicas e planos de aula. Esta 2ª parte termina com um exemplo de ficha pedagógica e do plano de aula que têm como objectivo concretizar o que anteriormente se expôs. Não se trata de modo algum de "modelos", cabendo ao professor elaborar fichas pedagógicas e planos de aula que de uma forma criativa se adaptem aos meios de que dispõe na sua região, à matéria a expor e à idade e nível de conhecimentos dos alunos.

A 3ª parte do guia corresponde à análise do conteúdo de cada Unidade Programática, centrando-se sobre os objectivos, os principais conceitos e as capacidades que deverão ser desenvolvidas e avaliadas em cada uma delas.

A bibliografia apresentada em cada unidade não é exhaustiva, devendo o professor procurar outra que a complete nas bibliotecas da sua escola, município ou província, ou nas livrarias.

Toda esta bibliografia terá evidentemente de ser utilizada de uma forma crítica devendo o professor ter em conta a orientação político-ideológica das obras consultadas.

173/052

Marx concentrou a sua atenção em dar resposta a estas interrogações, e indicou o caminho para estudar cientificamente a história como um processo geral regido por leis. É esta a única teoria e o único método exacto de concepção dos fenómenos sociais.

A ciência histórica estuda todo um conjunto de fenómenos distintos económicos, sociais, políticos culturais, analisando em todas as suas partes e nas suas múltiplas e variadas inter-relações.

Para proceder a esta análise, o historiador recolhe uma grande quantidade de factos escolhendo os que têm significado no desenvolvimento histórico da sociedade.

A tarefa do cientista é inventariar e seleccionar correctamente os factos e analisá-los com base nas leis do processo social.

A luta de classes é o motor que faz avançar o processo histórico nas sociedades de classe.

Marx e Engels demonstraram que a luta de classes é uma lei que rege todas as sociedades formadas por classes antagónicas. O desenvolvimento destas sociedades está condicionado por esta lei, pelas mudanças que se operam nas relações mútuas entre as classes no processo de produção dos bens materiais, e na diferença entre elas estão condicionadas pela posição que ocupam em determinado sistema histórico de produção social.

Isto quer dizer que cada classe está vinculada a um determinado modo de produção e que esta corresponde a uma divisão da sociedade em classes antagónicas. A posição destas classes dentro desse sistema de produção social, é determinada por uma contradição fundamental entre a classe exploradora e a classe explorada.

A primeira é dona dos meios de produção, enquanto a segunda carece deles, encontrando-se numa situação de dependência económica.

173/052

A luta entre as classes antagónicas é portanto uma luta irreconciliável. A teoria marxista-leninista das classes leva à conclusão de que no modo de produção capitalista o fim da luta de classes é transformar este modo de produção, derrubar o regime actual, e instituir outro novo, quer dizer, levar a cabo uma modificação radical, revolucionária de todo o regime social.

Esta teoria indica à classe operária qual é o caminho efectivo e quais são as suas possibilidades e meios de libertação e de luta pelo socialismo, identificando-a como a classe mais revolucionária chamada a:

- destruir o capitalismo
- activar a luta de classes como força motriz da história
- abolir todas as formas de exploração do homem pelo homem

Como classe explorada, o proletariado não tem propriedade alguma sobre os meios de produção; os proletários nada têm a perder com a revolução, salvo as suas cadeias; têm em contrapartida um mundo a ganhar.

O papel das massas populares no processo histórico é um elemento de grande importância no decurso da história, devendo apoiar-nos no princípio de que "o povo é o criador da História" como afirmou Marx. Daí a importância em salientar factos como a luta revolucionária dos operários, os movimentos de libertação nacional das colónias, etc.

O papel do indivíduo na história é também um aspecto importante, e há que realçar que a sua posição revolucionária depende da classe e tendência a que pertence e do grau de compreensão das tarefas que lhe competem.

"Os homens fazem a sua própria história mas não a fazem de seu livre arbítrio, em circunstâncias por eles escolhidas, mas em circunstâncias em que se encontram directamente, que existem e lhes foram legadas pelo passado". - Marx.

173/052

O materialismo histórico revela a interacção dos factores objectivos e subjectivos do desenvolvimento da sociedade. O marxismo-leninismo ensina que em todas as condições históricas, quando se criaram todas as premissas necessárias para a vitória da revolução ou para outras grandes mudanças sociais, o papel decisivo cabe ao factor subjectivo, ao carácter consciente e à organização das massas populares, à actividade dos partidos políticos e de determinadas personalidades.

O socialismo científico é uma teoria viva e em desenvolvimento. Os princípios da teoria constantemente se enriquecem na prática do desenvolvimento social, com as novas descobertas da ciência.

As ideias de Marx e Engels foram aprofundadas por Lenin. Ele investigou as características do imperialismo como etapa superior do capitalismo, elaborou a teoria da revolução socialista, a estratégia e a tática do movimento operário internacional, a teoria sobre o partido; criou a teoria das vias para a construção do socialismo e do comunismo.

O desenvolvimento ulterior do marxismo-leninismo fortaleceu-se nos documentos do movimento comunista internacional nos quais se analisaram os problemas fundamentais da época contemporânea, como por exemplo o da passagem do capitalismo ao socialismo e ao comunismo, as forças fundamentais do nosso tempo, o sistema mundial do socialismo, o movimento operário e o movimento de libertação nacional.

No curso de História ministrado no 3º Nível proporciona-se o conhecimento das bases da ciência histórica no desenvolver-se o conteúdo do processo histórico à luz dos conceitos fundamentais do materialismo histórico.

Na impossibilidade de se estudarem todas as formações sociais, escolheram-se apenas as mais importantes para a compreensão global do processo histórico.

172/052

No momento de seleccionar os conceitos para o curso de História deve ter-se em conta as possibilidades cognitivas dos alunos.

Incluem-se nos cursos de História, juntamente com os conceitos históricos outros que fazem parte da super-estrutura que são os conceitos ideais: internacionalismo proletário, patriotismo socialista, dever social; etc e os que se referem a categorias estéticas como cultura, arte, etc.

A História como disciplina do Ensino Básico tem em conta não só os seus objectivos educativos, como as particularidades dos alunos e a relação do curso de História com as outras disciplinas do currículo.

Durante o estudo da História, existe a possibilidade de revelar o papel do factor moral no desenvolvimento da sociedade, mostrar a relação entre a posição moral do indivíduo e a sua concepção do mundo.

1.2. IMPORTÂNCIA EDUCATIVA DA HISTÓRIA.

O ensino da História desempenha um papel muito importante na formação da personalidade dos alunos e antes de mais dos seus pontos de vista, das suas convicções. O ensino da História inclui em si a formação de uma concepção científica do mundo, a educação política, moral e estética, o desenvolvimento de capacidades, e das necessidades cognitivas dos alunos.

Como resultado do ensino da História, os alunos assimilam os conceitos mais importantes da concepção científica do mundo, vão compreendendo as etapas do desenvolvimento social, assimilam o papel do factor ideológico nesse desenvolvimento, compreendem a importância do marxismo-leninismo como arma ideológica do proletariado. Eles tomam assim consciência profunda das vantagens radicais do socialismo sobre o capitalismo, aprendem a ter uma perspectiva da classe perante os fenómenos da vida social, e a entendê-los na sua interrelação e condicionamento mútuos, descobrindo

172/052

as suas contradições internas.

Na aula de história educam-se os alunos no carácter irreconciliável com ideologia burguesa, com as diferentes manifestações dos pontos de vista alheios à sociedade socialista.

O estudo da história universal leva os alunos à compreensão da importância das conquistas das massas trabalhadoras cujo fim supremo é a criação do sistema mundial do socialismo. Com base em dados concretos, os alunos convenceram-se de que durante a competição entre os dois sistemas sociais as posições do socialismo se consolidam, aumenta a sua influência internacional e ao mesmo tempo tem lugar o processo do debilitamento do sistema capitalista.

Os alunos acabam por compreender que entre as grandes forças revolucionárias de hoje, juntamente com o sistema socialista se encontram o movimento operário de países capitalistas e os movimentos de libertação nacional. Desta forma, o estudo da História contribui para a formação dos alunos.

Através do estudo da luta desenvolvida pelo povo angolano ao longo dos séculos de dominação colonial e mais recentemente durante as duas lutas de libertação o professor pode evidenciar como elas foram decisivas para a formação de uma consciência nacional que a construção do socialismo vai reforçar.

O conhecimento do período colonial e de todos os mecanismos de exploração contribui para a determinação de lutar pela independência nacional e contra novas formas de exploração. Por outro lado, a descoberta do passado africano de Angola leva à reafirmação de uma identidade cultural, à descolonização das mentalidades.

O estudo da história africana pode mostrar ao aluno a maneira como a história do seu país está intimamente ligada à do continente, realidade histórica que o colonialismo procurou refutar.

173/052

O estudo da história africana recente permite que o professor mostre aos alunos que o subdesenvolvimento que caracterizava a situação colonial se manifesta hoje em vários países africanos sob a forma de um neocolonialismo e que a opção socialista é a única via que poderá permitir ultrapassar a dependência económica que o caracteriza.

O ensino da História desempenha um papel muito importante na formação dos alunos para a actividade produtiva e intelectual. Nas aulas, ao fazer-se ressaltar o papel do trabalho na evolução das sociedades, mostra-se que todos os valores materiais e espirituais da sociedade são produto do trabalho manual e intelectual. Os alunos podem assim ter consciência do papel das massas trabalhadoras no desenvolvimento da sociedade, na realização das transformações revolucionárias.

Partindo da análise da realidade, os alunos tomam consciência de que o trabalho ao benefício da sociedade é o primeiro dever de cada indivíduo. O estudo da História contribuirá para a compreensão da importância da sua participação no trabalho de produção. Eles chegarão à conclusão que ao recolher uma profissão é necessário ter em conta as necessidades do país na etapa actual do desenvolvimento, e que cada nova etapa exige um nível mais elevado de educação para os trabalhadores.

As necessidades do desenvolvimento social económico político da sociedade socialista estão condicionadas pela urgência em elevar o nível geral da organização dos trabalhadores. Nas condições actuais da revolução científico-técnica, o alto nível de preparação do povo é o factor mais importante do processo económico.

O estudo dos diferentes aspectos da vida nacional, a compreensão dos seus problemas, permite uma melhor integração dos jovens na vida social através da participação em actividades

172/052

realmente criadoras. O estudo da História amplia o horizonte político e cultural dos alunos, que obtêm assim um conhecimento crítico dos problemas actuais da vida política, e do sistema de relações internacionais.

Isto ajuda a compreender a relação do país com acontecimentos que ocorrem a muitos quilómetros de distância e a entender melhor o conteúdo das notícias difundidas pelos meios de comunicação social, dos filmes, dos programas de televisão e espectáculos teatrais.

O estudo da História contribui ainda para a educação estética dos alunos. Ela consiste em formar os valores estéticos e os ideais, em desenvolver a capacidade de assimilação da realidade através das obras de arte, desenvolver a capacidade criativa no domínio da arte; ao estudar a história do desenvolvimento cultural dos povos, chegam a compreender os diferentes valores estéticos nas várias fases do processo histórico, aprendem a valorizar as obras culturais em função do momento histórico em que foram criadas.

Os alunos aprendem ainda a distinguir várias formas de expressão artística e entenderão a sua função social de acordo com as sociedades que lhes deram origem. A partir daí será mais fácil ao aluno entender a função da arte no momento presente e a contribuição que a mesma pode dar ao processo revolucionário.

O estudo da História no ensino de Base deve ainda ser o ponto de partida para a educação a outros níveis superiores no campo da história e das ciências político-sociais.

Além disso podem adquirir-se hábitos de trabalho independente com as obras dos clássicos do marxismo-leninismo, com os materiais da imprensa e com a literatura popular e científica. Desenvolvem-se ainda as capacidades dos alunos em comparar, analisar, sistematizar e generalizar os factos históricos, demonstrar as conclusões, fazer generalizações e sínteses.

172/052

1.3. O ensino da História no 1.º, 2.º e 3.º níveis do ensino básico

A História começa a ser estudada na 4.ª classe sob a forma de narrações históricas. Trata-se de uma primeira abordagem da História nacional em que os alunos adquirem apenas noções sobre os grandes períodos, acontecimentos e figuras da História angolana, que lhe permitirão desenvolver uma consciência nacional, espírito de solidariedade internacionalista, respeito pelos heróis da resistência e da luta de libertação nacional.

No 2.º nível o ensino da história está integrado na disciplina de ciências sociais (6.ª classe), estudando-se já de uma forma mais sistematizada a História de Angola nos seus diferentes períodos: Pré-colonial, Colonial e Luta de Libertação Nacional.

As noções que o aluno adquiriu na 4.ª classe desenvolvem-se e ampliam-se com outras tais como facto histórico, causa - consequência, desigualdade de bens, exploração, luta de classes, progresso histórico, etc. Estas noções básicas permitem que o aluno entre no nível seguinte num estudo já sistematizado em que a história nacional se integra na história africana e universal.

1.4. O ensino da História no III nível

No 3.º nível, houve a preocupação de dotar de forma equilibrada os capítulos de História Universal e Africana de modo a que o aluno adquira:

- A compreensão do processo histórico nas suas linhas gerais.
- A compreensão das características específicas da História africana; aí se encontra a História nacional, sempre que é possível e desde que haja conhecimento histórico seguro;

172/052

a preocupação de inserir a História nacional na História africana decorre da necessidade de evidenciar as ligações que um passado colonial recente escamoteou.

1.5. CONTEÚDO DO PROGRAMA DA 7.ª CLASSE

O programa de História é um plano de trabalho que o professor deve cumprir integralmente ao longo do ano lectivo.

Nesta classe o professor deve introduzir os alunos no estudo do processo histórico, nas suas linhas gerais, desde a comunidade primitiva e sua desagregação, à formação das primeiras sociedades de classes como resultado da exploração de grandes massas por uma minoria de exploradores.

O curso de História nesta classe deverá, pois, dar a conhecer aos alunos o aparecimento, o desenvolvimento e a decadência dos primeiros sistemas económico-sociais. Sem o estudo destas épocas, durante as quais o trabalho deu aos homens os primeiros triunfos na luta contra a natureza e em que se iniciou o processo do desenvolvimento histórico seria difícil compreender a história actual da humanidade.

Os alunos conhecerão a vida dos homens desde os tempos mais remotos: as dificuldades que tiveram para obter alimentos; como aprenderam a usar o fogo, a trabalhar os metais e como fizeram outras descobertas fundamentais para o progresso posterior.

O estudo da comunidade primitiva permitir-lhes-á compreender como a vida do homem é determinada pela sua capacidade de dominar a natureza e que com o desenvolvimento desse controle surge a propriedade privada, a desigualdade de bens materiais aparecendo assim as primeiras sociedades de exploração do homem pelo homem.

172/052

No estudarem as sociedades fluviais antigas, as sociedades esclavistas grega e romana, ou os estados africanos, os alunos deverão aprender os conceitos históricos mais importantes tais como classes sociais, Estado, luta de classes, bem como outros conceitos históricos gerais cujo estudo e aprendizagem prosseguirão nos anos seguintes.

Desta maneira, este estudo baseado na realidade concreta de cada uma das sociedades apresentadas deverá contribuir para a formação político-ideológica dos alunos, cabendo ao professor a tarefa de, ao insistir nos princípios básicos do materialismo histórico, fazer compreender perfeitamente aos alunos: os mecanismos da exploração como fenómeno universal, decorrente da existência de classes; o papel determinante da luta de classes em todo o progresso social.

O professor deverá também ter a preocupação de ligar, sempre que possível, o passado ao presente, mostrando aos alunos que as vitórias alcançadas pelo seu povo e por outros povos (conquista da independência, construção do socialismo) são o produto de uma longa, dura e complexa trajetória em que foi necessário ao ser humano passar por prolongados períodos de opressão e luta, antes de conseguir alcançar uma sociedade justa.

orientações metodológicas

2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1. PRINCÍPIOS DO ENSINO DA HISTÓRIA

No processo do ensino da História, o professor põe em prática muitas decisões pedagógicas quer dizer determina o objectivo da aula, selecciona o material didáctico para a exposição e os meios e métodos de ensino mais racionais. Para que o ensino seja eficaz, isto é, se atinjam os efeitos desejados, é necessário que o professor se guie por uma série de princípios metodológicos.

2.1.1. Carácter científico do ensino

O ensino deve ter um carácter científico, ou seja, apresentados os dados objectivos, o aluno deve proceder com a orientação do professor, à sua análise crítica, não se permitindo a deturpação da realidade histórica, nem a sua interpretação tendenciosa. Não deve igualmente o professor evitar a explicação objectiva dos fenómenos, inclusive dos mais complexos, invocando a "incapacidade dos alunos" para tal. Qualquer facto pode ser explicado em termos adequados à idade e nível de conhecimentos dos alunos, devendo certamente evitar-se a utilização de uma linguagem formal que o aluno desconheça.

2.1.2. Carácter educativo do ensino

Não é apenas necessário levar o aluno a assimilar os conhecimentos, a desenvolver novos hábitos, mas também a confrontar os seus pontos de vista, as suas convicções, a sua posição política, ideológica e moral.

Para isso é importante ensinar os alunos a avaliar os factos históricos de um ponto de vista de classe. Essa avaliação deve provocar uma auto-avaliação crítica dos seus pontos de vista, dos factos, da prática social, levando-os cada vez mais à participação activa na construção do socialismo.

A aquisição de novos pontos de vista depende da habilidade do professor em fundamentar as suas conclusões e da forma de expor a matéria, a fim de racional e efectivamente os alunos compreenderem a sua argumentação.

2.1.3. Desenvolvimento intelectual dos alunos

O ensino deve orientar-se de forma a que se desenvolvam nos alunos capacidades psíquicas como a observação, a memória, o raciocínio, a linguagem, os interesses, etc. Os progressos vão-se registando à medida que o aluno manifesta o carácter independente da sua aprendizagem, ou seja a capacidade de estudar a matéria histórica sem ajuda directa do mestre.

De início, os alunos relatam a matéria exposta pelo professor ou contida no livro com sentido crítico. A tarefa fundamental do professor consiste em despertar o raciocínio do aluno para a relação dos materiais informativos adquiridos por diversas fontes, analisá-los, compará-los, interrogar-se sobre eles, extrair o essencial do necessário, retirar conclusões e fazer generalizações sobre os dados históricos.

De igual modo se deve incentivar o aluno a caracterizar determinado período histórico estudado, a contrapô-lo a outros, retirando dessa comparação os aspectos coincidentes e os opostos.

2.1.4. Desenvolvimento da actividade do aluno

O processo de ensino-aprendizagem é eficaz não só em função da actividade do professor mas também do aluno. O seu carácter activo pode manifestar-se no cumprimento de diversas tarefas, discussão de problemas apresentados pelo professor ou pelos colegas, selecção de material para a aula, produção de mapas, esquemas, gráficos, diagramas, etc.

Relação do estudo da História com o momento actual.

O estudo da História deve contribuir para a compreensão dos problemas actuais do mundo contemporâneo. Para tal devem utilizar-se as possibilidades existentes para estabelecer a relação entre a matéria histórica e os fenómenos de actualidade. Sempre que possível devem revelar-se as raízes históricas dos conhecimentos e acontecimentos actuais, comparar a vida do passado e do presente.

2.1.6. Carácter sistemático do ensino

Este princípio exige a formação nos alunos de um determinado sistema de conhecimentos históricos. Para tal é necessário apoiar-se constantemente na matéria estudada anteriormente, revelar a relação mútua entre a história universal e a história nacional, sistematizar e generalizar os seus conhecimentos. Este aspecto constitui a base do plano domínio das grandes períodos históricos. Ao mesmo tempo os conhecimentos de cada período formam-se como resultado da assimilação dos factos mais importantes, dos conceitos gerais e da relação causa-efeito. A sequência e o carácter sistemático do ensino são uma condição indispensável para a sólida assimilação dos conhecimentos.

2.1.7. Apoio nas noções históricas dos alunos

O conceito de acontecimento e fenómeno histórico forma-se nos alunos na base de algumas noções. Elas vão-se adquirindo no processo de ensino da história como resultado da utilização dos diferentes meios de carácter informativo.

As informações históricas surgem ainda sob a influência de fontes extra-escolares de informação (cinema, televisão, livros, monumentos históricos, etc). Ao revelar o conteúdo e os fenómenos do passado, o professor apia-se nas noções dos alunos formadas durante a aprendizagem anterior ou sob a influência dessas fontes. A aprendizagem de novas noções deve fazer-se de forma gradual, evitando absolutamente a atitude formalista de repetição mecânica de uma terminologia deficientemente compreendida.

2.1.8. O ensino segundo as fases do crescimento

Este princípio significa que é preciso ter em conta as particularidades da idade dos alunos na altura de seleccionar a matéria, os meios de ensino e os exercícios que deverão realizar.

Os alunos das primeiras classes interessam-se muito mais pela descrição dos factos e a actuação das pessoas. Quanto maiores são os alunos, mais se introduz a análise dos factos, surge o interesse perante os problemas psicológicos, a relação entre a actividade e o pensamento dos personagens históricos.

A capacidade de abstracção vai-se desenvolvendo progressivamente no aluno, à medida que ele domina melhor as relações concretas entre grupos, à medida que o conhecimento dos factos lhe permite estabelecer comparações e generalizações. As noções introduzidas gradualmente vão fazendo parte do vocabulário activo do aluno e ele vai utilizando-o à medida das necessidades e da forma apropriada e rigorosa.

Por isso é vivamente recomendado que se distribua ao longo das Unidades de aprendizagem dos conceitos científicos fundamentais o que não se exija por parte dos alunos uma simples memorização dos mesmos, com efeitos altamente negativos.

2.2. MÉTODOS E TÉCNICAS NO ENSINO DA HISTÓRIA

Método quer dizer "caminho para se chegar a um fim". Método de ensino representa portanto a maneira de conduzir o pensamento ou as acções para se alcançar um objectivo. Ele permite disciplinar o pensamento e a acção de forma a obter-se maior eficiência no que se deve já realizar.

Métodos didácticos são as formas gerais de orientação do raciocínio e de organização dos trabalhos escolares, que o professor e os alunos utilizam no trabalho diário.

Segundo os métodos adoptados assim se escolhem técnicas específicas de apresentação imediata da matéria e de condução da aula. O método concretiza-se pois através das técnicas de ensino.

2.2.1. No ensino da História, como de outras disciplinas, o método indutivo e o método dedutivo são utilizados por vezes alternadamente. Em que consiste cada um deles?

O método dedutivo é utilizado quando a matéria estudada procede do geral para o particular. O professor apresenta por exemplo o conceito de "luta de classes" do qual vão sendo extraídas conclusões quanto às suas manifestações ou consequências no Egipto, na Índia, na Grécia, etc.

Portanto a partir de enunciado de uma categoria de materialismo histórico, os alunos são orientados pelo professor para a pesquisa de dados particulares e concretos que provem o princípio geral.

Normalmente este método exige a utilização da técnica expositiva, sendo o professor que frequentemente vai apresentando as conclusões.

É evidente que o seu uso exclusivo não é aconselhável, pois retira grandes possibilidades aos alunos de participar em aula. Este método deve pois ser usado alternadamente com o

Método indutivo — quando o assunto estudado é apresentado por meio de casos particulares, sugerindo-se assim que se descubra o princípio geral que rege os mesmos. Técnica da redescoberta inspira-se neste método, sobretudo utilizado no ensino das ciências. Este método incentiva a participação do aluno na elaboração de generalizações.

Este método permite realmente utilizar a experiência, a observação, os factos que cada um conhece. A indução orientada experimentalmente convence o aluno da constância dos fenómenos, que

vai possibilitar a generalização e a aquisição do conceito de lei científica.

Muito útil em determinadas aulas é o método comparativo. No desenvolvimento da matéria da 7ª Classe ele pode ser usado frequentemente no estudo das civilizações fluviais que correspondem a um estágio do desenvolvimento idêntico, no estudo da Grécia e Roma, e no estudo dos primeiros estados africanos entre o séc. VII e XIV da nossa era.

Este método consiste na apresentação de dados particulares sobre uma civilização que permitam comparações com outras, e que levem a concluir por semelhança.

Este método permite pois ao aluno estabelecer analogias entre sociedades contemporâneas ou distantes no tempo e no espaço. Permite ainda através do exemplo da vida de certas personagens históricas, criar nos alunos novas atitudes e formas de pensar.

2.2.2. A utilização de um ou outro método deve contudo ser sempre orientada pela preocupação de através dele o professor conseguir a participação frequente dos alunos durante a aula.

A participação deve manifestar-se de forma física e mental. Só desta maneira se pode garantir uma verdadeira aprendizagem por parte dos alunos.

A este propósito convém lembrar em que consiste o processo de aprendizagem do aluno:

Aquisição é o primeiro momento em que o educando devidamente motivado, adquire informação, dados, de carácter afectivo ou intelectual que podem provir de:

- contacto directo com os factos, participando neles, vivendo-os;
- observação do facto, a fim de recolher elementos que favoreçam a sua compreensão;
- experimentação, como atitude deliberada para comprovar determinado facto;

172/052

- leitura, através da qual nos inteiramos das experiências ou ideias dos outros;
- palavras do professor ou pessoa que represente autoridade para ser aceite;

Elaboração representada pelo trabalho mental realizado sobre os estímulos recebidos durante a aquisição. Efectua-se esta elaboração de modo consciente ou inconsciente; a primeira é de tipo intelectual a segunda de tipo afectivo ou intuitivo. A elaboração processa-se com base na reflexão ou ligação, comparação, indução ou dedução sobre os dados adquiridos.

Expressão ou Aplicação dos dados elaborados é a finalidade última da aprendizagem que pode processar-se sob a forma de:

- linguagem falada ou escrita
- desenho ou expressão gráfica
- modelos
- criação de obras de arte.
- criação de teorias científicas
- comportamento social

Com efeito, esta última expressão é a síntese de toda a aprendizagem, pois aprender é modificar o comportamento.

Para realmente garantir em todos os momentos o processo de aprendizagem, deve o professor desenvolver uma actividade de auto-formação de forma a desempenhar-se capazmente dessa tarefa. Por isso ele deve estudar e seleccionar convenientemente os métodos e técnicas a utilizar nas várias situações pedagógicas ao longo do ano.

Com efeito, o uso de uma só técnica torna o trabalho escolar monótono e desinteressante. A passagem de uma técnica a outra deve ser feita oportunamente.

Da exposição curta (cerca de 15 a 20 minutos) o professor pode passar ao interrogatório; deste, a situações problemáticas,

172/052

segundo as oportunidades e conveniências, no decorrer da aula.

Enfim através das técnicas de ensino, o professor deve retirar do aluno da atitude passiva, a fim de dar a sua máxima participação na aula.

A apresentação de assunto de uma aula, seja qual for a técnica empregada, deve começar por dados conceitos vivos, pois só assim se conseguir despertar o interesse do adolescente. O professor não deve começar a apresentação com definições, pois apresentadas e sómente elas carecem de sentido.

Toda a aula consta de três fases

- preparação do conteúdo, em todo o trabalho de selecção que ela exige, e do método.
- transmissão ou aula propriamente dita, em que o professor, através das técnicas escolhidas, procura levar o aluno a aprender o que ele previamente preparou;
- fixação da aprendizagem, em que o professor procura reforçar os estímulos que o aluno deve reter.

2.2.3. Técnicas - façamos um breve relato de algumas técnicas muito úteis no ensino da História e que o Professor deve ir utilizando gradualmente até conseguir dominá-las perfeitamente, à medida que se apercebe dos recursos que elas oferecem.

Técnicas expositivas - são todas as que promovem a apresentação lógica do assunto, por parte do professor, geralmente sob a forma oral. A exposição continua a ser a técnica mais divulgada e também a mais antiga. O seu mau uso representa graves prejuízos para o ensino, principalmente quando o professor obriga que se tome nota de tudo o que diz durante 50 minutos, e depois decorar o que escreveu. Desta modo, o ensino reduz-se a puro verbalismo acompanhado de memorização.

172/052

Contudo a exposição precisa ser adaptada de modo a fornecer os dados fundamentais do problema ou da matéria em questão em curto espaço de tempo, de forma a não tornar a aula num fastidioso monólogo. Assim não há aprendizagem e portanto não há ensino.

Uma boa exposição deve constar de:

- apresentação do assunto
- desenvolvimento do mesmo segundo um esquema lógico (apresentado progressivamente no quadro negro)
- síntese do exposto
- extração de conclusões ou formulação de críticas.

A exposição requer boa motivação para prender a atenção dos alunos. Pelas possibilidades de síntese que oferece, representa a exposição uma condição de trabalho e de esforço, na apresentação de um assunto.

Os alunos podem igualmente ter oportunidade de fazer a sua exposição na aula, o que lhes favorece o auto-domínio, disciplina, o raciocínio e a linguagem.

São as seguintes as oportunidades em que melhor os alunos podem fazer a sua exposição oral ou escrita:

- descrição de observações pessoais, ou de visitas ou excursões, ou em conferências e sínteses de assuntos estudados.
- explanação de pontos de vista próprios
- relato de leituras efectuadas
- recapitulações

A exposição do professor deve normalmente ser acompanhada pelo registo no quadro negro dos elementos essenciais da exposição pelo esquema arguido pelo professor, que os alunos devem ir passando para o seu caderno.

Como já se disse atrás, no 3º nível a exposição deve durar entre 10 e 20 minutos e deve ser intercalada de interrogatório que suscite a reflexão, de anotações no quadro negro, de apresentação de material didáctico, etc... A exposição deve ainda provocar perguntas dos alunos.

172/052

Técnicas de interrogatório.

Estas técnicas baseiam-se na apresentação de dificuldades aos educandos, de preferência oralmente, exigindo observação e reflexão, para serem dados respostas ou soluções.

Estas técnicas são as que melhor possibilitam ao professor o conhecimento das dificuldades e dúvidas do educando. A técnica do interrogatório quando bem utilizada consiste numa conversa, num diálogo consequente. Contudo interrogatório não deve significar pretexto para "descobrir o que o aluno não sabe"; é um meio que permite conhecer os pontos fortes e fracos do aluno com intenção formativa, isto é, orientativa para o aluno e o professor.

O interrogatório serve para diagnosticar as deficiências do aluno, os seus interesses, a sua conduta, valores dominantes, etc...

O interrogatório deve ser utilizado para várias fins:-

- motivação da aula
 - diagnóstico do nível de conhecimento em determinada matéria antes de continuar para novos assuntos.
 - sondagem das possibilidades do aluno
 - verificação de aprendizagem que permite ou consolida o aprendido ou rectificar o que não foi assimilado.
 - estímulo à reflexão
 - recapitulação e síntese do que foi estudado
 - estímulo ao trabalho individual durante a aula
- A pergunta em geral deve ser dirigida à classe, para que todos sejam levados a reflectir; depois de uns segundos, o professor indicará o aluno que deve responder.

Recomenda-se contudo a pergunta directa para fins disciplinares, ou para levar o aluno a dirigir a sua atenção quando distraído. O professor só deverá responder à sua pergunta depois de a classe se mostrar incapaz de o fazer.

172/052

A técnica de debate ou discussão dirigida pode ser utilizada quando o grau de participação dos alunos é elevado; com efeito a técnica de debate não é aplicável quando numa classe a maioria se mantém passiva e apenas 2 ou 3 alunos participam.

É muito importante a preparação do debate sobre determinado tema para que a utilização dessas técnicas dê bons resultados.

A discussão de um tema, orientada pelo professor, pressupõe que os alunos adquiriram informação prévia. Sem isso, o debate não resulta caindo-se num ponto morto donde não saem conclusões nem chegam a confrontar-se opiniões diferentes.

NOTA: Ver ficha para o aluno

FICHA PARA O ALUNO

PREPARAÇÃO DO DEBATE

1. Trazer perguntas já formuladas para a sessão, de modo a poder participar construtivamente no debate.
2. Procurar ouvir com atenção o que os colegas dizem, afin de poder responder ou argumentar objectivamente.
3. Não interromper quem estiver a falar. Cada um tem a sua vez de intervir.
4. Se quiser discordar, procura fazê-lo de forma calma e objectiva, pedindo a palavra.
5. Expressar as suas ideias com franqueza sem precisar de ser violento.
6. Não monopolizar os debates, impedindo os outros de falar. As melhores conclusões serão as que resultarem das objecções apresentadas pelo maior número.

172/052

7. Não ficar indiferente ao debate pois a classe precisa da cooperação, inteligência e experiência de todos.
8. Não voltar a discutir questões que já foram debatidas e sobre as quais já foram aceites conclusões.
9. O melhor ambiente para o debate é o que resulta da atitude de camaradagem, ordem e disciplina de cada um dos alunos da classe.

Esta técnica não deve ser usada quando o professor e os alunos se desconhecem ainda ou quando ele não tem bom domínio da classe.

O debate no início é dispendioso, e leva a classe ao tumulto, todos falando e protestando ao mesmo tempo.

Com a repetição de sessões deste tipo, e as críticas do professor, os alunos vão-se educando para o debate e os trabalhos avançam na disciplina, ordem e bom rendimento.

Além desta a função educativa do debate: ele ensina o aluno a discutir, isto é, a ouvir argumentos do opositor, reflectir sobre os mesmos, aceitá-los ou refutá-los, mas com apresentação lógica de contra-argumentos.

O debate ensina a ouvir os outros, atitude muito rara entre os próprios adultos.

Aproveitam-se para debates em especial:

- assuntos actuais
- assuntos que tenham interessado vivamente a classe
- assuntos controversos
- recapitulações de unidades

Os tópicos discutidos devem ser esclarecidos devidamente pelo professor, caso o debate não tenha contribuído satisfatoriamente para tal. Durante o debate o professor não deve impor constantemente os seus pontos de vista; deve antes como animador do grupo, promover a participação mais alargada possível dos alunos e

172/052

evitar que a discussão se desvie ou caia em ponto morto.

Os alunos tímidos devem ser estimulados a participar; por vezes os alunos mais seguros poderão dirigir o debate sem contudo impor-se ao resto da classe.

As conclusões devem igualmente ser anotadas no quadro negro e o debate deve terminar com uma apreciação do professor sobre os trabalhos realizados.

A técnica de estudo dirigido

Tem-se divulgado muito esta técnica por duas razões em particular:

- condições cada vez mais difíceis de estudo, por parte do aluno em casa, principalmente por falta de apoio familiar, e que diminui muito o seu tempo de estudo diário.
- renovação nas técnicas de ensino, visando retirar o aluno da passividade que lhe era imposta, para levá-lo a aprofundar a sua formação.

As vantagens que apresenta esta técnica são:

- ensinar o aluno a estudar
- suprir a falta de apoio familiar quanto a condições de estudo
- atender a alunos mais fracos, com carências específicas.

O estudo dirigido pode ser usado para apresentação e desenvolvimento de temas novos do Programa, dentro do horário semanal, para fixação e integração da aprendizagem e para ampliação de conhecimentos.

Esta técnica pode pois ser utilizada durante toda a hora (quando o tema o exigir) ou só durante 15 ou 30 minutos.

172/052

O papel do professor durante a utilização desta técnica é de atender as suas dúvidas, individualmente, sem perturbar o trabalho dos outros, observar o aluno para melhor orientá-lo, complementar informações que o texto não contém, sugerir novas perspetivas na solução do problema, estimular os esforços dos alunos.

Quando não haja biblioteca na escola, nem outras fontes de informação são o manual, o professor pode seleccionar um assunto formulando uma série de questões sobre o mesmo, a que os alunos responderão com base no manual.

Os estudos dirigidos podem igualmente ter carácter colectivo - então o professor divide a classe em grupos que irão estudar o mesmo assunto. Cada grupo estuda uma parte, que será depois reunida com o trabalho dos outros grupos, e debatido para se obterem conclusões.

Sempre que se constituam pequenos grupos (de 3 a 5 elementos) deve ser designado um relator ou secretário que fará depois o relato de trabalho do seu grupo à classe.

2.3. MEIOS P.R. O ENSINO DA HISTÓRIA.

O uso de meios adequados numa aula de História melhora a aprendizagem do aluno ao mesmo tempo que reduz o tempo dedicado ao ensino. A sua importância reflete-se igualmente no aspecto formativo estimulando a actividade independente do aluno, e serve de apoio eficaz para atingir-se os objectivos.

O professor de história deve pois compreender que para reconstruir um facto histórico não é suficiente a exposição oral, por mais cuidada que ela seja. É contudo imprescindível apoiar a exposição breve na observação de um objecto de representações gráficas: fotos, diapositivos ou qualquer imagem sugestiva e apropriada, bem como um livro ou um texto, localizando os dados no tempo, no lugar em que se verificaram, etc.

172/052

A aula é o resultado do trabalho conjunto professor-aluno, implicando a participação do professor nas tarefas de planificação, organização de dados e planos de aulas onde se estabeleça uma interrelação directa aluno-professor-alunos.

É muito importante que o professor crie a possibilidade de dar conhecimentos já elaborados aos alunos. O desenvolvimento da capacidade de pensar, reflectir, associar, seleccionar o essencial de secundário deve ser um dos objectivos da aula de História.

Entre os vários meios de ensino que o professor deve utilizar vamos referir:

- o Manual de História da 7ª classe
- os documentos históricos
- os mapas históricos
- as gravuras
- as visitas de estudo

MANUAL DA 7ª CLASSE

É fundamental o professor introduzir os alunos na utilização do manual, de maneira a que eles tirem dele o melhor proveito possível e fiquem aptos a utilizar qualquer outro livro de estudo.

O professor deve começar por mostrar aos alunos a vantagem de uma consulta inicial do índice. É este que em face da matéria nova que vai estudar lhe indicará as linhas gerais de orientação do livro.

O aluno deve aprender ainda a interpretar o conteúdo de cada um dos capítulos, retirando as ideias fundamentais a partir do enunciado dos temas.

O manual está dividido em 6 grandes capítulos que correspondem às 6 grandes unidades temáticas do programa. Os capítulos estão subdivididos em 26 subcapítulos, alguns dos quais incluem várias alíneas.

172/052

O manual contém ilustrações de 3 tipos:

fotografias de objectos e momentos que correspondem às épocas estudadas; desenhos que visualizam determinados aspectos ou enriquecem a temática; mapas que localizam geograficamente as regiões estudadas.

Para apoiar e consolidar os vários tópicos do tema e ainda para habituar o aluno a uma reflexão crítica, inserem-se no fim de cada capítulo textos de natureza diversa, desde documentos históricos a simples textos de apoio.

Os questionários "vê se sabes" permitirão ao aluno consolidar o seu conhecimento sobre as noções ou os conceitos fundamentais de cada capítulo ou sub-capítulo. Eles devem contribuir também para uma avaliação contínua da aprendizagem do aluno.

No entanto o professor não deve cingir-se apenas ao questionário do manual. Cabe-lhe a tarefa de elaborar, de uma forma criadora, novas questões ou a de sugerir outras actividades que permitam uma melhor aprendizagem do aluno e tornem as suas aulas vivas e motivadoras.

É necessário que os alunos compreendam todas as palavras; por isso a terminologia nova ou julgada difícil aparece no vocabulário, situado no fim do livro.

Este vocabulário, porque não é exaustivo, não dispensa a utilização do dicionário ou da enciclopédia, quando exista, pois é um bom exercício para o aluno a procura do sentido dos termos que não conhece.

Uma vez conhecido o seu livro de estudo e de trabalho o aluno deverá compreender que ele foi o resultado de um esforço colectivo, por parte dos que o redigiram e imprimiram e ainda por parte do Ministério da Educação da R.P.A. e que portanto o deverá cuidar e preservar para que outros jovens como ele o possam utilizar em bom estado.

172/052

Utilização do documento Histórico na aula

No manual da 7ª classe houve a preocupação de introduzir em cada capítulo, textos de apoio, alguns documentos históricos, outros textos actuais, que ajudem, por um lado, à compreensão da matéria apresentada, e por outro à iniciação do aluno na interpretação crítica de um texto.

O texto histórico é um óptimo meio de colocar o aluno em contacto mais próximo com uma realidade que lhe é muito longínqua.

Este, juntamente com a gravura, pode permitir-lhe penetrar no ambiente social, político e mental da época e da sociedade estudadas.

Porém, a abordagem do texto histórico não é fácil e exige portanto uma preparação prévia por parte do professor. Apresentam-se pois algumas orientações que poderão ajudar o professor a melhor explorar alguns textos do manual ou outros documentos históricos de que disponha.

O estudo do texto permite extrair dele "a matéria histórica", isto é, todo o tipo de informação que ele pode dar sobre o passado, sobre acontecimentos, homens, instituições, ideologia, etc.

O primeiro cuidado que deve ter-se é ler atentamente o texto várias vezes, sublinhando as palavras e expressões importantes ou difíceis, e extraindo dele os principais dados e os diferentes temas nele contidos. Com este fim, o melhor processo é analisar cada parágrafo, depois o conjunto do texto, e elaborar um resumo sucinto baseado nos temas essenciais e nas ideias mestras.

Recomenda-se assim o seguinte procedimento na análise de um texto:

172/052

1. Natureza e origem do documento, seu autor e data (quando se conhecer).
2. Comentário analítico ou explicação do texto
3. Conclusão sobre o texto, tendo em conta:
 - a) o alcance do documento
 - b) a crítica do texto
 - c) o interesse do texto

1. Natureza e Origem do Documento

Estes dois elementos são indispensáveis para permitir uma interpretação correcta do texto. Não se estudará da mesma forma um texto jurídico - lei, decreto ou tratado, constituição - cuja redacção foi reflectida, cuja aplicação tinha um carácter oficial, imperioso, rígido, impersonal; textos mais circunstanciados, como uma resolução de um congresso - destinados a provocar um efeito determinado sobre o público, marcados por uma conjuntura especial, etc. cartas pessoais ou diplomáticas, ou memórias, ou textos de teoria política, ou simples narrativas de viagens, cuja natureza e conteúdo são determinados pelas intenções, pelos objectivos que os respectivos autores tinham em vista.

Ao definir-se a natureza do documento e a maneira como chegou até nós podem pôr-se algumas questões sobre o seu valor:

- Em que medida o autor é digno de crédito?
- Em que medida se preocupou com a verdade objectiva?
- Em que medida a sua opinião é individual ou representa o ponto de vista de um largo grupo ou classe social?
- Em que momento histórico foi redigido o documento?
- Necessidade de definir o ambiente histórico do texto.

172/052

Se o texto se refere a um momento especial da história - revolução, guerra, crise económica ou política... - determinar-se-á com precisão este momento descrevendo-se as forças em jogo. Quais são os componentes da situação indispensáveis à compreensão do texto? Quais são as forças em presença? Quais os interesses contraditórios?

O autor - não será necessário tecer a biografia do autor do texto em causa, sobretudo se é um personagem conhecido, um estadista, um teórico, etc. Mas a compreensão real do texto exige o conhecimento de certas circunstâncias da vida do autor, sua obra e ideologia: se era missionário, comerciante, conquistador, político, etc.; que interesses da classe representava, que conceitos de valor subjectivo exprimia, etc.

Data - convém sempre identificar a data em que o texto foi escrito, a fim de delimitar bem a sua compreensão e a posição de seu autor, e ainda o contexto histórico em que se insere.

2. O Comentário analítico

Há dois métodos para explicar um texto

- o método literal que consiste em seguir a ordem do texto, numa análise progressiva do seu conteúdo;
- o método lógico que consiste em agrupar as explicações por grandes temas.

O primeiro é o mais vulgar, prestando-se a repetições e correndo-se o risco de cair em explicações superficiais. Mas tem a grande vantagem de permitir a abordagem minuciosa do texto. É ainda preferível este método quando o texto é particularmente denso e elaborado, complicado no detalhe.

O segundo método é mais racional e aproxima-se de uma interpretação crítica do texto; por isso mesmo corre-se o risco de elaborar um quadro que ultrapasse o próprio texto e a época a que se reporta.

172/052

- A explicação tem de esclarecer o conteúdo do texto. Ela deve:
 - definir com precisão os termos técnicos, as palavras expressivas, os nomes de instituições, etc.
 - elucidar as alusões históricas, retendo o que poderá esclarecer o texto.
 - explicitar as fórmulas vagas, de aparência banal e aparentemon te evidentes à primeira vista. É preciso definir rapidamente, ou avocar aquilo a que se refere uma lei, uma declaração, etc.
 - criticar, se for o caso, as afirmações do autor, e os pontos de vista.

3. Conclusão

Uma vez terminada a explicação propriamente dita, deve passar-se à elaboração da conclusão do texto. Esta parte, que é talvez a mais importante, pois que revela a aptidão do estudante em captar o valor global de um texto e a sua contribuição para a história, deve ser concebida de forma muito flexível em função de cada texto. Poderá pôr-se de forma sistemática um certo número de questões:

a) O alcance do Documento

Trata-se aqui das consequências ou dos efeitos próximos ou remotos, que o texto ou os factos nele mencionados provocaram directa ou indirectamente. O princípio é simples: no caso de um discurso, estudar-se-á a sua influência e o impacto que gerou; tratando-se de uma lei, de uma resolução de um Congresso, pôr-se-á a questão de quando e como foram aplicados os princípios, que efeitos daí resultaram no futuro.

Quando o texto parece não ter tido alcance imediato ou a longo prazo, convém sublinhá-lo, explicando porquê.

172/052

b) a crítica do Texto

A crítica da autenticidade é sobretudo importante para os documentos antigos, dado que se formam muitos documentos falsos nos séculos passados. Na história moderna embora as falsificações sejam mais raras, corre-se o mesmo facto de explicação em versões diferentes, por vezes contraditórias.

A crítica da exactidão pode e deve inspirar-se no princípio da "avida crítica". Torna-se necessário enumerar e agrupar por temas os erros eventuais, as omissões e as deturpações do autor, e interpretá-las: são voluntárias ou não? Importantes ou secundárias? A que causas se devem atribuir tais deformações da realidade?

A este propósito é especialmente oportuno chamar a atenção para todos os documentos relativos a África, produzidos por árabes (desde o séc. VIII da nossa era), e europeus (a partir do séc. XV), estrangeiros que ao relatar o que viam não conseguiram ser objectivos, por defeito de compreensão da realidade africana.

É extremamente complexa a crítica a todos esses documentos dados os factos múltiplos de ordem ideológica que intervinham nas descrições e relatos que viajantes, missionários, conquistadores e políticos produziram ao longo dos séculos.

c) O interesse do Texto

Deve realçar-se o sentido global do texto, a sua contribuição geral ao conhecimento do passado. A priori, um texto é sempre interessante; mas o interesse pode residir por vezes num aspecto totalmente diferente daquele que o autor pretendia - revelações involuntárias, afirmações que confrontadas com outros documentos fazem surgir novas perspectivas, etc. Quando se trata de um texto de conteúdo político ou comprometido politicamente, mostre-nos em que medida ele reflecte as ideias de um partido, de uma tendência,

172/052

ou de um movimento; de que modo ele se opõe a outros pontos de vista, etc.

A Conclusão deve pois abrir-se largamente sobre a história mas sem perder de vista o texto que acaba de ser explicado.

Utilização do mapa histórico na aula

A aprendizagem em História ocorre-se de duas coordenadas que são indissociáveis do conhecimento histórico - o espaço e o tempo.

Com efeito é importante que todos os acontecimentos históricos, todas as sociedades estudadas sejam devidamente localizadas no espaço respectivo - por isso é indispensável a utilização de mapas físicos e históricos.

Os primeiros representam os acidentes geográficos, os rios, os mares, as montanhas, etc, que permitem ao aluno apreender-se das condições físicas do meio onde determinado povo ou estado se fixaram. Já com essa análise o aluno poderá realmente compreender a abundância de alimentos que o vale do Nilo proporcionava aos seus habitantes ou a escassez que os Gregos sentiam devido à secura do clima e do solo da Grécia continental. Poranto um mapa do Oceano Índico torna-se evidente aos olhos do aluno a proximidade da costa africana relativamente à rota das monções, a facilidade de navegação aproveitando os ventos favoráveis, as migrações de indonésios em direção a Madagascar, etc.

Os mapas históricos fornecem dados de outra natureza:

- as rotas comerciais existentes em determinada época
- os produtos agrícolas ou industriais de certa região num século dado.
- o desenrolar de campanhas militares
- migrações de povos
- formação e expansão territorial de um estado ou império.
- difusão de uma determinada técnica, por exemplo da metalurgia, etc...

172/052

Alguns desses mapas o professor e os alunos da 7ª classe encontrarão no Manual de História, - fim de sistematizar e organizar as lições e interpretadas na aula, servindo de apoio à exposição do professor e do estudo individual ou em grupo dos alunos.

Contudo são preferíveis na aula os mapas murais, com coroa de 1,20m x 1,00m, visíveis por todos os alunos à medida que o professor assinala os pontos de interesse.

A falta de muitos desses mapas nas escolas não é obstáculo inultrapassável. Pode o professor de História recorrer ao auxílio dos professores de Geografia, de D.V. Plástica e de F.L. Técnica, para com eles aprender a desenhar mapas murais onde se assinala a coroa os pontos que servirão de ilustração ao desenvolvimento das suas aulas.

Este trabalho de produção do material didático os alunos podem desempenhar o principal papel sendo devidamente acompanhados pelo professor a fim de garantir o máximo de rigor científico na elaboração dos mapas.

A leitura de um mapa (praticada frequentemente nas aulas de Geografia) deve ser orientada nas aulas de História pelo professor, de acordo com os objetivos desta disciplina.

Que dados pode realmente o aluno colher de um mapa histórico? Como pode fazê-lo?

O professor pode conduzir a análise dos alunos lendo questões a que o mapa responde facilmente quando observado com atenção.

Apresentamos o exemplo de um questionário orientativo para o estudo do mapa histórico das rotas de carros transarianas (ver o Manual - Capítulo V)

- que região do continente africano está representada nesse mapa?
- qual é o mar que limita a norte este continente?

172/052

- qual é a direção predominante das rotas assinaladas?
- que regiões eram postas em contacto através das caravanas que atravessavam o deserto?
- que animais eram usados para o transporte de mercadorias e pessoas? Porquê?
- que mercadorias eram transportadas do interior para o norte da África?

Pode ainda ser utilizado o mapa num exercício de verificação. Como trabalho individual, o aluno é solicitado a assinalar num mapa mural (sem legenda) as cidades mais importantes, as regiões fornecedoras de produtos, rotas marítimas, etc.

O mapa mural apresenta apenas o contorno dos continentes, ou uma região com os acidentes geográficos mais importantes, para que o aluno encontre nele alguns pontos de referência. Pode ser desenhado pelo professor em carta (stencil) e polícorado, fornecendo-se a cada aluno na aula um mapa individual que ele preenche.

Como exercício de aplicação dos conhecimentos adquiridos numa Unidade, pode ser pedido aos grupos de trabalho (3 a 4 elementos no máximo) que realizem mapas ilustrados, utilizando dados estatísticos, pequenos textos, gravuras e desenhos que sintetizem as questões principais estudadas nessa Unidade.

Utilização da gravura na aula

Um dos problemas que apresenta o ensino da História, é a dificuldade de concretizar visualmente certos acontecimentos, certos aspectos característicos das sociedades que existiram há milhares ou centenas de anos.

Contudo muitos vestígios materiais nos foram deixados pelos povos passados, quer sob a forma de instrumentos de trabalho, quer monumentos, obras de arte. O professor não pode prescindir de gravuras que permitam aos alunos melhor compreender determinados aspectos dessa realidade histórica.

172/052

Por isso mesmo, o Manual reúne grande número de gravuras que deverão ser oportunamente utilizadas pelo professor e pelos alunos para melhor concretizar o conteúdo do texto.

Apesar disso, é sempre útil enriquecer a aula com exemplos recolhidos pelo próprio professor e pelos alunos, segundo os recursos atualmente existentes.

A leitura da imagem deve também ser orientada através de um questionário que o professor vai fazendo gradualmente à classe.

Há gravuras muito ricas que podem fornecer muitos elementos: tipo de embarcação, instrumentos utilizados e sua finalidade, armas de combate, tipo de vestuário e calçado, oficinas de artesãos, práticas agrícolas, trabalho nas minas, etc... O seu estudo ajuda a esclarecer o significado do texto que elas acompanham.

Sempre que possível, o professor deverá estimular a realização, em trabalho de grupo, de cartazes e jornais murais ilustrados cujo tema esteja relacionado com a Unidade em estudo nesse momento. Novamente aqui se chama a atenção para a possibilidade de coordenação do trabalho dos professores de História, Geografia, D.V. Plástica e F.L. Técnica.

Nota: dada a escassez de material deste tipo nas escolas e as possibilidades reduzidas de sua obtenção, em cada escola deveria constituir-se um Gabinete de História onde fosse arquivado e classificado o material que se fosse obtendo anualmente, e que dessa forma iria servir para vários anos.

172/052

as visitas de estudo

Um dos meios de ensino mais recomendado para promover o melhor e aprofundar em História é a visita de locais históricos ou museus, devidamente organizada a fim de se retirar o máximo proveito da observação directa de objectos, de locais onde se verificaram determinados acontecimentos históricos, etc...

Embora os condicionamentos de certas escolas limitem essa possibilidade, também é certo que alguns professores raramente recorrem a este meio nas aulas de História.

Há pois que aproveitar os recursos locais sempre que eles proporcionem aos alunos uma compreensão mais profunda do processo histórico.

Assim como a aula, também a visita de estudo deve ser previamente preparada pelo professor que deverá conhecer o local e reflectir sobre as possibilidades que ele oferece à curiosidade dos alunos e à concretização de algum tópico do programa de História.

.. título de exemplo apresenta-se uma ficha elaborada antes da visita ao Museu, a fim de orientar os alunos e sugerir trabalhos a desenvolver durante a visita e depois dela.

MUSEU DE ANTROPOLOGIA

FICHA DE ORIENTAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

1. Objectivos da Visita:

Analisar os objectos expostos e interpretar a sua função social dentro da sociedade angolana

2. Etapas do trabalho

- os grupos de trabalho à chegada ao Museu serão encaminhados cada um para sua sala, a fim de procederem.

172/052

à observação de cada objecto nela exposto (tendo em conta a sua forma, material ou materiais usados (e) na sua confecção, sua utilidade imediata, etc).

- os objectos mais significativos poderão ser desenhados por alguns membros do grupo.
- os elementos do grupo tentarão interpretar a função de cada um dos objectos, localizá-los na estrutura económica, social ou político-ideológica que lhe deu origem.
- o grupo deve redigir um relatório das suas conclusões a apresentar em Plenário aos outros grupos.

Quando se realiza a visita a um local histórico há que procurar identificar com cuidado os acontecimentos ligados a ele, pois frequentemente os factos muito distantes no tempo são envolvidos em explicações, umas reais outras lendárias.

Quando tal se verificar deve o professor esclarecer os alunos sobre os dados históricos seguros e distingui-los da lenda que sobre eles circula.

É contudo útil associar aos vestígios materiais observados, as explicações da tradição oral ou do testemunho.

Assim os alunos compreenderão a importância de todos os tipos de fontes históricas e a necessidade de confrontar todos os dados disponíveis.

Durante a visita, o professor deve estar à disposição dos alunos para ouvir as suas dúvidas e responder às perguntas sempre que possível.

Contudo o professor deve igualmente anotar as questões para as quais ignora a resposta a fim de juntamente com os alunos procurarem informar-se mais detalhadamente. Deste modo, a visita de estudo servirá para activar uma ampliação do conhecimento dos alunos.

172/052

a ficha pedagógica e o plano de aula

O professor nunca deve entrar numa sala de aula sem ter preparado convenientemente a sua lição. Para isso deverá munir-se de meios que lhe permitam estar à vontade dentro da matéria que vai ensinar. É necessário, pois, que o professor organize uma ficha pedagógica para cada tomo do manual e um ou vários planos de aula consoante a extensão da unidade didáctica.

Uma unidade didáctica é constituída por um tomo contido no programa e que no manual pode corresponder a um capítulo ou a um subcapítulo.

Para cada unidade didáctica é necessário elaborar-se uma ficha pedagógica pois ela permite:

- melhor domínio do programa e dos objectivos gerais do ensino da disciplina
- melhor preparação das aulas e das actividades escolares em vista a um ensino mais eficiente.
- melhor aproveitamento do tempo, evitando deixar o trabalho anual incompleto.
- melhor aproveitamento dos recursos locais e preparação do material didáctico.

A ficha pedagógica baseia-se no conhecimento científico que o professor deve ter sobre os tomos a apresentar ao aluno. Para tomos que se reportam a uma realidade local, o professor poderá recorrer a informações de outra ordem tais como: monumentos, documentos, testemunhos, etc.

A ficha pedagógica deve registar:

- o nº de aulas necessárias para o desenvolvimento da unidade didáctica. Como no programa o nº de aulas por unidade já está determinado, o professor deve cingir-se a essa distribuição.

172/052

- explicitar as objectivas dessa unidade, isto é, quais as noções e conceitos, as atitudes e as habilidades que se pretendem que o aluno adquira. Para isto o professor poderá orientar-se recorrendo à 3ª parte deste guia.

- Métodos e técnicas a usar no tratamento da unidade didáctica. O professor poderá consultar os pontos 2.2. e 2.3. das "Orientações Metodológicas", para sua orientação.

Além dos meios de que o professor possa dispor para utilizar como elemento motivador da sua exposição (postais, ilustrações, gravuras, jornais, dados da experiência dos alunos, etc) é importante solicitar a participação dos alunos na preparação do material didáctico (pinceis, mapas, jornais currais, maquetes, etc).

Este material poderá servir não só para desenvolver capacidades do aluno mas também para ser utilizado na aula.

- Avaliação: deve ser progressiva e contínua e deve ter em conta os objectivos a atingir em cada unidade. A ficha pedagógica pode corresponder a várias aulas. Também estas deverão ser planificadas para o que se deverá elaborar planos de aula que terão de ter em conta os seguintes elementos:

- Sumário: pensado pelo professor mas de preferência elaborado no final da aula pelos próprios alunos, de acordo com o que ocorrem durante a lição.
- Objectivos: o professor deve ter em conta os objectivos relacionados com a aquisição de conhecimentos correspondentes à unidade didáctica e ainda o desenvolvimento de determinadas capacidades e atitudes do aluno.

172/052

- 3ª Atitude técnica: o professor escolherá a técnica (expositiva, diálogo, etc) mais adaptada ao tema e ao nível (utilização do quadro, do mapa, do trabalho de grupo, elaboração do material didático, etc), que o tema e os recursos disponíveis sugiram.
- 4ª Desenvolvimento da matéria: deve ter em conta:
- uma cuidadosa distribuição do tempo (a duração da aula deve ser prevista em todas as suas fases)
 - a ativação: a apresentação da matéria deve ser sugestiva fazendo frequente apelo ao que é familiar ou interessante para os alunos ao longo da hora da aula a fim de os manter permanentemente atentos.
 - a exposição deve ligar-se às matérias anteriores, a título de recapitulação e, por conseguinte, de avaliação e diagnóstico (possibilidade de detectar o estado de conhecimento dos alunos sobre a matéria).
- 5ª Consolidação da aprendizagem: no fim de cada aula (últimos 10 minutos) deve proceder-se à fixação da matéria nova, a fim de que a aprendizagem seja duradoura. Por isso o professor deve incluir no seu plano de aula, alguns exercícios de simples repetição ou de solução de problemas que requeiram esforço, reflexão e aplicação por parte do aluno. Eis alguns recursos de fixação da aprendizagem:
- tomar notas no caderno sobre os tópicos principais da matéria dada.
 - apresentar respostas a três ou quatro questões postas pelo professor.
 - esboçar um mapa histórico.
 - elaborar esquemas ou quadros sinópticos sobre a matéria dada com base no manual.
 - estudo do vocabulário da ciência histórica.
 - elaborar um sumário da lição dada.
 - colher dados sobre um assunto tratado na aula.

172/DS2

É evidente que nem sempre os exercícios podem ser completos dos nos aulas; então solicitam-se aos alunos que os terminem em casa. Contudo o professor não deve esquecer-se de fazer a sua correção na aula seguinte, a fim de evitar dúvidas ou erros por parte dos alunos.

2.4. AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem é a parte final do processo de ensino, iniciado com a planificação do curso. É através dela que se chega à conclusão sobre a utilidade ou não dos esforços dispêndidos pelo professor e pelo aluno nos trabalhos escolares. É através dela ainda que ficamos a saber se a escola está ou não a cumprir a sua função relativamente aos alunos e consequentemente ao país.

Até agora a verificação da aprendizagem nas nossas escolas tem fornecido poucas provas de que o aluno realmente aprende e é capaz de fazer. Muito menos se tem apurado se os alunos adquiriram capacidade de reflexão, de observação, de análise, de crítica, de resolução de dificuldades ou problemas que se lhes apresentam.

É frequente os professores passarem semanas e meses a ensinar sem saber o que se está passando com os seus alunos ou a matéria de aprendizagem. Da parte isso deve-se ao uso quase exclusivo da técnica expositiva. Sendo a maior parte do tempo lectivo ocupado na exposição da matéria, não sobra tempo ao professor para verificar o resultado da sua actividade. Fazendo uma verificação frequente, é sempre possível que o período decorrido tenha sido proveitoso ou parcialmente improdutivo, por falta de motivação dos alunos para aprender ou por falta de métodos ou técnicas adequadas por parte do professor.

172/DS2

Para evitar este trabalho improdutivo, tem-se defendido o aumento do número de verificações para que o professor não fique durante longos períodos, exercendo actividade sem nenhum proveito real para os alunos.

Def que o processo de controle do rendimento tenha a passar de anual a semestral ou trimestral, e mensal e até a semanal.

Alguns professores preocupam-se em verificar, após cada aula, o aproveitamento dos alunos, medida esta que funciona como autêntico barómetro do processo de aprendizagem.

O que significa então verificação de aprendizagem? Significa a avaliação de que o aluno aprendeu após uma fase do ensino.

O nosso sistema escolar prevê uma avaliação contínua ao longo do ano lectivo e em certas classes (do fim do nível) completa-se por uma prova final de avaliação a nível nacional.

Sendo os programas organizados em Unidades temáticas, estão já indicadas os momentos em que o professor deve apresentar aos alunos provas através das quais eles revelam o que aprenderam. Por sistema, isso deve acontecer no fim de cada Unidade do programa.

Que avaliar

Dentro de cada unidade do Programa, o professor deve proceder à avaliação da aprendizagem dos alunos. A primeira questão que se põe a este propósito é a seguinte: o que vamos avaliar?

Tendo sido fixados certos objectivos a atingir em cada Unidade, o que deve ser avaliado é se esses objectivos foram atingidos, isto é, se os alunos realmente adquiriram determinados conhecimentos, certas atitudes, e se desenvolveram ou adquiriram certas capacidades, mencionados nos objectivos dessa mesma Unidade.

172/DS2

Isto quer dizer que cada Unidade do Programa de História permite ao aluno adquirir ou consolidar:

- noções e conceitos da ciência histórica
- atitudes positivas dentro do comportamento revolucionário que a escola deve desenvolver no aluno.

e desenvolver capacidades de utilização do conhecimento adquirido através de:

- selecção de informação
- leitura e interpretação de mapas, documentos e gravuras.
- elaboração de sínteses, quadros, esquemas, etc...

É portanto isto que o professor terá de avaliar durante e no fim de cada unidade.

É igualmente importante que, à medida que avança o ano lectivo, o professor se aperceba dos progressos que cada um dos seus alunos vai realizando, e que o próprio aluno conheça os seus avanços e limitações. Só deste modo, pode criar-se novos estímulos à aprendizagem. Além disso o aluno vai-se apercebendo melhor das suas possibilidades e vai ganhando confiança no seu trabalho escolar.

É importante que cada aluno descubra que tem capacidade ilimitada para melhorar

Chama-se no entanto a atenção de que as provas de avaliação nunca devem ser usadas como recurso de coacção para estimular o aluno a estudar. Ele não deve aprender em função do medo de reprovar; esta atitude é altamente deseducativa.

Quando não há aprendizagem em situações normais, isso deve-se em regra ao facto de o professor não ter descoberto a melhor forma de orientar os alunos ou as causas que impediram a aprendizagem.

172/DS2

Também as provas de avaliação não podem ser usadas para explorar as diferenças individuais entre os alunos. Pelo contrário, elas devem ser educadas dentro do espírito de solidariedade e de trabalho em equipe e nunca dentro do espírito de competição individual.

Por isso deve igualmente o professor preparar as condições para que o trabalho de grupo desenvolvido nas suas aulas seja igualmente objecto de avaliação.

Depois de algumas sessões de trabalho, podem os elementos de cada grupo avaliar os conhecimentos, as capacidades e as atitudes que cada um dos seus elementos revelou, recorrendo-se de uma ficha semelhante a esta. Os dados que ela fornece permitirão ao professor conhecer muito melhor os seus alunos e ajudá-los a desenvolver o seu rendimento escolar.

1721052

AValiação DO TRABALHO DE GRUPO

ALUNO _____	TURMA _____	DISCIPLINA _____	
CLASSE _____			
ASPECTOS REALIZADOS	SIM	POUCO	NÃO
1. Participou na discussão?			
2. Acitou opiniões diferentes da sua?			
3. Foi disciplinado durante o trabalho?			
4. Deixou falar os outros?			
5. Esteve atento à discussão?			
6. Modificou os seus pontos de vista?			
7. Sabia exprimir as suas opiniões?			
8. Estava a par da matéria?			

NOTA: Esta ficha deve ser preenchida em grupo de forma a exprimir a opinião maioritária dos seus membros. É preenchida uma ficha para cada aluno, mesmo para os ausentes no dia da avaliação.

1721052

Tipos de Provas

A verificação da aprendizagem pode ser realizada através de provas orais, escritas e práticas. Deverá ter lugar, como se disse, no fim de cada Unidade temática.

Provas orais - estas provas baseiam-se no diálogo entre professor e alunos. O interrogatório deve ser empregue constantemente no decorrer das aulas e no final de cada Unidade a título de verificação e recapitulação da matéria.

Suportam-se as seguintes indicações indispensáveis para a realização de interrogatórios:

- preparar antecipadamente algumas perguntas de forma a tocar vários tópicos da matéria dada;
- iniciar o interrogatório com perguntas fáceis, para depois ir formulando outras mais difíceis;
- a formulação de perguntas deve ser clara, precisa e sem ambiguidades;
- uma vez feita a pergunta à classe, deve dar-se tempo para que seja objecto de reflexão por parte de todos; então o professor indicará o aluno que deve responder.

Provas escritas - têm uma aplicação muito variada.

Devem conter dois tipos de questões: objectivas e de desenvolvimento.

As primeiras permitem realizar uma verificação mais ampla e precisa da matéria dada. Não dão às respostas exigidas por este tipo de perguntas revelam a capacidade de o aluno utilizar adequadamente conceitos, de enumerar factores, de distinguir o verdadeiro do falso, de identificar situações, de ordenar factos cronologicamente, etc...

A questão de desenvolvimento numa prova escrita, dá oportunidade ao aluno de exprimir-se, coordenando as suas ideias e argumentando. Presta-se pois a uma verificação da profundidade, da capacidade de organização e utilização do conhecimento adquirido.

1721052

O que se deve fazer para melhorar o processo de avaliação

- Observar atentamente os alunos quer em trabalho individual quer de grupo a fim de poder detectar as suas dificuldades, reacção, grau de participação, etc.
- Anotar todas as provas que o aluno realize, desde a simples resposta oral a uma pergunta, à própria dúvida - que ele tenha relativamente à matéria o que revolve reflexão sobre o assunto. Quanto mais anotações o professor tiver, melhor saberá classificar o aluno.
- O aluno deve conhecer os objectivos de cada unidade, isto é, deve saber o que deve aprender, a fim de não considerar as provas de avaliação como uma prova de sorte ou de azar.
- A matéria que será avaliada deve ser comunicada com antecedência aos alunos a fim de poderem preparar-se com tempo.
- Conseguir que o aluno colecione todos os trabalhos num dossier ou caderno, a fim de poder ele e o professor avaliar os progressos verificados ao longo de ano lectivo.
- Permitir que a classe e cada aluno façam o julgamento do valor dos seus trabalhos. Assim irão aprendendo a julgar e verão que as notas são apenas símbolos de maior ou menor rendimento.
- Fazer avaliação do trabalho individual e de grupo alternadamente, a fim de que cada aluno possa oportunamente desenvolver as suas capacidades de trabalho individual e colectivo.
- Devem ser adoptados processos de avaliação que impeçam a fraude, não através da vigilância, mas porque a situação proposta a torna impossível.

1721052

O que não se deve fazer...

Estimular de qualquer forma a memorização. As informações devem servir apenas como elementos de reflexão e julgamento. Exigir respostas-padrão seguindo servilmente o texto do Manual.

Fazer julgamentos rigorosíssimos em termos quantitativos. Os recursos actuais de verificação não permitem este rigor. Adoptam-se actualmente cinco conceitos flexíveis - Muito Bom, Bom, Suficiente, Mediocore e Mau.

Deixar de dar nova oportunidade ao aluno. O que se pretende é que ele aprenda. Sempre que quiser recuperar, deve ter nova oportunidade.

Julgar-se autoridade infalível ao classificar uma prova, evitando justificar ou discutir a classificação atribuída a uma prova.

Demorar várias semanas até corrigir e entregar as provas feitas pela classe. Desse modo, perde-se o valor educativo que a prova pode ter, no sentido de corrigir erros graves cometidos em determinada matéria.

Apresentar uma prova demasiado extensa para os 45m disponíveis ou limitada apenas a uma ou 2 questões.

172/052

270111

BIBLIOG. DA HISTÓRIA.BIBLIOGRAFIA.

CADRETS PEDAGOGIQUES- Nº 65 E Nº 66- L'ENSEIGNEMENT DE L'HISTOIRE

DANGE, E.H.- La place de l'Histoire dans les établissements des secondaires - Armand Colin, 1969; e Bourrelly

L'ENSEIGNEMENT DE L'HISTOIRE ET LA REVISION DES MANUELS

HISTOIRE- Strasbourg, 1967-Conseil de la Coopération Culturelle du Conseil de l'Europe

LEIP E MERTIN-Didáctica de la historia y la geografía- Buenos Aires, Kapelus 3 1961.

MARECHAL, PAUL- L'HISTOIRE en question-Col, Bourrelly-A, Colin,

- L'Initiation à l'Histoire par le Document 3 tomos, SEVEN, 1956/1958/1962

POINSSAC-NIEL, Josette-Technologie Éducative et Histoire- Pédagogie d'aujourd'hui-Puf

REINHARD, FERNET- O ensino da História e os seus problemas- Atlântida Editora, Coimbra.

SAUGIER, ROGER- Comment enseigner l'Histoire, Guide pour les professeurs de l'enseignement secondaire. Montreal, 1966.

IMELIOV, A.N.- As aulas de História no II Grau.

172/052

conteúdo
do programa

270111

UNIDADE I.

INTRODUÇÃO

O objectivo da Introdução é despertar o interesse do aluno para o estudo da História em geral e dentro dela para o estudo da História do seu país e do continente africano.

- Convém realçar que a História que vai estudar é uma história:
- de carácter científico (baseada em factos e dados objectivos)
 - de interpretação materialista e dialéctica (importância da base económica das sociedades, papel das massas e da luta de classes) etc,
 - em oposição à concepção e interpretação idealista,
 - deve ter uma perspectiva africana,
 - deve contribuir para a descolonização da mentalidade dando o devido valor ao passado africano e nacional negro durante a época colonial,
 - deve contribuir para largar o horizonte cognoscitivo do aluno para o conhecimento de outros povos e outros continentes,
 - deve contribuir para a formação político-ideológica que servirá para o aluno reforçar a determinação de lutar contra todas as formas de neo-colonialismo e imperialismo.

Na 1ª aula, o professor deverá através do diálogo com os seus alunos fazer um diagnóstico sobre a ideia que fazem da História.

Deve fazer também compreender aos alunos que a História de Angola que eles aprenderam na 6ª classe faz parte de um processo mais vasto que é o da História da Humanidade que vão começar a estudar.

172/DS2

A História como Ciência

Nas aulas seguintes o aluno entrará na matéria propriamente dita desta subunidade. O objectivo geral desta sub-unidade é que o aluno adquira a noção de que a História é uma ciência, isto é, uma disciplina baseada na realidade objectiva devendo obedecer a métodos rigorosos de pesquisa e investigação. Esta noção o aluno vai-a desenvolvendo ao longo do seu estudo da História devendo transformar-se em conceito perfeitamente elaborado no fim do 3º nível. Deverá também começar a familiarizar-se com os seguintes conceitos que ele já abordou sob a forma de noções na 6ª classe e que vai adquirir ao longo da 7ª:

- progresso social
- desigualdade de bens
- exploração
- classes sociais
- luta de classes

O objectivo específico desta sub-unidade é que o aluno adquira os seguintes conceitos:

- fontes históricas
 - tempo histórico
 - factos históricos
- O professor deverá explicar aos alunos o valor das fontes históricas mostrando-lhes que só através delas se pode conhecer o passado da Humanidade. Para isso deverá destacar o papel das escavações arqueológicas, e a importância dos monumentos históricos, dos documentos escritos e das tradições orais. O professor deverá realçar o contributo destas para a história africana, mostrando ao aluno a urgência da recolha da tradição e do testemunho oral junto dos mais velhos para uma futura reconstituição da história nacional. No entanto já existe alguma tradição oral recolhida e transcrita que poderá servir para uma primeira abordagem ao estudo desta fonte histórica; é o caso por exemplo do documento nº 2 desta unidade:

172/DS2

A tradição oral dos Bapedi que deverá ser analisada na aula. Mas o professor deverá alertar os alunos para a crítica histórica, isto é, os cuidados que o historiador deve ter com a utilização da tradição oral ou de qualquer outra fonte histórica pois ela, embora nos dê informações valiosas, (como viviam os homens daquela época, o que faziam, como lutavam para controlar a natureza ou contra a exploração, etc.), é também o reflexo da mentalidade e dos interesses de quem a escreveu ou transmitiu. Assim deve-se ter em conta quem é o autor ou autores do documento ou da tradição; a que classe social pertenciam; com que interesse escreveram ou contaram; para quem, em que circunstâncias, etc.

Embora esta crítica metódica seja trabalho do historiador o professor deve começar a ensinar os seus alunos no trabalho com o documento histórico com o objectivo de desenvolver a sua capacidade crítica e de relação (com o presente por exemplo).

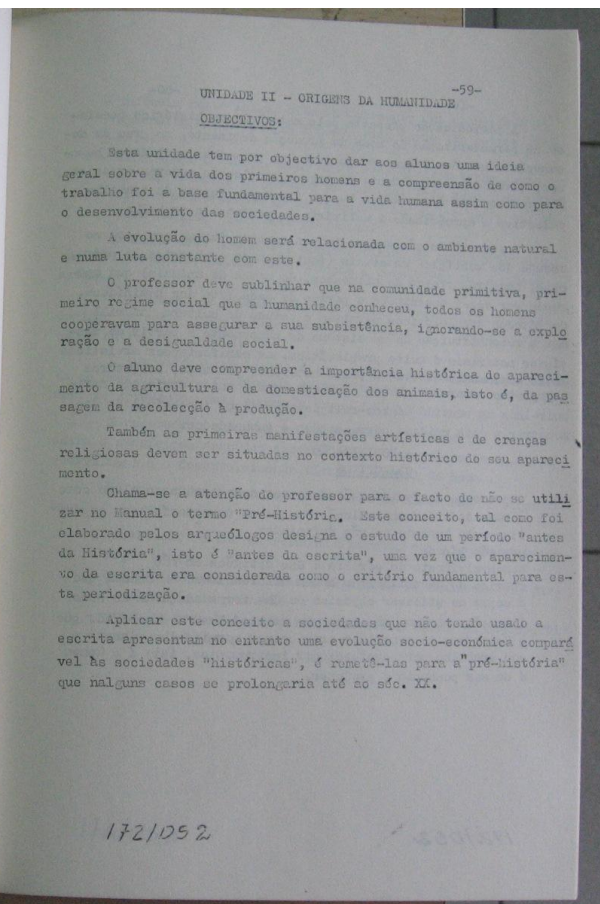
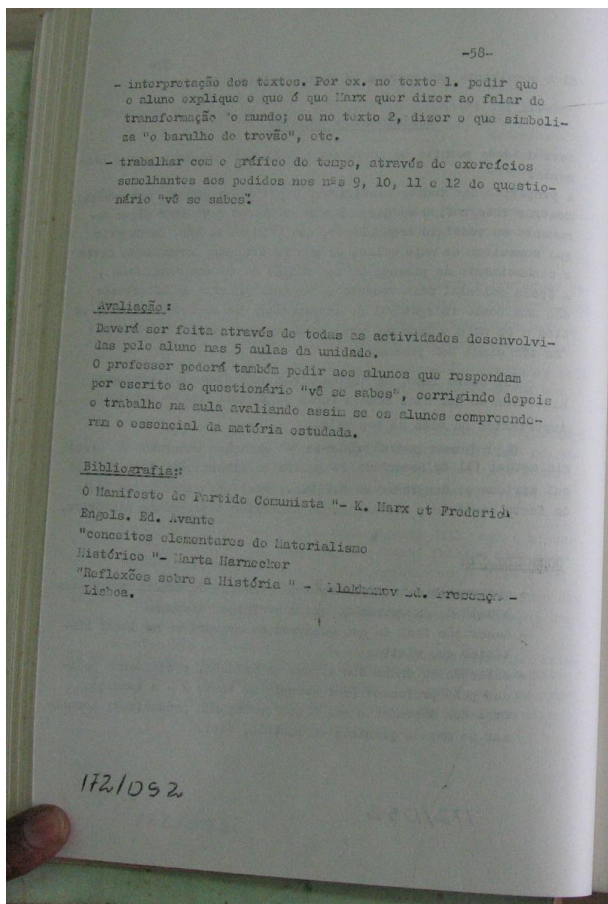
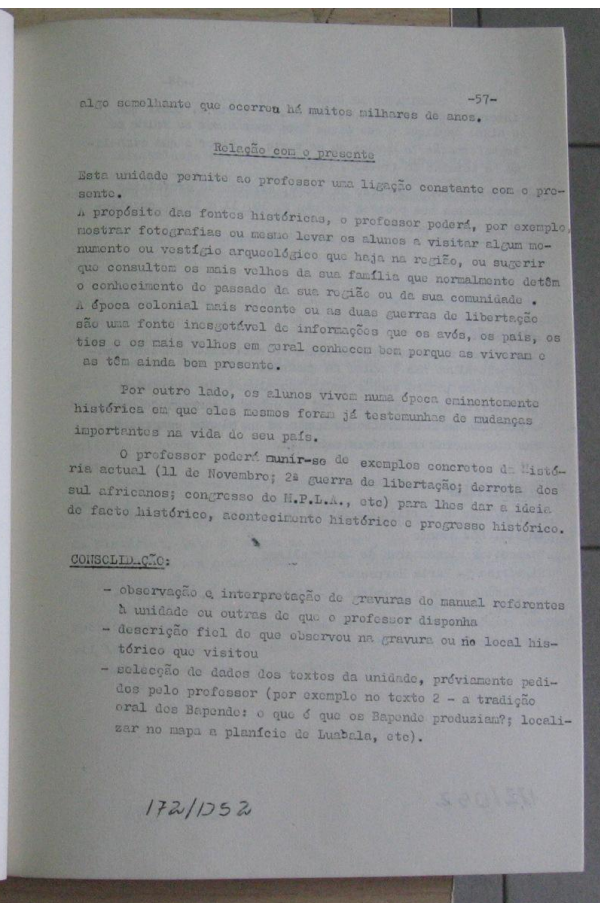
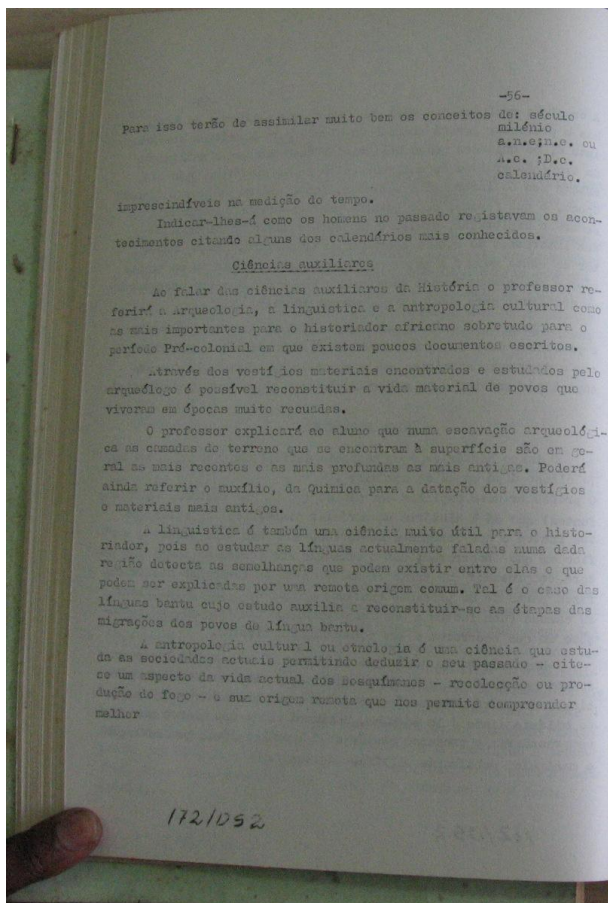
- Tempo histórico

O tempo histórico é um conceito difícil mas que um aluno da 7ª classe já capaz de aprender.

O professor deve explicar aos alunos que um dos factores (além das fontes) que dá à história um carácter científico é a colocação dos factos e dos fenómenos históricos na época e no quadro geográfico em que ocorreram; sem a situação dos factos no tempo não poderá compreender-se que tanto os factos como os fenómenos históricos fazem parte de um processo contínuo em que se podem identificar as causas (dos factos e dos acontecimentos históricos), as condições em que ocorreram e que consequências tiveram.

Baseando-se na noção que os alunos já têm de século, o professor mostrará que a História antiga que eles vão estudar na 7ª classe abarca muitos séculos e terá que trabalhar com a noção de milénio, isto é 10 séculos. Mostrará ainda aos alunos que para compreenderem o processo histórico é imprescindível que comecem a manipular habilmente o gráfico de tempo.

172/DS2



A periodização proposta pelo materialismo histórico baseia-se na caracterização do modo de produção dominante, no grau de desenvolvimento das forças produtivas. As primeiras sociedades humanas, vivendo essencialmente da caça e recolheção estavam organizadas em pequenas comunidades em que imperavam regras de trabalho colectivo e apropriação igualitária do produto do trabalho.

A reconstrução desses tempos remotos faz-se com base no estudo dos vestígios materiais (instrumentos e objectos de pedra, osso, madeira, restos de alimentos, de osso de animal) que aparecem por vezes associados a partes do esqueleto dos hominídeos. Os métodos arqueológicos permitem o estudo da cultura material mas a reconstrução de um sistema de pensamento a partir de vestígios materiais é muito problemática. As manifestações artísticas estão amplamente atestadas pelas numerosas pinturas, esculturas e objectos decorados que se conhecem, mas é muito arriscado atribuir-lhes um sentido mágico-religioso preciso, impossível de demonstrar a esta unidade correspondem 4 subunidades.

1- A HOMINIZAÇÃO OBJECTIVOS

O processo da Hominização deve ser apresentado ao aluno como o resultado de uma evolução em que as características específicas humanas se vão definindo:

- posição bípede
- desenvolvimento do cérebro e das aptidões da mão
- fabrico de utensílios e homem diferenciado do animal que é capaz de utilizar objectos de uma forma adequada às suas intenções mas que não consegue utilizá-los. A consciência que o Homem tem de memorizar e raciocinar permite-lhe planear o seu trabalho para confeccionar instrumentos, isto é o Homem é um ser pensante e produtor.

172/052

- infância muito longa: o Homem apresenta uma capacidade de aprendizagem muito mais desenvolvida que a dos outros animais.
- linguagem: é através dela que é assegurada a transmissão de experiências de geração em geração. Isto supõe uma memória, a constituição de um "arquivo" ao qual o Homem recorre para realizar cada novo progresso.

O aluno deve conhecer o aspecto físico do homem primitivo, que só há cerca de 30.000 anos começou a parecer-se com o homem actual.

O processo da Hominização é difícil de reconstruir, é um domínio em que a ciência constantemente aumenta dados novos, pondo outros em questão.

O que está estabelecido é que seres cada vez mais semelhantes ao homem actual, fabricando utensílios cada vez mais aperfeiçoados, se apresentam numa sucessão cronológica.

É necessário que o aluno compreenda a relação que existe entre o aperfeiçoamento dos instrumentos, o aparecimento de novas actividades e o desenvolvimento físico e mental do homem.

Os pontos fundamentais da evolução do homem são os seguintes:

- libertação do cão em relação à marcha, com a passagem à posição erecta
- desenvolvimento do cérebro. Regressão da mandíbula que perde a função de preensão
- papel do trabalho no aperfeiçoamento da mão e no desenvolvimento do cérebro.

172/052

O professor deve insistir em que África é a única região do mundo onde até à data foram encontradas vestígios de todos os hominídeos que se pensa terem antecedido o homem sapiens. Daí não se deve concluir que essa evolução só se deu no continente africano, mas apenas que aqui ela foi detectada nas suas principais etapas. Estudos a realizar no continente asiático, por exemplo, podem revelar af a mesma sequência.

O problema da evolução do homem está envolto em preconceitos variados, no conhecimento social que dela se tem. Por isso a fidelidade ao que a ciência vai descobrindo é uma regra importante.

A diferenciação racial deve ser apresentada como um fenómeno biológico resultante do isolamento em que viviam os grupos humanos.

CONCEITOS A SUBLINHAR

Desta subunidade o aluno deve adquirir os seguintes conceitos:

- Evolução
- Hominização

MOTIVAÇÃO:

Na motivação desta subunidade o professor deve ter em conta que sobre a origem do homem os alunos têm em geral algumas ideias confusas, nas quais predominam quer o preconceito religioso (por exemplo o mito da origem do homem, na Bíblia dos Cristãos) quer a ideia pseudo-científica de que o homem "desce" do macaco.

172/052

O primeiro aspecto em que o professor deve insistir é o da possibilidade de se ter um conhecimento científico sobre este assunto. Efectivamente os métodos arqueológicos de escavação e datação dos achados ósseos dos diferentes hominídeos permitem estabelecer a sucessão cronológica do seu aparecimento. E essa sucessão revela a existência de seres cada vez mais semelhantes ao homem actual. A Hominização é portanto o processo evolutivo que conduziu ao aparecimento do Homem Sapiens.

O facto de a Hominização se situar num processo mais geral de evolução das espécies e do aparecimento da vida, a necessidade de combater o preconceito religioso da criação "divina" do homem, levou à generalização da ideia simplificada de que o homem descendia do macaco.

Também o macaco actual surge no termo de uma evolução; mas se compararmos os primeiros hominídeos com algum grande símio contemporâneo vemos que há entre eles uma diferença fundamental que reside na adaptação do esqueleto do australopithecus à marcha bípede (adaptação visível em toda a estrutura: tipo de osso ilíaco, planta do pé, implantação do crânio sobre a coluna, etc). Se quiséssemos encontrar um antepassado comum ao homem e macacos actuais seria necessário recuar no processo evolutivo das primatas a cerca de 15 milhões de anos.

Um outro ponto que o professor poderá abordar na motivação desta subunidade é o da diferenciação racial, alargando este tema ao de racismo como tentativa de legitimação ideológica de situações de domínio e opressão.

Sempre que grupos de raças diferentes se encontraram em situação de conquista, conflito, etc. essa diferença racial, coincidindo por vezes com outras de natureza económica e cultural, foi invocada como justificação da conquista, domínio ou hierarquização social.

172/052

Foi no entanto com o colonialismo que a discriminação social se generalizou. A justificação ideológica da exploração económica e da dominação colonial, da destruição cultural, baseava-se na "difusão do progresso, da verdadeira religião, de leis mais justas" junto de povos "atrazados, com uma cultura inferior, pouco evoluída". O colonialismo estendeu-se a vários continentes e em todos eles foi sempre invocada uma supremacia cultural europeia como legitimação da acção de conquista. Neste contexto, a "cor", como elemento de identificação mais fácil acabou por tornar-se o critério intrínseco de apreciação do indivíduo. A discriminação racial tinha assim como objectivo manter uma situação de dominação e exploração económica.

O conceito de raça é hoje objecto de grande controvérsia, do ponto de vista da biologia. Sobre este assunto o professor de História deverá consultar o professor de Biologia (da classe) no sentido de poder melhor esclarecer questões eventualmente postas pelos alunos. Há que ter em conta o interesse que estes assuntos sempre despertam num país como Angola, recentemente libertado de uma dominação colonial de que a discriminação racial era um dos aspectos. Ele contribuiu para a interiorização de comportamentos que marcam ainda hoje o povo angolano. O entendimento das condições históricas em que se desenvolveu o racismo é necessário para a compreensão desse fenómeno.

CONSOLIDAÇÃO

- Interpretar no quadro do Manual (Evolução do Homem e dos seus utensílios) a evolução paralela do homem e dos instrumentos.
- Relacionar o texto de Engels com o quadro anterior.
- Identificar características próprias que distinguem o homem do macaco, utilizando o quadro comparativo do Manual (crânio, mão e posição do corpo).

172/DS2

2- COMUNIDADE PRIMITIVA

OBJECTIVOS:

O aluno deve conhecer as principais ocupações e instrumentos de trabalho dos primeiros homens; analisar como eles foram aperfeiçoando os instrumentos; compreender como o carácter rudimentar desses instrumentos torna necessária a cooperação entre os homens.

Deve também o aluno entender como o desenvolvimento dos instrumentos e da técnica favoreceu o aparecimento de novas actividades (a pesca com arpo de osso, por exemplo) e o aperfeiçoamento dos métodos de caça (com o arco e a flecha tornou-se mais fácil a captura de grandes animais).

A "comunidade primitiva" foi o primeiro regime social em que os homens viveram. Ela pode caracterizar-se sumariamente da seguinte maneira:

- instrumentos de trabalho simples, sobretudo de pedra e osso
- distribuição equitativa
- igualdade de deveres e direitos
- relações de cooperação e não de exploração
- divisão de trabalho baseada no sexo e na idade
- dimensão: pequenos grupos, constituídos pelo número de indivíduos suficientes para assegurarem a cooperação, uma de acordo com as possibilidades de obter alimento.

A subsistência do caçador-recolector exigia uma grande adaptação ao meio: conhecimento dos hábitos dos animais (pontos de água que frequentam, comportamento em fuga, etc), das características das diferentes plantas, dos recursos que variam com as estações. Isso tornava necessário um conhecimento exaustivo de um dado território que só era abandonado quando os seus recursos se esgotavam. Portanto o modo de vida dos primeiros homens implicava já uma certa permanência num local, sem um carácter totalmente errante.

172/DS2

CONCEITOS A SUBLINHAR:

Recolecção
Comunidade primitiva
cooperação
clã

MOTIVAÇÃO

Nesta subunidade o professor terá ocasião de aludir a algumas sociedades actuais de caçadores e recolectores, referindo concretamente o caso dos Kung (Boschimanos).

Em primeiro lugar o professor deve alertar os alunos para o sentido do termo "primitivo" aplicado por vezes a essas sociedades. É errado utilizá-lo, por várias razões: entre essas sociedades actuais e as primitivas (no sentido de primeiras) sociedades de caçadores recolectores distam cerca de 20.000 anos e não é possível pensar que durante todo esse tempo não tenha havido mudanças profundas; por outro lado, o termo "primitivo" comporta um sentido pejorativo, de inferiorização de culturas e sociedades que, embora apresentem uma tecnologia rudimentar - que aliás está ligada ao aproveitamento racional dos recursos existentes - em muitos outros aspectos (regras de parentesco, arte, concepções religiosas, normas de comportamento) atingem um grau de elaboração e complexidade que nada tem de rudimentar.

Existem actualmente sociedades de caçadores recolectores em vários pontos do mundo, adaptados a meios diferentes, desde as regiões polares (Esquimós), à floresta tropical (Pigmeus) aos meios semi-desérticos (Boschimanos).

ÁREA ACTUALMENTE HABITADA PELOS
POVOS KHOI-SAN, que abrangem os
actuais estados: Angola, Namíbia,
Botswana e Zâmbia



172/DS2

Os Khoisan - designação correcta dos povos Boschimanos e Hotentotes - ocupavam nos séculos milénios a.n.d. a parte central e sul do continente africano. A localização actual em torno de Kalari (e no sul de Angola também) dos Boschimanos é o resultado do processo histórico de expansão dos povos de língua bantu, tecnicamente melhor equipados (agricultura e instrumentos de ferro ver Unidade V do Manual).

Com a colonização, os Boschimanos, como outros povos do espaço angolano foram sujeitos a uma destruição cultural. Mas a fraca penetração do capitalismo em áreas pouco propícias ao desenvolvimento de uma economia colonial (sem recursos agrícolas ou mineiros) permitiu uma maior preservação de um modo de vida próprio.

O professor deve esforçar-se por dar a conhecer aos alunos a realidade da formação social angolana, em que coexistem diferentes modos de produção, diversamente alterados pelo colonialismo. Entre os povos angolanos encontram-se hoje alguns que se dedicam predominantemente à caça e recolecção (Boschimanos), à pastorícia (Nacubais), à agricultura (Ovimbundu).

CONSOLIDAÇÃO:

- Elaborar um esquema que represente as características da comunidade primitiva
- Localizar um mapa de Angola, as zonas geográficas desértica e semi-desértica, e as regiões de povoamento actual bosquimanos.
- representar graficamente a composição de um clã (conjunto de várias famílias).

responder ao questionário.

172/DS2

3. REVOLUÇÃO NEOLÍTICA

OBJECTIVOS

Deve-se explicar ao aluno porque se fala em "Revolução neolítica": "revolução" porque as transformações que ocorrem terão uma repercussão a nível económico e social que contribuirá para a desintegração da comunidade primitiva; "neolítica" porque essas transformações (agricultura e criação de gado) estiveram ligadas à adopção de uma nova técnica de fabrico de instrumentos de pedra, que passaram a ser polidos e mais diversificados de acordo com a finalidade.

O aluno deve portanto compreender a importância histórica de novas práticas que transformam o homem em produtor de alimentos. Ele deve também entender as causas do aparecimento da agricultura e da pastorícia.

Será ocasião para o professor esclarecer o conceito de "invenção". Pela observação das plantas, do seu ciclo vegetativo, pouco a pouco os homens devem ter-se apercebido do seu processo, reprodutivo passando a "prover" - isto é, seleccionando as sementes das plantas que mais interessavam do ponto de vista alimentar. Esta "invenção" deve ter ocorrido em vários pontos, em datas diferentes, sendo de admitir também a hipótese de uma difusão a partir de certos centros.

A passagem da recolha à agricultura contribuiu para a fixação das comunidades: a preparação da terra, as sementeiras, o amadurecimento, as colheitas, o armazenamento, tudo isso exigia a permanência dos homens em dado território. Por outro lado a agricultura fornecia recursos para alimentar um maior número de homens e ainda a existência de um excedente, que podia servir para alimentar trocas ou para entesouramento.

Deve o professor esclarecer os mecanismos que levaram ao aparecimento de um excedente. O uso de novos materiais, a experiência acumulada, o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho provocaram um aumento da produtividade e fizeram aparecer um excedente.

172/DS2

Da possibilidade de se apropriarem do excedente, resultou que certos indivíduos ou famílias foram adquirindo um predomínio que instaurou uma desigualdade social e relações de exploração. Assim se desagregou a comunidade primitiva.

É importante que o professor sublinhe portanto o alicerce das transformações ligadas a esta "Revolução Neolítica". Mas ela não deve ser entendida como um processo rápido que atingiu simultaneamente todas as regiões do mundo. Assim, em muitas regiões cujo recursos eram suficientes para alimentar uma população de caçadores - recolectores, a "invenção" da agricultura só se fez muito tardiamente, ou só foi introduzida por influência de outros povos que já a praticavam.

Por outro lado, as transformações ligadas a esta "Revolução" (agricultura, pastorícia, instrumentos de pedra polida, cerâmica, roda, etc) não sempre apareceram todas ao mesmo tempo: mais tarde, regiões onde só são conhecidos instrumentos de pedra lascada podem encontrar-se sinais de cultivo de plantas; a cega e a recolecção continuam a fornecer um suplemento alimentar importante mesmo em sociedades que praticam a agricultura desde há muito; instrumentos de pedra polida e lascada coexistem nos mesmos locais, etc.

Conceitos a sublinhar:

São os seguintes conceitos que o aluno deve aprender nesta subunidade:

Neolítico
agricultura
produção
domesticação
divisão social do trabalho
produtividade
excedente

172/DS2

MOTIVAÇÃO

Em Angola conhecem-se algumas estações arqueológicas com instrumentos de paleolítico, desde o paleolítico antigo à fase final, caracterizada pela existência de instrumentos de pedra de pequenas dimensões, muito diferenciadas (buris, raspadeiras, agulhas, pontas de flecha, etc). Mas a investigação arqueológica é, ainda muito escassa restringindo-se a algumas localidades. É talves essa ausência de uma pesquisa suficientemente desenvolvida que justifica que quase nada se saiba da período neolítico em Angola: não se conhecem instrumentos de pedra polida e os primeiros sinais de cultivo de plantas surgem associados a instrumentos de ferro. Isto levou alguns historiadores a afirmar que no espaço angolano não tinha havido neolítico e que só mais tarde com a vinda de povos bantus a agricultura aqui foi introduzida, a par dos instrumentos de ferro.

Convém portanto que o professor esteja atento a este aspecto no sentido de poder esclarecer as questões que a tal propósito possam ser levantadas pelos alunos.

Nesta subunidade o professor poderá perspectivar a importância da agricultura como meio de subsistência, tendo em conta o tipo de agricultura que é praticada em Angola, em que 85% da população é camponesa.

O professor deve distinguir as várias formas que a prática da agricultura aqui reveste: agricultura de subsistência, pequena agricultura produzindo para o mercado, grandes plantações, monocultura. Poderá então analisar a sua importância na actual fase de Reconstrução Nacional, e seu papel no desenvolvimento económico de Angola.

A propósito da pastorícia o professor pode referir os povos angolanos cujo modo de vida repousa essencialmente na criação do gado, de que deriva certas características sociais (por exemplo os lucubais).

172/DS2

A desertificação do Sara é um processo contínuo e que ocorre também noutras regiões do continente, como seja na Namíbia, em torno de Kalahari. Nos últimos anos as populações da zona sahariana (isto é a sul, do deserto do Sara) têm sido gravemente afectadas por essa fenómeno, cuja idêntica se verifica no deserto de Namibe que vem a secar progressivamente nos últimos 10.000 anos. Convém a propósito recordar que essa desertificação progressiva virá provocar modificações climáticas em regiões actualmente férteis do nosso país.

Por esse motivo toda a acção de repovoamento florestal tem carácter urgente a fim de prevenir uma situação de seca cada vez mais preocupante. A escola pode aqui mobilizar os alunos para campanhas de plantação de árvores.

CONSOLIDAÇÃO:

- Localizar no mapa de Angola as estações arqueológicas mais importantes.
- recolher informações sobre possíveis vestígios pré-históricos existentes na região.
- Elaborar um mapa comparativo da maior ou menor antiguidade da utilização das técnicas agrícolas nos vários continentes.
- Elaborar um esquema que indique a relação entre os instrumentos de trabalho e o aumento da produção e aparecimento de excedentes.
- definir produção e produtividade

172/DS2

4- PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E RELIGIOSAS

OBJECTIVOS:

O objectivo desta subunidade é situar o fenómeno religioso como uma primeira tentativa de explicação dos fenómenos naturais, surgida em condições históricas precisas. Pretende-se por outro lado ver que ligação existia entre as manifestações artísticas e as concepções religiosas.

O aluno deve aporcar-se que os temas dessas pinturas e gravuras estão intimamente ligados ao modo de vida desses primeiros homens: animais, crenças de caça são os temas fundamentais. A figura humana raras vezes é representada.

Analisando as figuras do Manual que reproduzem pinturas de diferentes regiões africanas o professor deve chamar a atenção para o realismo com que são representados os animais, isto é para a capacidade que os primeiros homens tinham de criar a ilusão de realidade. No entanto, como pode ser observado noutras figuras, também se faziam representações esquemáticas e abstractas.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

Arte
religião
magia
ritual

172/052

MOTIVAÇÃO

O melhor processo de motivar os alunos para este tema é recorrer no início da aula à observação de pinturas e gravuras rupestres, se possível de diferentes partes do mundo.

A partir daí os alunos naturalmente vão inquirir de significado de tais manifestações artísticas. Não é absolutamente clara a explicação que hoje se atribui às representações de animais.

Como hipótese julga-se que os homens pintavam elefantes, ursos, pacaças, veados, etc. a fim de praticar cerimónias mágicas que, segundo criam, proporcionassem uma abundante e fácil apanha de comida. A crença na magia tem pois uma origem muito remota e nomeadamente entre caçadores e agricultores da actualidade e de várias continentes. Muitos povos recorrem a práticas mágicas a fim de favorecerem a colheita de cereais ou de colheitas abundantes. Quando as técnicas utilizadas são rudimentares e os recursos escassos, os povos recorrem-se da magia pois creem que as forças sobre naturais lhes poderão valer. Com efeito creem que essas forças existem e que são mais poderosas que o esforço desenvolvido pela comunidade.

O culto dos mortos praticado nas origens, da humanidade é outra manifestação religiosa. Com efeito a morte não era compreendida. Colocar comida, bebida, armas e instrumentos no túmulo devia significar que o morto tinha necessidade dessas coisas na "outra vida". Provavelmente acreditava-se que depois de viver neste mundo o morto ia viver "noutro mundo". Assim surgiu pois a crença na imortalidade da alma, que viria a ser aceite e defendida por todas as religiões que surgiram na história.

Na Angola praticam-se ainda hoje várias cerimónias fúnebres, inspiradas quer na religião tradicional quer no cristianismo. Existem vestígios de construções tumulares notáveis pelo seu valor artístico: tal é o caso dos túmulos da região da Quibala, das placas fúnebres da região de Ambriste e de Moçamedes. Sobre este assunto o professor poderá consultar a bibliografia que contém gravuras.

172/052

CONSIDERAÇÃO:

- descrever as gravuras do Manual, e relacioná-las com a vida quotidiana dos seus autores.
- recolher informações sobre a existência de pinturas rupestres em Angola e na própria região.
- procurar sobrevivências do culto dos mortos e seu significado.
- reproduzir algumas pinturas rupestres a fim de elaborar uma exposição (em colaboração com o professor de Educação Visual e Plástica).

172/052

BIBLIOGRAFIA

- PAGAN, Brian "Africa Austral", Editorial Verbo, Lisboa, 1972
- CLARK, J. Desmond "A Pré-história da África", Editorial Verbo, Lisboa, 1973
- HUGOT, H.J. "L' Afrique Préhistorique", Hatier, Paris, 1970
- SURAT-CHAILLON, J. "Afrique Noire- Géographie, Civilisations, Histoire", Éditions Sociales, Paris, 1973
- KI-ZERBO, J. "Histoire de l' Afrique Noire", Hatier, Paris 1972
- BRVLDON, Carlos "Arqueologia do Tchitundo- Huile Maluma", Universidade de Luanda, 1974
- BRVLDON, Carlos e SAMPOS JUNIOR, J.R. "As pinturas rupestres do Camingiri", Luanda 1971
- OLIVEIRA, JORGE, V. "Breve introdução à Pré-história de Angola" in Boletim Cultural da Câmara Municipal de Sá da Bandeira nº 36 1974
- VILAS GULBERG, Manuel "Bochiranes de Angola" Lisboa 1968
- RODRIGUES, Adriano Vasco "Construções Bantas/peças em Angola" in Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola, 5 (2) 1968, pp. 169- 189

172/052

Esta unidade tem como objectivo apresentar aos alunos as primeiras sociedades de classes organizadas em Estado, surgidas em meios geográficos favoráveis (vales de grandes rios, de solo fértil e clima próprio).

O professor deverá começar por realçar a importância do factor geográfico no aparecimento de comunidades agrícolas que rapidamente evoluíram para uma forma de organização social avançada através de um trabalho árduo dos homens para transformar o meio.

Mostrará como a introdução de técnicas novas (trabalho dos metais, utilização da força animal, uso do arado) contribuiu para o desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, o que permitiu a estes povos antigos atingirem um grande aperfeiçoamento das técnicas agrícolas. Este domínio técnico levou-os a um complicado sistema de irrigação e controlo das cheias dos rios, a um extraordinário aumento da produção e à consequente acumulação de excedentes.

O professor ao apresentar estas 4 civilizações fluviais terá ocasião de explicar o mecanismo da passagem de uma sociedade sem classes mostrando como o Estado surge da necessidade das classes detentoras dos excedentes de produção controlarem, por um lado a economia e administração e por outro as restantes classes impedindo-as pela arma ideológica (no caso concreto, a religião) ou pela força (exércitos, tribunais e prisões), de por em questão a ordem social estabelecida.

Explicará ainda aos alunos como a ciência e a escrita foram aparecendo concomitantemente às necessidades práticas dos homens (matemática, astronomia medicina) tornando-se no entanto monopólio das classes dominantes.

172/DS2

quanto à literatura e a arte, o aluno estudará-as nas suas diferentes manifestações: arquitectura, escultura, pintura, etc. O antigo Egipto (túmulos, templos), da Índia (templos) e da China (a palha fortemente dirigida e controlada pelo Estado. Uma grande parte do tempo disponível para esta unidade é destinada ao Egipto por ser uma civilização africana e por ser aquela a que se deu mais desenvolvimento.

O aluno deverá portanto estudar esta civilização de uma forma mais aprofundada não esquecendo as influências que recebeu ou as implicações que teve no resto do continente africano. As outras 3 civilizações serão estudadas a título comparativo e sob a forma de trabalho de grupo.

Será uma ótima ocasião para o professor iniciar os alunos nesta técnica de trabalho, permitindo ao mesmo tempo desenvolver a capacidade de relação de factos e acontecimentos históricos e a capacidade de trabalho em equipa, indispensáveis para a formação da personalidade dos alunos. Ao fim da unidade os alunos deverão estar à altura de fazer uma síntese dos conhecimentos adquiridos através de uma caracterização geral das sociedades estudadas.

A avaliação deverá visar os conhecimentos adquiridos e as capacidades desenvolvidas.

1. O EGÍPTO

A Natureza e os 19s Habitantes

Objectivos:

- conhecer a situação geográfica do Antigo Egipto
- formar o conceito de condicionamento geográfico e a importância deste factor para o desenvolvimento da agricultura
- conhecer a origem do povoamento egípcio antigo

172/DS2

- saber que os egípcios nesta etapa viviam em condições primitivas e que perante as condições naturais existentes tiveram a necessidade de manter um trabalho colectivo organizado para poderem subsistir
- desenvolver a capacidade de situar e localizar no mapa dados anteriormente fornecidos pelo professor.

Conceitos a sublinhar:

- condicionamento geográfico
- povoamento e migração de populações
- comunidade primitiva

Motivação:

- Apresentar o Egipto como uma civilização africana, a mais antiga que nós conhecemos
- Referir a posição de encruzilhada que fez com que ainda hoje o Egipto tenha uma influência política preponderante na zona (nomeadamente nos problemas do Próximo Oriente)
- Mostrar que o Nilo continua a ter uma grande importância económica devendo no entanto ser "domesticado"; a barragem de Assuão foi a solução que os egípcios modernos encontraram para controlar o rio e aproveitar a sua energia.
- Fazer ressaltar o facto de o Egipto actualmente ser um país subdesenvolvido o que contrasta com a prosperidade e o brilho do antigo estado egípcio.
- referir que o estado de desenvolvimento de um povo depende da sua capacidade de dominar a natureza, de um maior ou menor isolamento em relação a outros povos, do desenvolvimento técnico.

172/DS2

Consolidação:

- Situar o Egipto num mapa de África ou num planisfério, fazendo destacar o carácter de encruzilhada desta região que a leva a ter contactos e receber influências de diversas regiões.
- Localizar no mapa de Egipto as regiões naturais mais importantes: vale, delta, desertos; alto Egipto, baixo Egipto. Realçar o facto de o rio correr de sul para norte, isto é, das montanhas da Abissínia e grandes lagoas para o Mediterrâneo.
- Observar e interpretar as gravuras de mural, descrevendo a paisagem natural e os vários tipos humanos representados.

Desenvolvimento da Agricultura

Objectivos:

- conhecer os objectos de trabalho e as actividades dos Egípcios
- aprofundar a ideia de que o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho tem influência nas ocupações dos homens
- conhecer a importância do trabalho do homem na transformação do vale do Nilo
- saber como no Egipto foi necessário o controlo e o aproveitamento das inundações para o desenvolvimento da agricultura
- compreender o mecanismo do aparecimento do excedente e o início da troca
- desenvolver as seguintes capacidades:
 - observação
 - selecção de dados pedidos
 - relação com o presente
 - relação de causa - efeito
 - síntese

172/DS2

Conceitos a sublinhar

- trabalhar
- transformação da natureza
- novas técnicas
- agricultura e criação do gado
- divisão do trabalho
- artesanato
- excedente da produção
- troca de produtos

Motivação

O professor deverá mostrar ao aluno que também no nosso país, na fase da reconstrução nacional que atravessamos, o trabalho e a introdução de uma tecnologia moderna são factores indispensáveis de desenvolvimento económico e social. Referirá no entanto que a tecnologia moderna é muito cara e que portanto há que aproveitar ao máximo os recursos locais e as técnicas tradicionais sempre que não haja outra alternativa.

Consolidação:

- observar as gravuras do manual e descrever os meios de trabalho utilizados pelos Egípcios (arado e chaduf)
- A partir do texto do manual descrever as possibilidades que oferece o papiro aos antigos egípcios (comparar as possibilidades que oferece aquela planta com as que oferece o trigo e o milho)
- Elaboração no quadro de um esquema que os alunos deverão apoiar para compreenderem como o desenvolvimento alcançado por esta sociedade possibilitou o início do comércio.

172/DS2

<u>Avanço Técnico</u>	<u>Aumento da Produção</u>	<u>Início do Comércio</u>
aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho e das técnicas de cultivo	Melhores colheitas e aparecimento de excedente	

Formação do Estado EgípcioObjectivos:

- Reconhecer que a produção de excedentes contribuiu para a desigualdade social dentro da comunidade egípcia
- entender como surge um grupo privilegiado no interior de clã
- compreender o mecanismo da passagem de um regime de comunidade primitiva para uma sociedade de classes
- observar que a existência de excedentes permitiu alimentar os cativos de guerra transformados em escravos.
- compreender o processo de unificação do Egito (dos nomes e formação de um reino único)
- desenvolver as capacidades de observação e relação de fenómenos: causa - consequências.

Conceitos a sublinhar

- clã
- nome
- desagregação da comunidade primitiva
- acumulação de bens
- desigualdade social
- aristocracia
- comunidade aldeã
- estado
- unificação política

172/DS2

Motivação:

O professor poderá referir aos alunos que existem actualmente ainda em África sociedades que vivem num regime económico - social comparável ao da sociedade egípcia no Egito onde o papel do chefe é relevante, onde as relações de produção são relativamente igualitárias, a estruturação social não é grande e as relações de parentesco são dominantes. Tal é o caso dos sebades.

Para que o aluno compreenda o que significa um estado unificado o professor poderá aludir ao facto de Angola no passado ter sido constituída por vários estados independentes uns dos outros (Kongo, Cassanga, Matamba, estado do planalto, etc) e hoje, depois de vários séculos de dominação colonial e da conquista da independência, constituir um Estado unificado com um chefe de Estado, um governo, um partido, uma administração, um exército e leis únicas para todo o país.

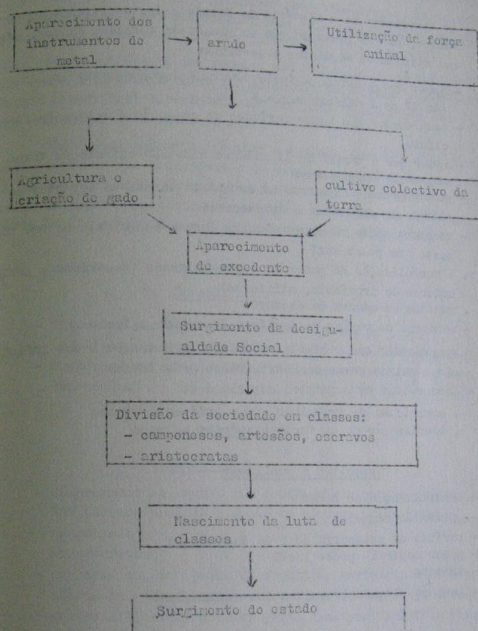
O professor deverá no entanto ter o cuidado de não comparar os dois processos (egípcio e angolano) que como é óbvio tiveram um carácter totalmente diferente e específico.

Consolidação:

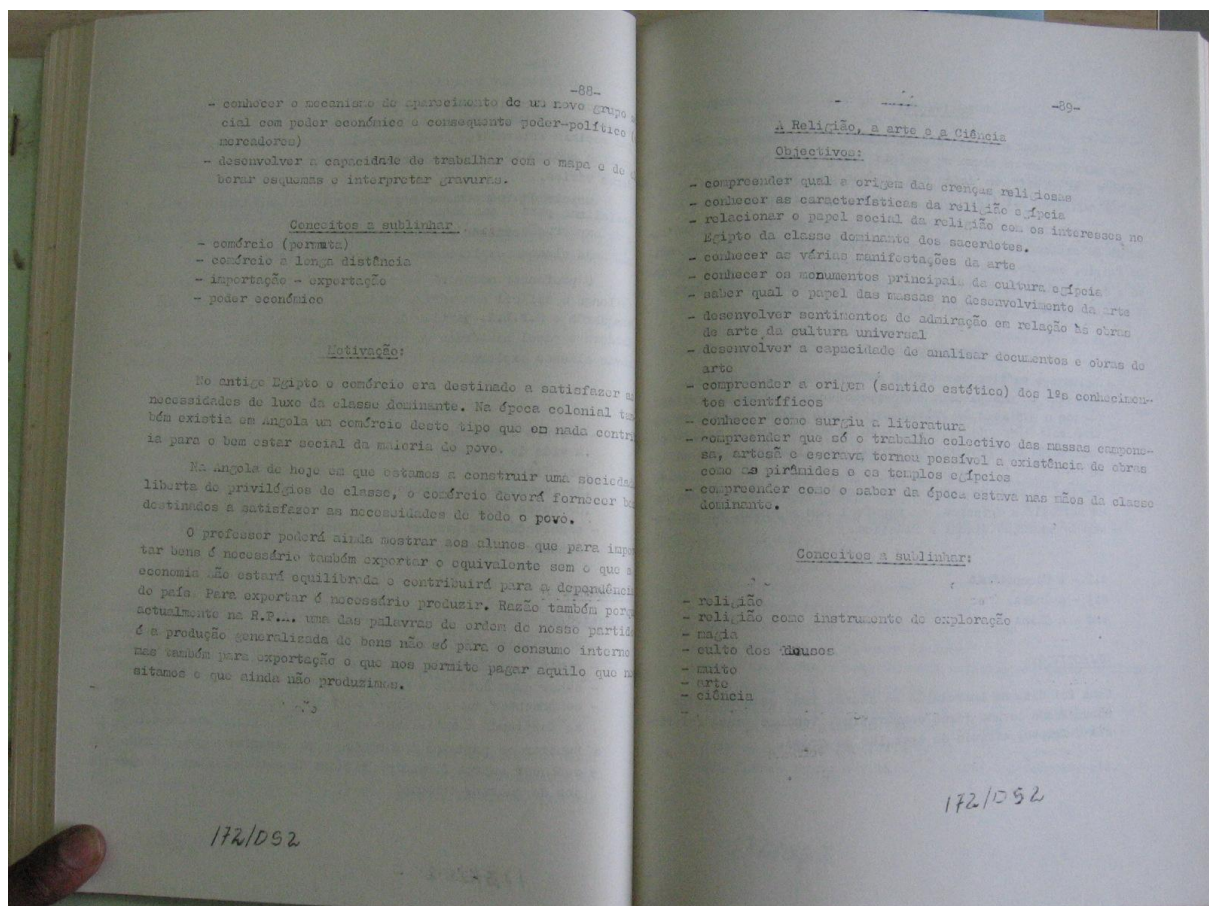
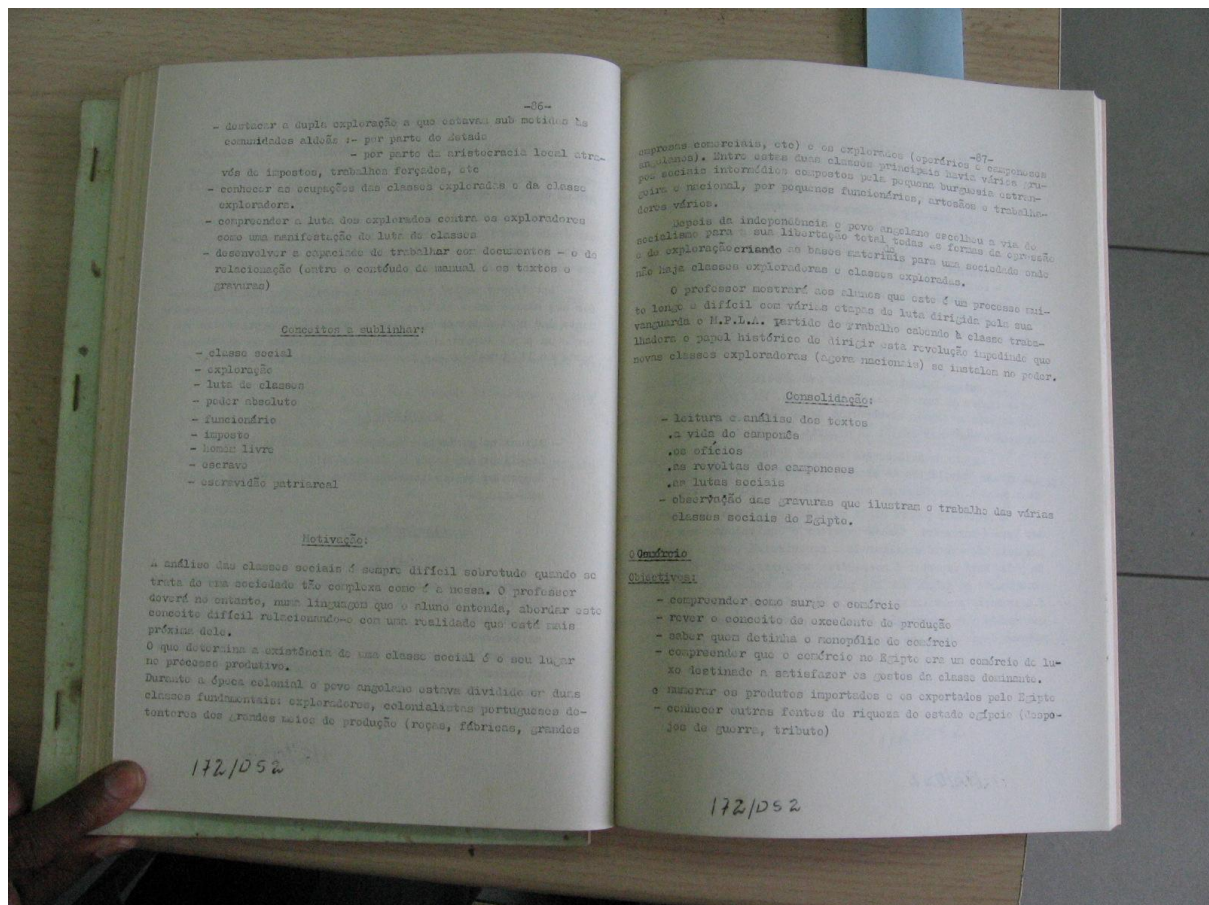
- Observação das gravuras do manual (fará com o aluno o símbolo do poder)
- elaboração no quadro de um esquema que mostre a relação que existe entre o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, o aparecimento de excedente e a desigualdade social (esquema que os alunos copiarão no caderno).

O esquema apresentado a seguir poderá ajudar o professor a sintetizar os conhecimentos adquiridos até agora pelo aluno antes de passar à análise das classes sociais.

172/DS2

Nascimento da desigualdade social e do Estado

172/DS2



...o explicar a origem das religiões o professor poderá contribuir para formar no aluno um espírito crítico em relação às explicações não científicas dadas aos fenómenos da vida corrente pelas religiões actuais.

Ao mostrar aos alunos como a religião egípcia foi um instrumento de exploração e de poder na mão da classe dominante do Antigo Egipto, comparando com o papel desempenhado pela Igreja durante a época colonial, o professor poderá alertar os alunos para o papel prejudicial que a religião pode desempenhar.

Consolidação:

- Leitura e análise dos textos referentes a esta unidade
- Redacção de uma pequena composição onde o aluno refira aspectos e práticas de religiões actuais (africanas ou de outras religiões que se recordam de dos Egípcios antigos).
- Observação das gravuras do manual que ilustram a sub-unidade
- desenho de um monumento, de uma estátua, de uma pintura ou de hieróglifos egípcios, se possível com a ajuda, do professor de Educação Visual e Plástica.

4.2 - A Mesopotâmia

4.3 - A Índia

4.4 - A China

OBJECTIVOS:

Como foi dito na introdução os alunos irão estudar estas subunidades de uma forma comparativa, tomando como referência o Egipto, através do trabalho de grupo.

Os objectivos a atingir e os conceitos a sublinhar serão semelhantes aos encontrados no estudo do Egipto, salvaguardando evidentemente a identidade de cada uma destas civilizações.

Quando surgirem conceitos novos, como por exemplo, o conceito de casta na Índia, ou de cidade na Mesopotâmia o professor deverá sublinhá-los e explicá-los aos alunos.

Os alunos dispõem de 9 tempos lectivos para este trabalho que poderá ser organizado em 3 fases:

1ª fase: (3 tempos) divisão da turma em grupos (máximo de 5 elementos) e distribuição das unidades; como o nº de alunos por turma neste momento é muito elevado, sugere-se que cada unidade (por exemplo a China) seja estudada por 2 grupos cada um deles estudando aspectos diferentes do mesmo tema.

Nesta 1ª fase os alunos deverão estudar individualmente a matéria destinada ao seu grupo, através da leitura do texto e dos documentos do manual, e da observação dos mapas e ilustrações do mesmo.

Cada aluno deverá tirar notas e fazer uma síntese do que estudou. Para atingir este objectivo será necessário que o professor dê uma instrução prévia chamando a atenção dos alunos para os pontos essenciais que eles deverão estudar em cada civilização analisada, tais como:

- situação geográfica
- qual a origem da população
- como estava organizada a produção
- que instrumentos de trabalho utilizavam
- como surgiram as classes sociais
- quais as classes sociais mais importantes; quais as classes exploradoras e as exploradas.
- como funcionava o Estado
- como se manifestava a luta de classes
- como se organizaram os impérios
- que formas tomou a religião, a arte e a ciência, etc.

172/DS2

O professor poderá utilizar o quadro negro para formular estas questões, ou apresentá-las num ficheiro para cada aluno.

Trata-se portanto de um estudo dirigido pelo professor, que deverá estar atento às dificuldades dos alunos e à organização do seu trabalho.

2ª fase: 3 tempos lectivos

- trabalho de grupo propriamente dito.

Cada aluno deverá dar conta aos outros elementos do grupo das suas observações e das notas que tomou, para em conjunto elaborarem uma síntese única que deverá ser apresentada à turma pelo relator do grupo.

Esta apresentação não se limitará a uma leitura; deve ser suficientemente viva para interessar todos os colegas.

É de sugerir portanto a elaboração de material de apoio à exposição: jornal mural; esquema no quadro; apresentação de fotos, grafins, etc. Para que o trabalho de grupo atinja o seu objectivo formativo isto é, aquisição de conhecimentos através do trabalho colectivo, é necessário que o grupo funcione bem. Antes do início do trabalho o professor deve alertar os alunos para as regras mínimas de um trabalho em equipa. Assim deverá fornecer aos grupos fichas de avaliação semelhante aquela proposta no capítulo 2 "Orientações Metodológicas" deste guia. Estas fichas têm 2 vertentes: serviram para os alunos avaliarem o seu comportamento e o funcionamento do seu grupo; e forneceram ao professor mais um elemento que lhe permita avaliar não só o conhecimento mas também as actividades e as capacidades ou dificuldades apresentadas pelos alunos durante o trabalho colectivo.

3ª fase: 3 tempos lectivos

É a fase de apresentação em que cada relator do grupo deverá apresentar um relatório sucinto do funcionamento do grupo e expor a matéria estudada.

O professor deverá limitar o tempo da exposição (10 a 15 min) de maneira a que depois dela todos os grupos possam intervir.

172/DS2

Para que os alunos não aprendam apenas a matéria estudada pelo seu grupo, o estudo da matéria dos outros grupos deve ser feito por todo o grupo, e o debate final deve ser interessante e produtivo para todos os alunos.

Depois de apresentadas todas as trabalhos o professor deverá fazer uma síntese final do trabalho realizado e proceder à avaliação do funcionamento dos grupos com base nas fichas de avaliação que cada grupo preencheu.

4.5 Caracterização geral das civilizações Fluviais Antigas.

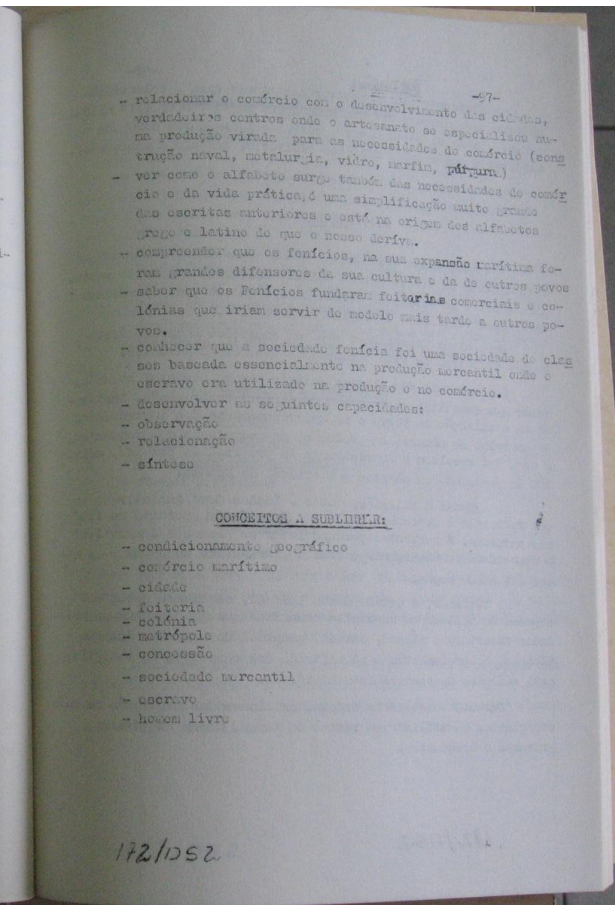
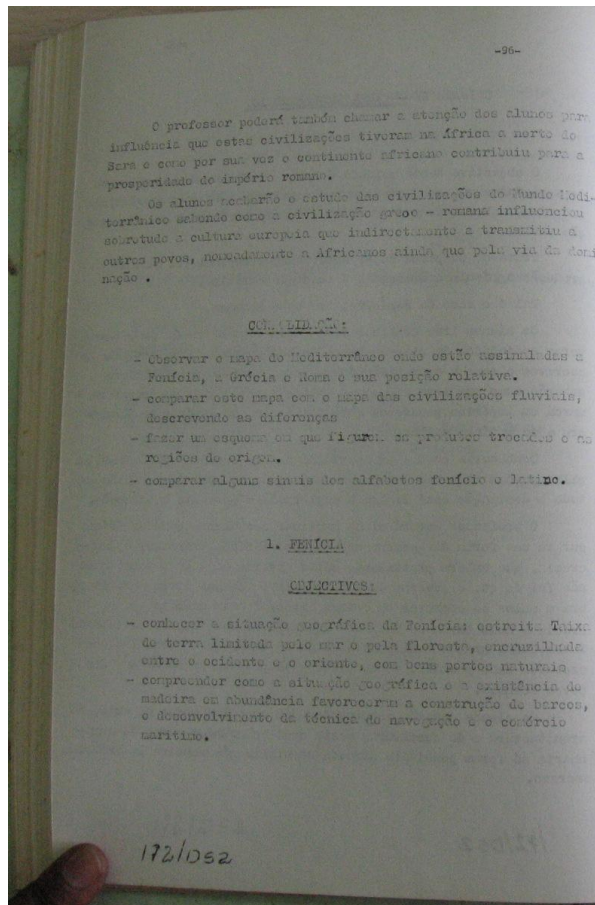
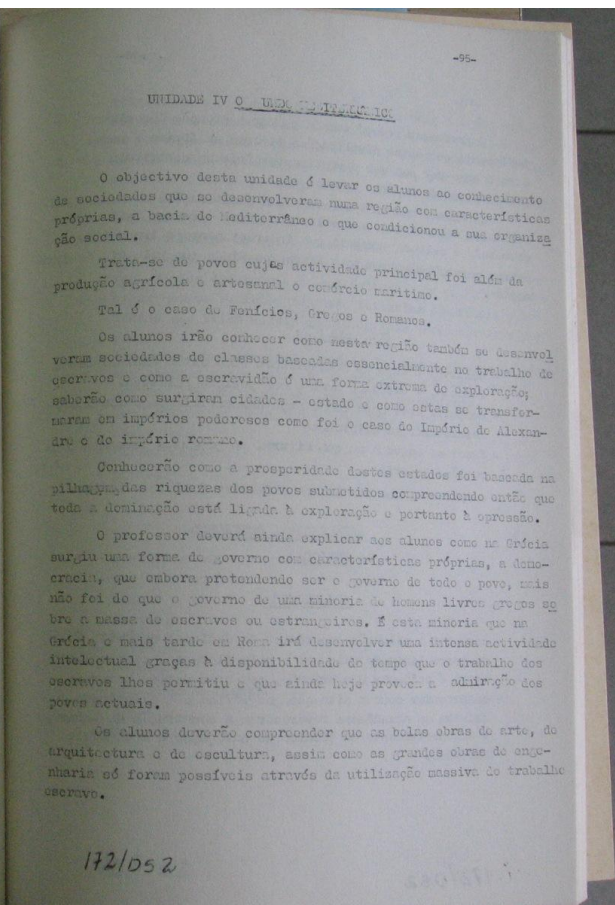
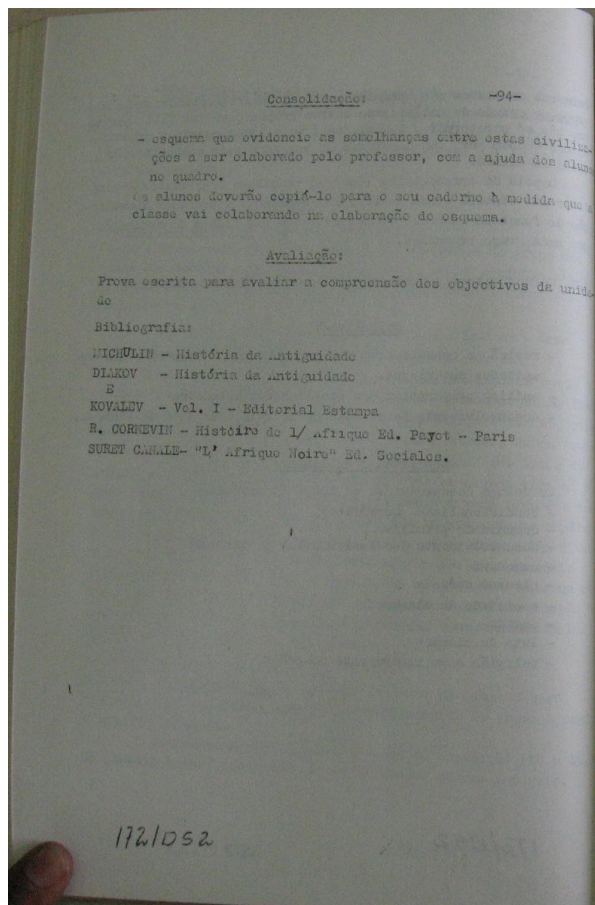
Objectivos:

- revisão e consolidação dos conhecimentos adquiridos nas subunidades anteriores.
- análise comparativa das civilizações estudadas
- desenvolvimento da capacidade de relação e de síntese.

Conceitos a sublinhar:

- os mesmos desenvolvidos ao longo da unidade
- condicionismo geográfico
- comunidade primitiva
- desenvolvimento dos instrumentos de trabalho
- excedente
- classes sociais
- sociedade de classes
- estado
- luta de classes
- religião como instrumento de poder

172/DS2



-98-
MOTIVAÇÃO:
O professor poderá mostrar aos alunos como a colonização moderna teve as suas origens numa época muito remota (II milénio a.n.e.) e como os Portugueses e outros colonizadores europeus se inspiraram nos modelos fenícios (feitoria, colónia e concessão).

2.2. OBJETIVOS:

O estudo desta Unidade tem grande importância uma vez que o contributo da Grécia para a cultura universal foi muito vasto. Não se trata de estudar a Grécia antiga que se pode claramente ver o desenvolvimento do regime escravagista.

Deve ainda destacar-se como as condições naturais desta região influíram na vida e ocupações dos seus habitantes.

O nascimento das classes sociais merece especial atenção, visto que constitui um processo de difícil compreensão. Insiste-se na utilização do ferro e no aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho no aumento da produção, na acumulação dos excedentes, e como daí resultou o aparecimento da propriedade privada, a divisão da sociedade em classes e a criação do Estado.

No estudo da religião, mitos e lendas deve insistir-se em que reflectem o desconhecimento e a impotência perante os fenómenos naturais. É portanto oportuno levar os alunos a desenvolver a capacidade de distinguir o real do fantástico ao estudar os mitos e lendas gregas.

No término, o estudo desta Unidade, os alunos devem ser capazes de aplicar os seguintes conceitos que já conhecem de unidades anteriores: classe, estado, propriedade privada, luta de classes, e aprofundar a significação dos conceitos de religião, arte e fontes de conhecimento histórico.

Durante o estudo da Grécia, os alunos desenvolverão as suas capacidades em utilizar o gráfico do tempo, mapas históricos, gravuras e documentos.

172/052

OBJETIVOS A SUBLINHIAR:

OBJETIVOS:

- conhecer as particularidades do meio geográfico grego
- compreender que o conhecimento do meio é indispensável para analisar a forma de vida e o desenvolvimento económico dos povos
- reconhecer a importância das fontes materiais fornecidas pela arqueologia, para a reconstituição do passado
- compreender o papel desempenhado pelos instrumentos de ferro no desenvolvimento económico das grezes
- desenvolver a capacidade de trabalho com mapas físicos e históricos, assim como com o gráfico do tempo.

CONCEITOS A SUBLINHIAR:

RELIGIÃO

- difusão de técnicas
- condicionismo geográfico
- fontes históricas

MOTIVAÇÃO:

O aluno entenderá melhor a importância do meio geográfico e seus recursos para a história das grezes, se for lembrado como termo de comparação que os recursos que Angola possui são muito importantes para o seu desenvolvimento económico (petróleo, diamantes, ferro, café, etc...)

Interessa ainda estabelecer relação entre o problema das migrações na Grécia e o conhecimento que os alunos têm da origem das migrações bruta em Angola, de forma a melhor compreenderem o carácter generalizado dos movimentos de povos.

172/052

-100-
A utilidade das fontes históricas (neste caso dos vestígios materiais encontrados em ruínas) será melhor entendida pelo aluno se procurar a sua volta vestígios de um passado nacional (pré-história ou ruínas) e sua significação. Em todas as regiões existe alguma construção ou ruína associadas a algum facto da história angolana que pode ser utilizada pelo professor.

CONSOLIDAÇÃO:

- perante um mapa físico da Grécia, assinalar e descrever os três tipos de paisagem característicos: a montanha, a planície e o mar.
- com base no mapa das migrações indo-europeias seguir o seu percurso na Europa e na Ásia.
- assinalar no gráfico do tempo, a duração das migrações
- interpretar as gravuras do Manual respeitantes a esta sub-unidade e indicar o seu valor como fontes históricas.
- responder a um questionário

2. ANÁLISE DO TEXTO DE CLASSES SOCIAIS E DO ESTADO

OBJETIVOS:

- conhecer os efeitos da introdução do ferro na Grécia sobre a produção e a propriedade privada
- distinguir os sintomas de desintegração da comunidade primitiva na Grécia
- reconhecer a importância da passagem de um regime social a outro (comunidade primitiva - sociedade de classes)
- desenvolver a capacidade de interpretar um documento histórico.

CONCEITOS A SUBLINHIAR:

- classes
- Estado
- propriedade privada
- propriedade colectiva
- "basileus" e nobres

172/052

MOTIVAÇÃO:

-101-

O conhecimento ou de experiência dos alunos e que os instrumentos de trabalho e as técnicas adequadas determinam o aumento da produção e da produtividade - adequadas

Partindo desse conhecimento, o aluno compreenderá facilmente as consequências da introdução do ferro pelas Dóries na Grécia, no nível da produção agrícola.

A propósito da propriedade privada, será oportuno o professor lembrar que o colonialismo se intensificou a democratização da propriedade privada e o controle pelo Estado que os colonos que não ter sobre a produção de matérias-primas (algodão, açúcar, etc).

Assim na Grécia ocorreu algo de semelhante: as famílias cujas terras produziam excedentes quiseram reservar para si a propriedade exclusiva dessas terras, e fim de beneficiar de seu produto, rompendo dessa forma as relações de cooperação e solidariedade com os outros membros da clã.

É necessário contudo que o aluno se aperceba que essa transição se operou muito lentamente. Com efeito ela durou alguns séculos na Grécia enquanto que em África, bastaram algumas décadas de anos sob o domínio colonial.

A duração deste processo de transição de um modo de produção a outro é variável, e o aluno terá de aperceber-se que as transformações se realizam gradual e progressivamente, de acordo com as condições existentes em cada momento histórico.

CONSOLIDAÇÃO:

- relacionar as gravuras do texto do Manual com o desenvolvimento da agricultura, artesanato e navegação
- analisar o texto "O trabalho agrícola", em especial no que respeita à técnica usada na agricultura e aos produtos da mesma.
- comparar os efeitos da introdução do ferro na Grécia com o que se passou noutras civilizações já estudadas - Índia, China.

172/052

3. ANÁLISE DO TEXTO

Objectivos:

- reconhecer que a religião é produto do medo e da incapacidade para resolver as dificuldades que se apresentam aos homens
- reconhecer que na religião grega se reflectia a desigualdade entre os homens e as actividades económicas dos grupos
- compreender que os mitos e lendas se baseiam geralmente num facto real, posteriormente deformado pela fantasia popular ou pelos interesses da classe dominante.
- reconhecer que os mitos e lendas são fontes históricas.
- distinguir numa narrativa mítica o real do fantástico
- interpretar um mito grego, distinguindo o real do fantástico.
- interpretar gravuras relacionadas com os poemas homéricos.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- mito e lenda
- religião

ACTIVIDADES:

As crenças religiosas dos gregos podem ser comparadas com algumas crenças ainda hoje existentes por parte de pessoas que atribuem poderes sobrenaturais a animais e a deuses. A. ora, como antiq. p. n. há pessoas que acreditam que os deuses decidem da vida das pessoas.

Os gregos pensavam assim porque ignoravam as verdadeiras causas e dos acontecimentos que afectavam as suas vidas. Ignoravam a que se devia a exploração a que estavam sujeitos; pensavam que era por vontade dos deuses que a sociedade estava dividida em pobres e ricos.

172/DS2

Ocorre frequentemente a pergunta por parte dos alunos se os deuses (representados em estátuas) existiam "realmente", se protegiam "realmente" a agricultura, a navegação, o comércio, etc. Transferindo esta questão para a actualidade, poderá perguntar se se hoje, devido ao conhecimento científico que possuímos, ainda acreditamos que a colheita seja boa ou má segundo a vontade de deus ou o trabalho dos homens.

As questões que os alunos formularem serão decerto muito variáveis conforme o grau de crença religiosa de cada aluno.

O professor deve actuar de forma habilidosa de modo a esclarecer as dúvidas dos alunos não esquecendo que o objectivo principal é interpretar o que se passava na Grécia antiga e assimilar a distância que nos separa daquela época no nível do conhecimento científico sobre as sociedades e sua evolução.

Outro aspecto a ter em conta é a utilização que os deuses dominantes têm feita dessas crenças, (na Grécia clássica países onde actualmente persistem crenças religiosas em certas camadas da população).

Com efeito é oportuno recordar que ainda no nosso tempo a religião tem sido utilizada como meio de conservar e reforçar a opressão e a exploração.

A propósito dos mitos é importante que o aluno relacione o tipo de informação (verdadeira e falsa) que cada mito fornece, com notícias postas a circular diariamente (umas verdadeiras e outras falsas). Por isso ele deve distinguir a informação que os mitos e os mitos oferecem logicamente aceitável e quais os aspectos que são produto da fantasia popular ou dos interesses da classe dos exploradores.

Desta forma o aluno desenvolverá as suas capacidades de análise e de crítica e compreenderá a importância da tradição oral não só em África como entre outros povos.

172/DS2

CONSOLIDAÇÃO:

- análise do texto "O mito dos Argonautas", distinguindo os dados reais dos míticos
- interpretar a gravura de Cavalo de Troia, relacionando-a com dados históricos recolhidos do texto do Manual.
- recolher dados sobre outros mitos gregos e tentar interpretá-los.
- enumerar algumas actividades dos gregos e os deuses que pretendiam os proteger
- responder ao questionário do Manual
- comparar estas crenças religiosas com as religiões de outros povos já estudados.

4. ANÁLISE DO TEXTO

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- enumerar algumas colónias gregas e as causas do seu estabelecimento
- compreender que a colonização permitiu difundir a cultura grega no mundo antigo.
- enumerar as razões do desenvolvimento do artesanato e do comércio marítimo grego.
- desenvolver a capacidade de trabalhar com os mapas históricos.
- descrever gravuras e relacioná-las com as questões estudadas.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- colónia e metrópole
- colonização

172/DS2

MOTIVAÇÃO:

Perante situações difíceis (guerra, miséria, fome, opressão) uma parte da população de um país procura deslocar-se para outros países, onde por vezes se fixa durante muitos anos ou definitivamente.

Este caso tem-se repetido ao longo da história e em vários continentes. Um dos m. conhecidos dos alunos será o dos Europeus que nos últimos séculos emigraram para várias regiões que colonizaram.

Este facto deve ser recordado pelo professor para poder introduzir o estudo dos factores que explicam o início da colonização grega. Contudo deve ter-se o cuidado de não levar mais longe a comparação pois que a colonização moderna distinguia-se muito da grega e o seu desenvolvimento foi determinado pela expansão do modo de produção capitalista na Europa.

Importa ainda salientar que há conceitos com ori. em muito remota, mas cujo significado foi variando conforme as épocas históricas. É o que se passa relativamente aos conceitos de "colónia", "metrópole" e "colonização".

Na Fenícia e na Grécia e em Roma colónia significava o estabelecimento de um certo número de famílias livres numa região, que não era a da sua origem, onde se ocupavam de trabalho agrícola.

Não estava ainda associado a este conceito a do domínio e exploração da população local pelos colonos.

É pois necessário que o aluno se aperceba que o mesmo vocábulo se aplica a realidades diferentes conforme as épocas históricas.

172/DS2

CONSOLIDAÇÃO:

-106-

- sobre um mapa todo do Mediterrâneo, assinalar algumas das colônias gregas mais importantes: na Grécia - Paros, Siro, e Siracusa; na Itália; e no Mar Negro.
- analisar algumas das passagens do Texto relativo à colonização
- responder ao questionário

AS CIDADES - ESTADO - ESPARTA E ATENAS

OBJECTIVOS:

- identificar a natureza da classe do regime aristocrático
- enumerar as funções de cada uma das cidades de Esparta e Atenas até ao séc. VI a.n.e.
- identificar manifestações de luta de classes nesse período. (esperto: hilotes)
- reconhecer que é a base económica que determina a constituição da sociedade em classes
- desenvolver a capacidade de elaborar esquemas

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- cidade - estado, aristocracia, casta de escravista, demos

MOTIVAÇÃO:

Para a compreensão das diferenças sociais existentes nas cidades - estado de Esparta e Atenas poderá apresentar-se aos alunos outros exemplos mais familiares. Por exemplo, a situação das Hilotes em Esparta, a quem era proibido usar armas e a quem não era permitido possuir terras, pode ser colocada a par da situação dos povos africanos no tempo colonial.

172/DS2

CONSOLIDAÇÃO:

-107-

- elaborar dois esquemas que representem as classes sociais existentes em Esparta e Atenas, os respectivos direitos e deveres.
- realizar um mapa da Grécia com a indicação da posição relativa de Esparta e Atenas.
- responder ao questionário

Suposto de um quadro comparativo:

CLASSES	ACTIVIDADES	DIREITOS	DEVERES
ESPARTANOS	POLÍTICA GUERRA	PARTICIPAR NA ASSEMBLEIA ELEGER E SER ELEITO	RESPEITAR AS LEIS COMETER NA DEFESA DA CIDADE
PERIECOS	COMÉRCIO ARTESANATO	DESLOCAR-SE EXERCER UL. PROFISSÃO	
HILOTES	AGRICULTURAL	---	CULTIVAR AS TERRAS PARA OS ESPARTANOS

172/DS2

-108-

A LUTA DA DEMOCRACIA ATENIENSE

OBJECTIVOS:

- enumerar as principais reformas de Sólon e Clístenes
- reconhecer nestas medidas a conquista de certos direitos como resultado da luta de classes.
- indicar as limitações da democracia ateniense
- identificar as funções dos órgãos centrais da democracia esclavagista ateniense
- descrever as origens do poder político ateniense e a supremacia sobre as outras cidades gregas.
- desenvolver a habilidade de elaborar esquemas e interpretar quadros e trabalhar com o gráfico de tempo.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- democracia, luta de classes
- escravidão por dívidas
- registrados, ostracismo
- tributos, império marítimo

MOTIVAÇÃO:

O que significa hoje democracia? Será o mesmo que os gregos entendiam? Como outros conceitos, também este evoluiu.

Pela experiência actual dos alunos pela utilização frequente deste conceito em política nacional e internacional, constata-se a necessidade de esclarecer o seu conteúdo. Em democracia Atenas, significava o poder exercido pelo "demos" - exclusivamente os homens-livres da cidade-estado. Eram excluídos os estrangeiros, as mulheres e os escravos, o que representava a maioria da população da cidade-estado.

172/DS2

-109-

Contudo, a democracia constitui um progresso notável relativamente ao regime aristocrático, onde só os homens das famílias nobres participavam na vida política e tomavam decisões.

A participação nas Assembleias, através da discussão e votação final, e eleição de representantes são práticas hoje correntes que tiveram a sua origem na Grécia Antiga.

A constituição de órgãos do Estado, cada um desempenhando a sua função específica, encontra a sua exemplificação clara no estudo das cidades-estado gregas, onde a cada órgão eram atribuídas tarefas bem delimitadas.

Como motivação o professor pode lembrar que os actuais ministros da R.A., e outros órgãos do Estado correspondem na generalidade às magistraturas existentes em Atenas - os estratèges por exemplo ocupavam-se de todas as questões militares.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- elaborar um esquema representando os órgãos do poder político na democracia ateniense.
- elaborar um esquema das classes sociais em Atenas depois da reforma de Clístenes
- registar no gráfico de tempo as principais reformas efectuadas em Atenas no séc. VI e V a.n.e.
- interpretar o significado do quadro da população ateniense no séc. V, incluído no Manual.
- responder a um questionário

172/DS2

OBJETIVOS:

- conhecer as fontes de escravidão na Grécia
- identificar formas de exploração do trabalho escravo
- reconhecer a importância que tinha o trabalho escravo nesta sociedade
- comparar vários tipos de escravidão
- conhecer a origem das sublevações de escravos
- interpretar documentos históricos

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- escravo e escravidão individual
- mercado de escravos

MOTIVAÇÃO:

Como motivação para esta sub-unidade, o professor deve recordar o que foi o tráfico de escravos em África. A partir da noção de escravo, o da utilização que dele faziam os colonialistas europeus, será fácil a abordagem desta questão na Grécia.

A utilização do chicote pelos escravos, em África como na Grécia é outro dado concreto que aproxima situações históricas muito distantes no tempo.

Dessa modo, o aluno será levado a compreender que a expressão foi uma constante nas sociedades de classes em diferentes épocas históricas.

172/052

CONSOLIDAÇÃO:

- enumerar as actividades que ocupavam a maioria dos escravos na Grécia
- elaborar um quadro comparativo da situação dos escravos no Egipto e na Grécia (escravidão patriarcal e escravidão individual)
- correlação com as aulas de Educação Visual e plástica: representar cenas de trabalho escravo utilizando as referências que se encontram no Manual.
- interpretar o texto "Revolta de filotas em Esparta", destacando os motivos da revolta.
- responder ao questionário.

6. DECADÊNCIA DA GRCIA

OBJETIVOS:

- reconhecer que a divisão política da Grécia contribuiu para a perda da sua independência
- consolidar os conhecimentos fundamentais sobre a Grécia regida escravista
- reconhecer a contribuição dada pela Grécia ao mundo
- desenvolver a capacidade de elaboração de um mapa histórico
- desenvolver a capacidade de trabalhar com o gráfico de tempo

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- divisão interna
- crise económica
- mercenários
- império

172/052

MOTIVAÇÃO:

A propósito do perigo que trouxe à Grécia a divisão política das várias cidades gregas, convém lembrar ao aluno que a falta de união é sempre favorável às forças que pretendem destruir uma sociedade ou às que pretendem submetê-la a regimes ou forças estrangeiras.

O exemplo da História de Angola é claro: também aqui os colonialistas conseguiram implantar o seu domínio devido em grande parte à fraqueza das coligações organizadas pelas várias tribos africanas do Congo, Ndongo, Matamba e Kassanje contra os portugueses.

A propósito do valor da cultura grega, convém lembrar que, embora indirectamente por via da colonização europeia, a cultura contemporânea herdou em África muitos elementos da cultura grega: o alfabeto, conceitos científicos e filosóficos (política, filosofia, lógica, história,

172/052

MOTIVAÇÃO:

A propósito do perigo que trouxe à Grécia a divisão política das várias cidades gregas, convém lembrar ao aluno que a falta de união é sempre favorável às forças que pretendem destruir uma sociedade ou às que pretendem submetê-la a regimes ou forças estrangeiras.

O exemplo da História de Angola é claro: também aqui os colonialistas conseguiram implantar o seu domínio devido em grande parte à fraqueza das coligações organizadas pelas várias tribos africanas do Congo, Ndongo, Matamba e Kassanje contra os portugueses.

A propósito do valor da cultura grega, convém lembrar que, embora indirectamente transmitida por via da colonização europeia, a cultura contemporânea herdou em África muitos elementos da cultura grega: o alfabeto, conceitos científicos e filosóficos (política, democracia, filosofia, lógica, psicologia, história, técnicas, etc).

CONSOLIDAÇÃO:

- a partir dos textos sobre a educação em Esparta e Atenas fazer um quadro comparativo com as diferenças fundamentais entre a educação nas duas cidades. Tirar uma conclusão crítica.
- trabalhar com o gráfico de tempo fazendo uma revisão sobre os acontecimentos mais importantes e os grandes períodos da história da Grécia antiga.
- fazer um esquema comparativo entre o Egipto e a Grécia no que diz respeito ao:
 - forma de governo
 - exploração do escravo
 - situação dos camponeses

172/052

- fazer uma lista de alguns elementos da cultura grega presentes ainda hoje na cultura africana contemporânea

IV. LIÇÃO:

Dos conhecimentos e das capacidades adquiridas através do exercício escrito.

BIBLIOGRAFIA:

- AYLARD, A. e AUBOYER, J. - L' Orient et la Grèce Antique - I.U.F.
 DILKOV e KOVALEV- História da Antiguidade - 2º volume - Ed.
 Betarja, Lv. 1976.
 LEVITQUE, P. - A Aventura Grega - CCSECS, Lisboa

172/DS2

A história da Roma antiga abrange um período de mais de 1.000 anos; o objectivo desta subunidade é dar a conhecer aos alunos as principais fases do nascimento do estado romano e do desenvolvimento do regime escravagista:

- conquista de toda a Itália
- expansão por todo o Mediterrâneo ocidental e oriental
- conversão de Roma numa grande potência mediterrânica
- consolidação da economia, e do estado escravagista.

Os alunos verão como as guerras de conquista contribuíram para desenvolver ao máximo o regime escravagista: o trabalho dos escravos penetra em todos os níveis da produção contribuindo por um lado para a ruína dos pequenos agricultores e artesãos e por outro, para a constituição de latifúndios pertencentes aos escravistas, agudizando as contradições sociais entre escravos e escravagistas e na população livre, entre ricos e pobres.

Verão ainda que a exploração dos escravos atingiu em Roma uma crueldade tal que deu origem a várias insurreições de que a do Espártaco se tornou símbolo. Também entre os homens livres surgiram contradições graves fazendo surgir movimentos como o dos irmãos Graco.

Durante o estudo desta unidade os alunos conhecerão três formas de governo: monarquia, república e império, cabendo ao professor o papel de lhes fazer compreender os mecanismos de passagem de uma forma a outra, e o seu carácter de classe.

É importante também a assimilação por parte dos alunos, do sistema de causas que contribuíram para a decadência do Império romano no sentido de poderem compreender mais tarde a transição para o feudalismo na história europeia.

No fim da unidade destaca-se o nascimento e expansão do cristianismo mostrando como de uma religião das massas exploradas se transformou num instrumento das classes exploradoras.

172/DS2

A SITUAÇÃO E OS 1ºS HABITANTES

OBJECTIVOS:

- conhecer a situação geográfica e as condições naturais - sua influência no desenvolvimento económico
- notar a diversidade de povos que constituíram a população da península itálica e o papel dos Latinos na fundação de Roma
- compreender como povos etnicamente mais avançados acabados de chegar se conseguem impor a outros mais antigos na região - o caso dos Etruscos.
- distinguir as diferenças das condições naturais entre a península itálica e a península balcânica de maneira a que os alunos compreendam as diferenças de adaptação ao meio e de desenvolvimento:
 - . regime dos rios
 - . tipo de relevo
 - . litoral
- conhecer o mito da fundação de Roma destacando o que há de real e imaginário.
- desenvolver as seguintes capacidades:
 - . trabalhar com mapas (observação, localização, descrição)
 - . relação de dados a fim de tirar conclusões
 - . síntese
 - . análise da tradição oral como fonte histórica.

172/DS2

CONCEITOS E OBJETIVOS

- condicionamento geográfico
- diversidade étnica
- migrações e estabelecimento de populações
- difusão da cultura (técnicas, modos de vida)
- mito

ATIVIDADES:

O professor poderá relacionar as migrações indo-europeias na Europa com as migrações bantu em África.
 Também em Angola grupos étnicos bantu, de tecnologia mais avançada conhecendo o ferro, impuseram-se às populações mais antigas os Khui-san que ou se misturaram ou foram "assimilados" mais para o sul.

CONCLUSÃO:

- elaboração e descrição dos mapas da Itália e da fundação de Roma
- Localização da Itália e da Grécia no mapa do Mediterrâneo e comparação da situação e condições naturais das 2 penínsulas
- elaboração no quadro de um esquema comparativo onde se assinalam as diferenças e as semelhanças entre a Itália e a Grécia no que diz respeito:
 - relevo
 - fertilidade do solo
 - regime dos rios
 - litoral
 - produção dos 1ºs habitantes
 - instrumentos de trabalho

172/DS2

-118-
retirando dele as conclusões. Os alunos deverão fazer este esquema no seu caderno.

- leitura e interpretação do mito da fundação de Roma, comparando com o texto do Manual a fim de destacar os factos reais dos imaginados.

A REPÚBLICA

OBJECTIVOS:

- compreender e explicar o processo de desintegração das comunidades centíficas
- conhecer as instituições políticas da república romana e as diferenças entre o regime monárquico e a república aristocrática.
- compreender as causas e as consequências das lutas entre patricios e plebeus
- desenvolver as seguintes capacidades:
- relação causa - efeito
- síntese
- interpretação do texto histórico
- patricios
- plebeus
- república aristocrática
- luta de classes
- senado
- Assembleias ou comícios
- magistrado
- cônsul
- instituição política
- órgão de governo

172/DS2

NOTIV.ÇÃO:

-119-

A maior parte dos estados actuais têm como forma de governo a república.

O professor deverá referir este facto aos alunos para que eles conheçam que esta forma de governo tem a sua origem na Grécia e Roma Antigas.

Deverá no entanto alertar para o facto de sob esta designação se incluírem formas de governo e regimes económico-políticos totalmente diferentes e o posto: o caso das repúblicas burguesas e das repúblicas socialistas.

CONSOLID.ÇÃO:

- Elaborar no quadro um esquema em que se veja as diferenças entre patricios e plebeus no que diz respeito à:

- propriedade
- produção
- actividades desenvolvidas
- direitos políticos e deveres

- concluir sobre o resultado dessas diferenças: luta de classes e as consequências dessa luta.

- Observar e descrever a gravura das instituições republicanas, a fim de realizar uma síntese onde se definam as funções dos diversos órgãos políticos

- análise e interpretação do texto de Tito-Lívio sobre a revolta da plebe, pedindo aos alunos que notem o vocabulário que não entendem

172/DS2

DA REPÚBLICA AO IMPÉRIO:

-120-

OBJECTIVOS:

- conhecer as principais fases de expansão dos Romanos:-
 - península Itálica
 - Mediterrâneo Ocidental e norte de África
 - Mediterrâneo Oriental
- compreender que esta expansão foi possível graças a guerras de conquista que tiveram os seguintes objectivos:
 - dominar o comércio no Mar Mediterrâneo
 - aumentar o território
 - adquirir as riquezas produzidas pelos povos dominados
- conhecer as consequências das conquistas:
 - aumento do território através da criação de novas províncias
 - aumento da riqueza através de impostos, despojos de guerra, pilhagem.
 - aumento extraordinário do nº de escravos- o trabalho escravo passa a ser a base da economia.
 - desenvolvimento do comércio
 - ruína dos médios e pequenos camponeses que se "proletarizam"
 - criação de grandes latifúndios nas mãos dos grandes senhores de escravos
 - agudização das contradições da classe entre homens livres.
 - (latifundiários, cavaleiros e comerciantes - camponeses, proletários urbanos, clientes)
 - declínio das instituições republicanas
 - luta política pelo poder
 - desenvolver as seguintes capacidades:
 - análise
 - síntese
 - relação causa-efeito

172/DS2

CONCRETOS A SUBLINHAR:

-121-

- guerra de conquista (guerra injusta)
- causa consequência
- concorrência económica (Roma-cartago)
- força militar
- mercenário
- província romana
- minifúndio
- latifúndio
- proletário (no sentido romano)
- eleições

MOTIV.ÇÃO:

A partir das conquistas romanas o professor poderá mostrar aos alunos como, toda a dominação de outros povos é injusta e acarreta exploração não só para os povos dominados mas também para as classes privilegiadas da sociedade cujo Estado se tornou conquistador.

Poderá comparar as guerras de conquista de Roma com a guerra colonial levada a cabo pelos colonialistas portugueses. Guerra injusta porque pretendia preservar a dominação e a exploração económica do povo angolano; guerra injusta porque acarretava riqueza e poder para as classes dominantes portuguesas e miséria e opressão para a maioria do povo português.

Poderá ainda relacionar-se a situação das províncias romanas (que mais não eram do que colónias, fontes de escravos e de produtos para a prosperidade da Metrópole Romana), com a situação das colónias portuguesas e outras em relação às respectivas metrópoles.

Poderá ainda aproveitar a ocasião para mostrar aos alunos que o mecanismo de constituição de um império obedece a razões de ordem económica que se repetiram em épocas mais próximas da nossa como foi o caso dos impérios coloniais modernos que

172/DS2

-122-

eles irão estudar mais tarde, na 8ª e 9ª classes.

O professor deverá ainda salientar que a origem da palavra "proletário" é latina e que a situação destes antigos proletários (que significa em latim "os que têm uma grande prole", isto é, muitos filhos) era semelhante à dos camponeses recém-chegados às grandes cidades industriais da Europa do séc. XIX e ainda actualmente noutras regiões do mundo nomeadamente em África, com efeito o êxodo rural empurra para as cidades uma multidão de população na busca de trabalho e melhores condições de vida; enquanto uma parte consegue emprego, outra acaba por ficar na cidade sem trabalho e na miséria constituindo o chamado lumpenato urbano. Tal era de certo modo a situação dos "proletários" romanos.

CONSOLIDAÇÃO:

- análise dos textos da 1ª parte a fim de fazer uma síntese que seja o retrato da sociedade romana na época das conquistas
- resposta ao questionário "Vê se sabes"

A SOCIEDADE ESCRAVAGISTA ROMANA:

Objectivos:

- conhecer as fontes de escravos
- compreender que o trabalho escravo era a base da economia romana
- entender que a produtividade do trabalho escravo se devia à crueldade da exploração
- comparar o desenvolvimento alcançado pela escravidão em Roma e na Grécia
- compreender que o regime escravagista se foi desenvolvendo à medida que aumentavam as conquistas

- 123-
- saber que os escravos não eram mais do que "instrumentos falantes"
 - desenvolver sentimentos de reprobção e condenação da opressão e da exploração
 - aprofundar o conceito de exploração e de luta de classes
 - entender a sublevação de Espartaco como uma consequência da agudização da luta de classes
 - desenvolver a admiração e o respeito pelo heroísmo manifestado pelos escravos que se revoltaram e pela personalidade de Espartaco

CONCEITOS - SUDLIMAR:

- regime escravagista
- luta de classes

MOTIVAÇÃO:

O professor poderá comparar a situação do escravo romano com a do escravo africano de que o aluno tem maior conhecimento e informação

Sugestões de actividades:

- Estudo dos textos sobre a vida de Espartaco e dramatização da mesma. Sugere-se a colaboração da disciplina de Português e Educação Visual e Plástica.

ORGANIZAÇÃO E CRISE DO IMPÉRIO:

OBJECTIVOS:

- compreender como se consolidaram as estruturas regime imperial
- Diferença entre república e Império
- entender o sistema de causas que levou à crise do Império;
- factores internos: crise económica, social e política
- factores externos: pressão das tribos "bárbaras"; revoltas nas províncias dos povos dominados
- conhecer a origem do colapso e entendê-lo como uma solução dos escravagistas para a baixa produtividade de trabalho escravo, e para criar uma barreira à penetração dos bárbaros no Império.
- compreender como o trabalho escravo se tornou um travão para o desenvolvimento económico
- desenvolver a capacidade de trabalho com o documento histórico.

CONCEITOS - SUDLIMAR:

- império
- luta pelo poder
- crise económica, social e política
- bárbaros
- colono romano
- concentração de poderes
- luta de classes

MOTIVAÇÃO:

-125-

A extensão do império e sua organização, (instalação de governadores de província, exército, escolas, difusão da língua latina, etc) apresentam aspectos comparáveis aos da colonização recente.

Do mesmo modo o levantamento dos povos do Império (Gaulenses, Bretões, Celtiberos na Europa, berberes e outros povos africanos, em África) pode ser associável aos levantamentos dos povos colonizados ao longo do período colonial, em luta contra o domínio estrangeiro.

CONSOLIDAÇÃO:

- estudo do texto: "A luta contra a dominação romana: os Bretões" a fim de fazer uma análise comparativa entre a situação do colonizado Bretão no séc. I d.e. e o colonizado angolano no séc. XX d.e.

ORIGEM E DIFUSÃO DO CRISTIANISMO

OBJECTIVOS:

- compreender como surgiu o cristianismo
- entender porque é que o cristianismo se transformou num instrumento da classe dirigente.
- desenvolver o conceito de religião
- desenvolver as seguintes capacidades:
 - espírito crítico
 - situação dos acontecimentos históricos no tempo.

CONCEITOS - SUDLIMAR:

- religião
- igreja cristã

MOTIVAÇÃO

O professor poderá mostrar como também nos nossos dias a religião cristã nomeadamente a católica em Angola foi um instrumento ao serviço da burguesia colonial portuguesa e do estado fascista português.

CONSOLIDAÇÃO

- análise crítica, das epístolas
- trabalho com o gráfico do tempo.

CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE ESCRAVAGISTA:

OBJETIVOS:

- revisão da matéria
- consolidação da Unidade IV.
- relação das duas civilizações - Grécia e Roma.
- compreender como a cultura grega influenciou a romana.
- entender as relações entre a base económica e as manifestações culturais
- conhecer as principais manifestações da arte e da ciência gregas e romanas.
- desenvolver sentimentos estéticos
- compreender a importância desta cultura para a cultura universal.
- conhecer o contributo da África para estas culturas
- desenvolver as seguintes capacidades:
 - . relação de civilizações diferentes
 - . síntese de conhecimentos adquiridos
 - . espírito crítico
 - . desenvolvimento de sentimentos estéticos

172/DS 2

CONCEITOS A SINTETIZAR:

- estado escravagista
- arte
- ciência
- influência cultural

MOTIVAÇÃO

O professor poderá indicar que embora a cultura preo-romana pareça muito distante de nós ela influenciou profundamente a cultura europeia e também a portuguesa que por sua vez influenciou Angola. Alguns exemplos desta influência:

- a língua
- o alfabeto latino
- o direito romano
- a construção (pontes estradas e edifícios) aquedutos
- formas de governo: a república
- processos electivos etc.

CONSOLIDAÇÃO

- elaborar um quadro comparativo entre a Grécia e Roma no que respeito a:
 - produção
 - propriedade
 - classes sociais
 - formas de governo
 - regime económico social

172/DS 2

- elaborar um quadro comparativo entre as sociedades fluviais antigas e as sociedades escravagistas greco-romanas.
- Observação de gravuras

AV. LIAÇÃO:

A avaliação desta sub-unidade Roma deverá fazer-se com base nas actividades desenvolvidas pelos alunos ao longo do seu estudo e de um trabalho ou exercício escrito na última aula que abarque os pontos fundamentais.

172/DS 2

Quadro comparativo entre as civilizações fluviais, Grécia e Roma.

O que se compara	Civilizações Fluviais	Grécia	Roma
Local de estabelecimento	Junto de grandes rios	Zonas montanhosas separadas por vales	O rio não impedia a comunicação entre as várias regiões
Características da região	Vales fertilizados pelas cheias dos rios	Terras pouco férteis com rios pequenos que secam no Verão Litoral com muitas baías e portos	Terras férteis junto de rios pequenos mas que correm todo o ano
Actividades principais	Agricultura criação de gado artesanato	Agricultura criação de gado artesanato navegação	Agricultura criação de gado artesanato comércio
Classes sociais	Exploradores: Reis, sacerdotes funcionários	Exploradores: Escravagistas	Exploradores: Escravos: camponeses
	Explorados: camponeses artesãos escravos	Explorados: camponeses escravos	Explorados: camponeses

172/DS 2

ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII

Esta unidade tem os seguintes objectivos gerais:

- O aluno deve entender a evolução histórica das sociedades do continente africano entre duas etapas fundamentais do desenvolvimento tecnológico da humanidade: a invenção da agricultura e o início da utilização de instrumentos metálicos.
- O aluno compreenderá a relação que existe entre o aparecimento das primeiras sociedades com estado na África a sul do Sara e a difusão da metalurgia do ferro.
- Deverá também entender como uma melhoria nos instrumentos de trabalho permite um aumento da produtividade agrícola e o aparecimento de um excedente.
- A existência desse excedente está ligada tanto um processo de diferenciação social como um aumento populacional.
- Assim o aluno relacionará o fenómeno da expansão demográfica com as correntes migratórias e com a difusão das técnicas da agricultura e da metalurgia do ferro, na África a sul do Sara.
- Ao estudar a situação e meio geográficos do continente africano o aluno deverá compreender de que maneira as condições de meio contribuíram para o desenvolvimento das comunicações dentro do continente e com o exterior.

Dentro desta unidade distinguem-se três sub-unidades:

• CONTACTOS COM O EXTERIOR

O aluno deve conhecer a situação geográfica da África e as suas duas "frentes" de contactos com o exterior: a costa mediterrânica e a oriental. As condições de navegabilidade do oceano Índico facilitaram desde a Antiguidade a existência de trocas regulares entre África e a Índia; a existência de produtos, plantas, homens circularam assim criando uma aproximação cultural entre as duas regiões.

No Norte de África as influências mediterrânicas determinaram-se no deserto do Sara, que constituiu uma barreira nas comunicações com a África Tropical, limitando as deslocagens humanas.

É importante que o aluno fique com uma ideia clara de que se África não esteve isolada, as influências nas duas zonas dos contactos com o exterior não atingiram neste período o interior do continente.

DIFUSÃO DO FERRO

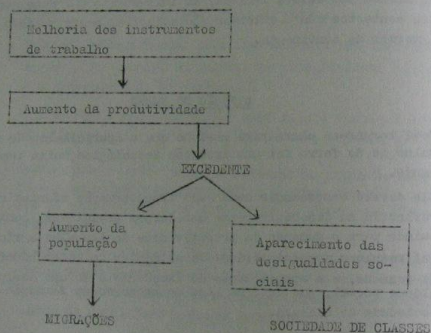
Deve tornar-se claro para o aluno que o aparecimento da metalurgia do ferro foi uma inovação tecnológica muito importante.

Ele deverá compreender como essa transformação técnica se reflectiu no desenvolvimento das forças produtivas, contribuindo para o aumento da produtividade do trabalho agrícola. Daí resultou a possibilidade de alimentar um maior número de pessoas, e o aparecimento do excedente e de uma desigualdade social, que está na base do processo de formação da sociedade das classes.

A invenção (descoberta) será apresentada ao aluno como um processo em que se distinguem várias fases: a invenção, a difusão e a generalização. Deverá acentuar-se que as novas técnicas mantêm-se a par das antigas, substituindo-as lentamente. Assim podem aparecer no mesmo sítio instrumentos de pedra polida e metálicos.

O aluno deverá saber localizar os mais antigos vestígios da actividade metalúrgica em África. Considerando que a tecnologia tradicional do ferro é ainda hoje praticada em Angola, chamar-se-á a atenção dos alunos para o trabalho tradicional do ferreiro na sua região.

ao referir as condições históricas de formação de Estados na África subsariana o professor evidenciará a importância da utilização do ferro que assegura uma superioridade tecnológica a quem o detém. Sequencialmente poderá considerar-se:



A difusão do ferro esteve intimamente ligada aos movimentos migratórios dos bantu.

MIGRAÇÕES BANTU

O aluno deve entender o que é um movimento migratório (deslocações de grandes grupos populacionais), o que o distingue de uma invasão.

Essas deslocações responderão a condições complexas que actuam quer no ponto de partida, quer no ponto de chegada, isto é, há causas que levam ao abandono de uma dada região (previdência de condições climáticas, falta de recursos alimentares, política ou militar) e outros há que atraem para uma dada região (pastagens, água, minas, boas terras, etc.).

Os movimentos migratórios registaram-se em todo o desenvolvimento histórico do continente africano. Não se limitaram a um período, ou a uma área. Por volta de meados do I milénio a.d.e. eles começaram a intensificar-se. Entre eles as chamadas migrações bantu, que se vão prolongar até ao séc. XI da nossa era.

O aluno deve entender como a deslocação de grupos humanos está ligada à difusão de elementos da sua cultura. Assim terão sido os bantu a introduzir a metalurgia do ferro na África central e meridional; terão sido também os bantu a difundir a agricultura, embora não se exclua a hipótese de existirem antes da sua chegada, uma agricultura incipiente.

Deve ficar bem claro para o aluno que o termo "bantu" designa um grupo linguístico o que não se identifica com "raça": com efeito, há muitos tipos étnicos pertencentes a esta unidade cultural bantu.

Após seguir os percursos das migrações o aluno deve relacioná-las com características de meio que facilitam ou dificultam as comunicações (rios, desertos, florestas).

Também sobre as migrações que contribuíram para o povoamento do território angolano não dispomos de dados muito seguros sobre as mais antigas.

Conceitos a sublinhar:

condicionalismo geográfico
comércio
metalurgia
invenção
difusão
migrações
bantu
expansão demográfica
excedente

Relação com o presente

Na subunidade relativa à difusão do ferro o professor deve referir que também em Angola, em diversas regiões é hoje praticada uma metalurgia tradicional do ferro. É possível que os alunos dela tenham conhecimento, assim como da importância social do ferro, o que pode ser aproveitado para fazer um pequeno levantamento de tais actividades.

O processo de extracção descrito por Betermann (texto do Manual) pode ser contraposto aos processos industriais.

O comércio do ferro era muito importante no período pré-colonial. Foi também uma das riquezas mineiras sobre as quais incidiu a exploração colonial. Em 1973 em Cassinga foram extraídas cerca de 5 milhões de toneladas de minério.

172/DS2

O professor pode aproveitar para sublinhar que a economia colonial repousava na exportação de matérias-primas e na importação de produtos.

O fenómeno migratório, constante ao longo da história do continente africano foi interrompido quando, com a partilha da África se criaram "fronteiras" entre as diferentes "colónias", na dependência de diferentes "metrópoles". Essa partilha trouxe também como consequência a fragmentação de grandes unidades, étnicas ou políticas. Assim ocorreu em Angola, em que muitos povos habitam de as regiões onde foram traçadas as fronteiras se viram assim na dependência de várias metrópoles e que actualmente estão integrados nos países africanos vizinhos de Angola:

Bakongo: Angola, Zaire, Congo
Chokwe: Angola, Zaire, Zâmbia
Lunda: Angola, Zaire
Khoisan - Angola, Botswana e Namíbia
Balunda: Angola, Zâmbia
Cuanhama: Angola, Namíbia
Herero: Angola, Namíbia

A situação colonial provocou outro tipo de deslocamentos de grandes grupos humanos: afluência às grandes cidades, nomeadamente a Luanda, onde nos meados do século XX se encontravam cerca de 500.000 indivíduos, em 1973; o "contracto" obrigou grandes massas de trabalhadores a abandonarem as suas terras para locais onde uma economia de plantação exigia mão-de-obra abundante. Após o início de luta de libertação muitas populações foram obrigadas a fixar-se ao longo das estradas nas chamadas "sanxalas da paz". Também a fuga à repressão obrigou muitos angolanos a abandonarem o seu país.

172/DS2

Sugestões de actividades:

- Leitura e análise dos textos apresentados no Manual
- Relacionamento do texto sobre metalurgia tradicional do ferro em Angola com as gravuras nº 135 (Forno de fundição) e 137 (ferreiros manejando os foles)
- Utilização dos mapas que se referem a este capítulo: comparação da mapa físico de África com os mapas relativos à difusão do ferro e expansão bantu.

5. Avaliação

O professor deverá avaliar todas as capacidades e conhecimentos adquiridos ao longo do estudo desta unidade fazendo no final um exercício escrito para diagnóstico da compreensão dos pontos fundamentais da unidade.

BIBLIOGRAFIA

- Pagan, Brian - África Austral, Verbo, Lisboa, 1973
J. Desmond Clark "A Pré-história da África", Lisboa, 1973
R. et M. Cornuvin "Histoire de l'Afrique", Paris 1974
Joseph Ki-Zerbo "Histoire de l'Afrique Noire", Paris, 1972
Dictionnaire des civilisations africaines, Paris, 1968
Adriano Vasco Rodrigues "Construções Bantas de Pedra em Angola" in Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola 5 (2) 1968 pp 169-189, c/ foto-grafias

172/DS2

ÁFRICA DO SÉC. VII AO XV

OBJECTIVOS:

Esta grande unidade tem os seguintes objectivos:

- Abordar um período da História Africana que se caracteriza pelo aparecimento e desenvolvimento das primeiras sociedades com Estado na África a sul do Sara.
- Dar a conhecer uma evolução histórica das sociedades africanas que se desenvolveu fora de influências exteriores determinantes, embora não no isolamento.
- Evidenciar as condições em que apareceram esses primeiros Estados: meio geográfico, situação, actividades produtivas. Destacar que a posse da tecnologia do ferro foi um elemento importante no desenvolvimento das forças produtivas.
- Analisar o papel do comércio no aparecimento de uma classe privilegiada que o controla e que se identifica com o aparelho de Estado.
- Identificar a natureza da exploração existente nessas sociedades e as diferentes classes.
- Entender-se a identidade que essas sociedades revelam, desde o tipo de actividade produtiva às concepções do poder político.
- Considerar que a par dessas sociedades com um poder central diferenciado (Estado) outras se organizaram sob diferentes formas que se situam na transição de uma comunidade primitiva em desagregação para a sociedade com Estado.

172/DS2

Razões pelas quais se conhecem melhor as sociedades com Estado do que as sociedades de transição, como por exemplo os sobandos, existência de fontes escritas - essencialmente de origem europeia e árabe - resultantes do contacto estabelecido com Reinos africanos; tradições orais mais ricas:

- o relatório corresponde a um período a que facilmente se reportam os acontecimentos.
- acontecimentos políticos e militares, mais importantes nessas sociedades, são também os que a transição regista e transmite.
- a função de memorizar torna-se um elemento importante na legitimação da sucessão (listas genealógicas, feitos heróicos)
- compreender como a interferência europeia que se iniciou a partir do séc. XV veio afectar brutalmente uma evolução própria das sociedades africanas.
- analisar a história da Angola numa perspectiva africana: no período considerado neste capítulo existia no actual espaço angolano uma sociedade organizada sob a forma de Estado, o Reino de Kongo. A comparação com os outros Estados estudados integra a mesma realidade africana.

SUBUNIDADE = EXPANSÃO DO ISLAMISMO EM ÁFRICA

OBJECTIVOS:

A expansão árabe será estudada na perspectiva da sua repercussão na história africana. No entanto o aluno deverá compreender as razões históricas dessa expansão. Para tal o professor referirá:

- a situação da Arábia no séc. VII: situação geográfica, clima, população.
- as principais actividades produtivas; localização e desenvolvimento do comércio.

172/DS2

- as contradições surgidas entre os comerciantes e a estrutura social tribal.
- as razões da oposição dos mercadores de lã ao novo credo religioso.
- O papel que a ideologia religiosa teve na unificação, isto é na criação de um Estado árabe, chefiado por Maomé.
- O papel da aristocracia na expansão político-militar e a manipulação de um ideal religioso como legitimação desse empreendimento.

Na perspectiva da história africana interessa destacar as duas zonas de expansão árabe no continente: a África do Norte (conquistada) e a costa oriental (fixação em alguns portos que serviam de base a uma intensa actividade comercial através do Índico).

Deve sublinhar-se o papel dos mercadores árabes na organização do comércio transaariano emmerando-se os produtos fundamentais.

O aluno deve também compreender como a fixação desses comerciantes nas cidades sudanesas foi veículo de influências culturais.

CONCEITOS A SUBLINHAR:

- expansão
- islamismo
- condicionamento geográfico
- nomadismo
- mercador

172/DS2

MOTIVAÇÃO:

O professor poderá estabelecer uma comparação entre a ideologia religiosa invocada como pretexto da "Guerra Santa" na expansão militar árabe e a mesma utilização na legitimação da conquista colonialista. É o caso do colonialismo português ao invocar a "defensão da fé e do império" como seu objectivo.

A propósito do nomadismo do saio desértico é de chamar a atenção para a permanência desse modo de vida em certos saios desérticos (no Saara, os Tuaregues e Mouros no deserto de Hoguadés, os Haouabais). No entanto as difíceis condições de vida em que enfrentam empurram-nos para a sedentarização; por outro lado a criação de Estados com fronteiras delimitadas e a modernização dos meios de transporte (as grandes estradas transaarianas permitiram hoje a circulação de grandes camiões) contribuem para o declínio do nomadismo.

Alguns países com regiões desérticas possuem grandes riquezas minerais: ferro, (no Chado, Mauritânia, Argélia, Austrália) e petróleo (Argélia e Líbia). Na falta de uma indústria nacional apta a consumir esses recursos eles destinam-se em muitos casos à exportação.

Será também um problema de grande actualidade que é o da desertificação do sahel (região de estepes compreendida entre o Sul do Saara e a região das savanas) que desde 1972-73 se faz sentir, tendo provocado a morte, a sede e a fome, de milhares de pessoas e animais (era uma zona propícia à criação nômade de gado bovino). Este problema da seca abrange toda a África, nomeadamente Angola.

172/DS2

CONSOLIDAÇÃO:

- Análise do mapa da expansão islâmica
- interpretação de documentos do Manual
- responder ao questionário "Vc se sabe"

SUBUNIDADE = OS REINOS SUDANÊSES

OBJECTIVOS

- Insistir nas condições geográficas: Savana, não propícia à agricultura cerealífera e de comunicações fáceis.
- Ter em atenção a situação do Sudão (histórico, confundir o país que actual / tem essa designação) como região intermédia entre outras duas com recursos importantes (sal do Sara, ouro das imediações da floresta tropical).
- Considerar o papel que o comércio a longa distância teve na consolidação de uma estrutura de classes que levou ao aparecimento do Estado.
- Conhecer as actividades produtivas fundamentais, as relações de produção e as classes.
- Analisar a base material do poder político do Rei, e seu papel no controle do comércio a longa distância.
- Evidenciar as concepções do poder político e a interferência da religião.
- Detectar a influência cultural e religiosa dos árabes e em que classes ela mais se fez sentir.
- Constatar a deslocação para leste dos sucessivos Estados sudaneses e relacioná-la com a exploração de novos lugares auríferos.
- Entender as razões do declínio desses grandes Estados: no séc. XVI, a conquista marroquina do Soudani e a presença portuguesa no litoral (para onde passou a ser orientado o

172/DS2

-142-
euro) retirou a esses Estados a base material do seu poder

O estudo destes Estados será feito de uma forma comparativa; o professor escolherá um reino, por exemplo o do Ghana para ser estudado na aula, tendo em conta os objectivos enunciados; os restantes poderão ser estudados de forma a permitir aos alunos o trabalho de grupo.

Para isso, após a constituição dos grupos, será atribuído o estudo de cada Reino a tantos grupos quantos, o nº total de alunos aconselhar (cada grupo terá no máximo 5 alunos).

Numa 1ª fase cada elemento do grupo procederá a um estudo individual recorrendo ao Manual e detendo-se nos mapas, gravuras e textos que se referem ao Reino a estudar pelo seu grupo. O professor orientará esse estudo, chamando a atenção para os pontos comuns em relação ao reino estudado na aula (o Ghana) e para os pontos específicos. Além disso o professor deverá sugerir técnicas de trabalho, por exemplo, a recolha de dados fornecidos pelo Manual a respeito de cada uma das sociedades estudadas de acordo com os objectivos expostos). Como haverá vários grupos estudando o mesmo Reino e o Manual contém nesta unidade um grande número de "textos de apoio" o professor poderá atribuir a um grupo o estudo do Reino e a outro o estudo dos referidos "textos".

O trabalho de grupo permitirá o confronto das conclusões de cada um dos elementos do grupo e a elaboração de uma síntese final que será apresentada à turma pelo relator do grupo. Do trabalho de grupo constará também a produção de material de apoio para essa exposição, por exemplo elaboração de um mapa que ilustre através de símbolos fáceis a localização de minas de sal, cobre, lugares auríferos, rotas, cidades mais importantes, etc.

172/DS2

-143-

No apresentação do relato de grupo e na elaboração de uma síntese final o professor deve considerar as sugestões que já foram apresentadas na Unidade III (Civilizações Fluviais)

CONCEITOS:

Savana
comércio a longa distância
confederação
tributo
centralização
taxas aduaneiras
comunidade aldeã
realiza sagrada

MOTIVAÇÃO:

No início do estudo desta subunidade o professor poderá comparar a localização dos reinos sudaneses com o actual mapa político dessa região. É de sublinhar, por exemplo que o "Sudão" e "Ghana" deste período não coincidem com as áreas que actualmente correspondem aos países com os mesmos nomes.

172/DS2

CONSOLIDAÇÃO:

-144-

- interpretar o mapa das rotas transarianas
- localizar a posição relativa dos reinos sudaneses, e as regiões auríferas.
- analisar e interpretar os textos do Manual.

SUBUNIDADE - REINOS YORUBA E DO BENIM

OBJECTIVOS:

Identificar alguns reinos africanos que se desenvolveram em torno do baixo-Níger, numa região florestal que não oferecia os mesmos recursos da savana.

Sublinhar que o estímulo do comércio árabe não atingia essa região.

Distinguir os reinos Yoruba do reino do Benim.

Caracterizar os Estados de pequena dimensão territorial e a importância das cidades.

Enumerar as actividades produtivas fundamentais: agricultura (cereais e inhame); artesanato; comércio (produtos).

Destacar a qualidade e especialização do artesanato: trabalho do cobre, latão; marfim, vidro e tecelagem.

Analisar as atribuições do rei

Referir a importância das manifestações artísticas, o seu carácter de arte comemorativa, de corte, a grande perfeição técnica.

Desenvolver o sentido estético dos alunos.

172/DS2

CONCEITOS:

-145-

Realiza sagrada
realismo
arte comemorativa

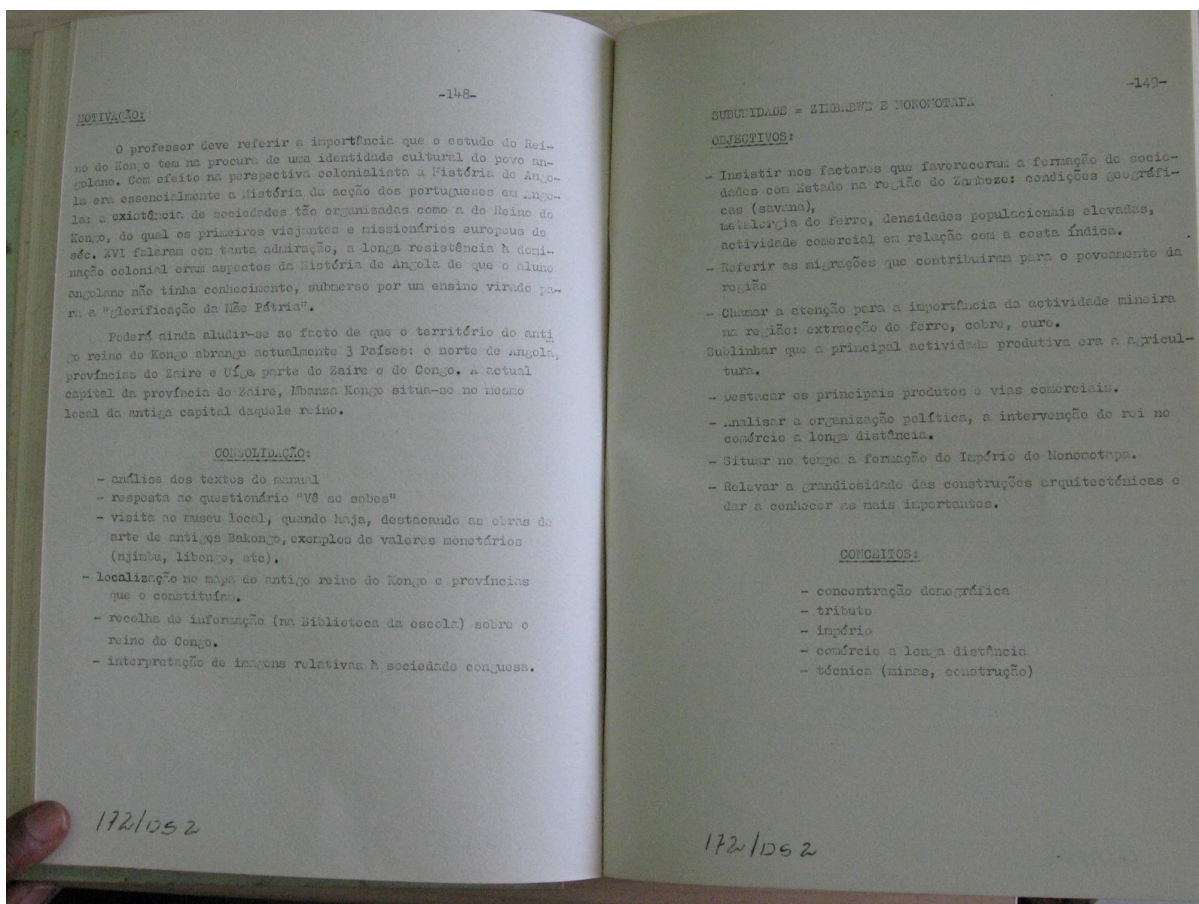
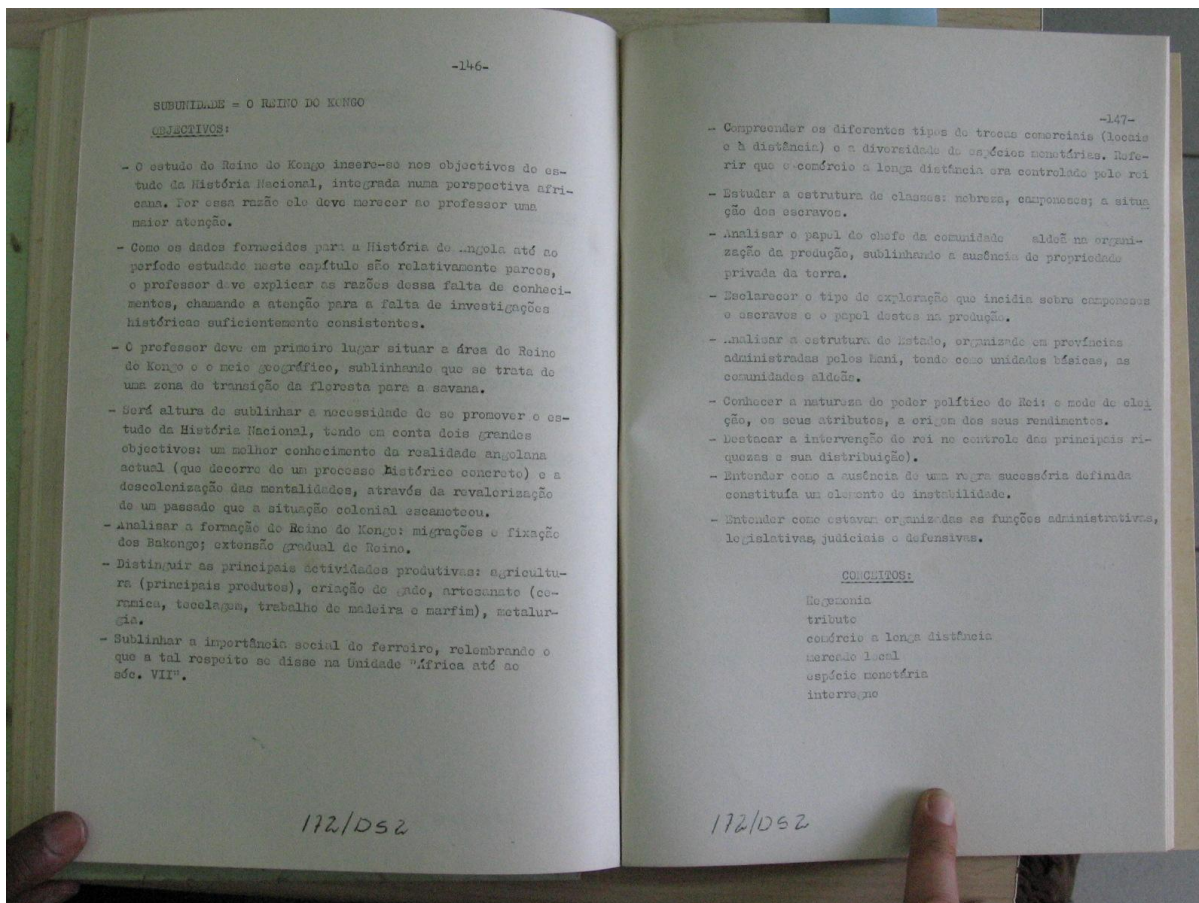
MOTIVAÇÃO:

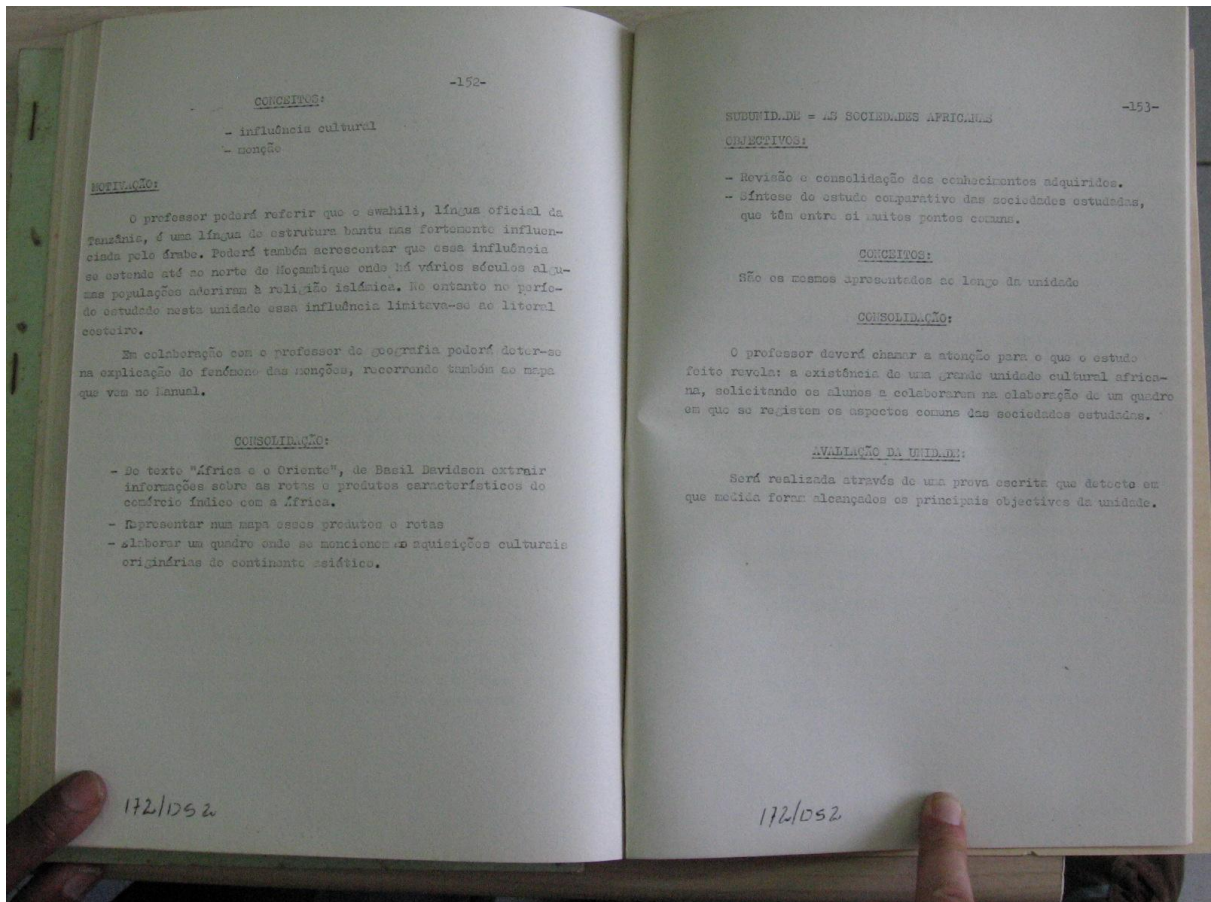
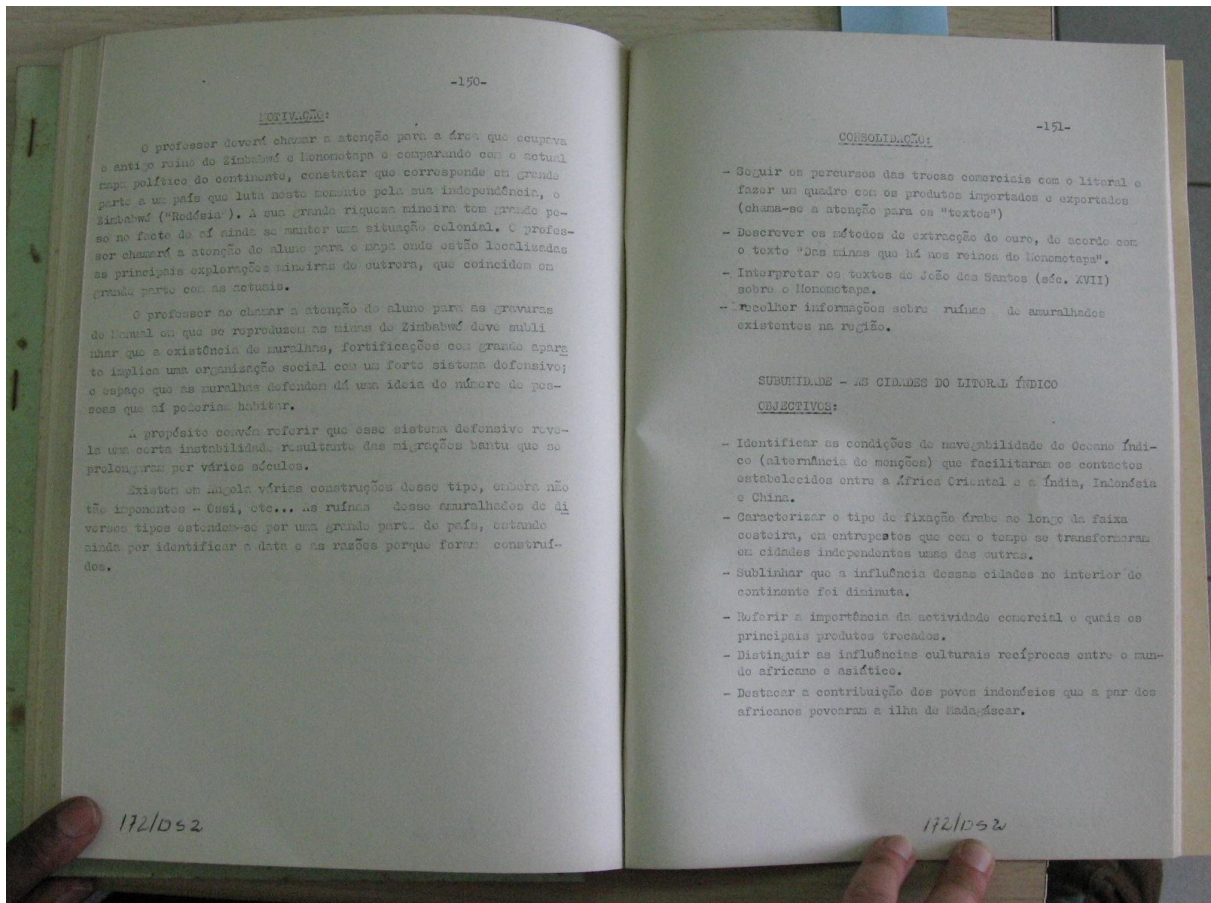
O professor deverá analisar as gravuras que reproduzem obras de arte chamando a atenção para o seu realismo, perfeição técnica, a possibilidade de a partir delas se obterem conhecimentos históricos (por exemplo a caixa de marfim esculpida do séc. XVI). Poderá se ter ao seu alcance outras reproduções de obras de arte africanas de aspecto mais geométrico e esquemático referir que há em África uma grande diversidade de tradições artísticas, que tiveram muita influência na renovação das concepções artísticas na Europa no séc. XX (caso de Picasso, por exemplo).

CONSOLIDAÇÃO:

- Na colaboração com o professor de Educação Visual e Plástica ou Formação II, e Politécnica, os alunos devem praticar a "técnica do corte" produzindo ou reproduzindo algumas obras de arte africanas.
- os alunos deverão visitar o museu ou a casa de cultura, a fim de analisar algumas peças de arte.
- responder ao questionário "Vê se sabes",

172/DS2





BIBLIOGRAFIA

- COQUELET, Catherine "La découverte de l'Afrique", Paris, Julliard, 1965
- CORNEVIN, René M. "Histoire de l'Afrique", Payot, Paris, 1974
- CORNEVIN, R. dir. Les Miroirs de l'Afrique", Paris, Laffont, 1972
- DAVIDSON, Basil "Revelando a velha África", Lisboa, Prolo, 1968
- DICTIONNAIRE Des civilisations AFRICAINES, Paris, Masan, 1968
- MAQUET, Jacques "Les civilisations africaines", Paris, Mame, 1966
- KI-ZIMBO, Joseph "Histoire de l'Afrique Noire", Paris, Hatier 1972
- SIMET-CHAMLE, J. "Afrique Noire-Géographie, civilisations, histoire", Paris, Éditions sociales, 1973
- W.G.L. HANDELS "L'ancien royaume du Congo, des origines à la fin du XIXe siècle", Mouton, Paris, 1968.
- Jan Vansina "Les Anciens Royaumes de la Savane", Mouton, 1965
- GEORGES BALANDIER "La vie quotidienne au royaume de Kongo du XVIIe au XVIIIe siècle", Mouton, Paris, 1965
- BRASILE, "L'Évangile Missionnaire Africain", Afrique occidentale", Lisboa 1953.
- OLIVIER DE MONTCAUCULLO "Description Historique du Royaume du Congo, Angola e Namibe", IIC....
- SILVA CORREIA, E. "História de Angola", Lisboa 1937 2 vols.
- PAIVA MENEZ, L. "História do Congo. Documentos", Lisboa 1877
- WILLES, HÉLIO "História do Congo Português", Lisboa 1941.

172/052

ANEXO
PLANO PEDAGÓGICO

7ª Classe

Unidade didáctica ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII

Sub-Unidades CONTACTOS COM O EXTERIOR: DESEJO DO MARROQUIN
ÁFRICA

Número de actividades escolares: 6+2

Objectivos:

- conhecimento do meio geográfico africano
- compreensão de como o meio condicionou os contactos internos e externos.
- compreensão da maneira como uma transformação técnica se reflecte no desenvolvimento das forças produtivas, contribuindo assim para o aumento da produtividade, aparecimento de excedente e de uma desigualdade social que está na base da formação das sociedades de classes.
- compreender o actual povoamento da África subsariana e a diferenciação linguística como resultado de um lento processo que remonta ao I milénio a.n.e.
- reconhecer a importância da contribuição cultural extra-africana (asiática).

Métodos e técnicas:

- Expositiva, diálogo;
- Técnicas:
- interpretação das gravuras do manual ou outras
- utilização dos mapas para certos exercícios. Ex: partindo do mapa físico do continente, comparar os percursos das migrações com as comunicações naturais mais físicas.

172/052

- Análise e interpretação dos textos contidos no manual
- Outras actividades: elaboração de um quadro comparativo
- trabalho de grupo

CONSOLIDAÇÃO:

- Continuar, através das actividades desenvolvidas pelos alunos
- Questionários do manual
- Avaliação global ou final

PLANO DE AULA

Unidade didáctica ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII

Sub-unidade CONTACTOS COM O EXTERIOR

1ª aula

SÍNTESE: CONTACTOS DA ÁFRICA COM O EXTERIOR DO I MILÉNIO A.N.E. ATÉ AO SÉC VII DA N.E. : O NORTE DA ÁFRICA .

- OBJECTIVOS:
1. conhecimento da situação e meio geográfico da África do Norte
 2. conhecimento dos contactos dessa região com o mundo mediterrânico (Fenícios e Romanos)
 3. Desenvolver a capacidade de leitura de mapas.

MÉTODO E TÉCNICA:

1. Técnica expositiva e interrogatória
2. Utilização do quadro pelo professor, para apoio da exposição (localização dos pontos referidos, rotas)
3. Leitura de mapas

DESENVOLVIMENTO DA MATÉRIA:

- O deserto do Sara, barreira das comunicações entre a África a norte e sul do Sara.

172/052

- Implantação fenícia no litoral africano mediterrânico. Relações comerciais com a África interior.
- Dominação romana na África do Norte e sua repercussão no interior do continente.

CONSOLIDAÇÃO:

- Observar o mapa do manual e identificar nele os dados mencionados pelo professor.
- No mapa de África reproduzir as rotas transmarinhas e locais assinalados no mapa do manual (fig. 130)
- Comparar este mapa com o mapa fig. 92 (expansão fenícia) e do fig. 127 limites do mundo conhecido greco-romano): questionamento do professor para recordar o que se aprendeu sobre a influência do mundo mediterrânico antigo na África.

PLANO DE AULA

Unidade didáctica ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII

Sub-unidade CONTACTOS COM O EXTERIOR

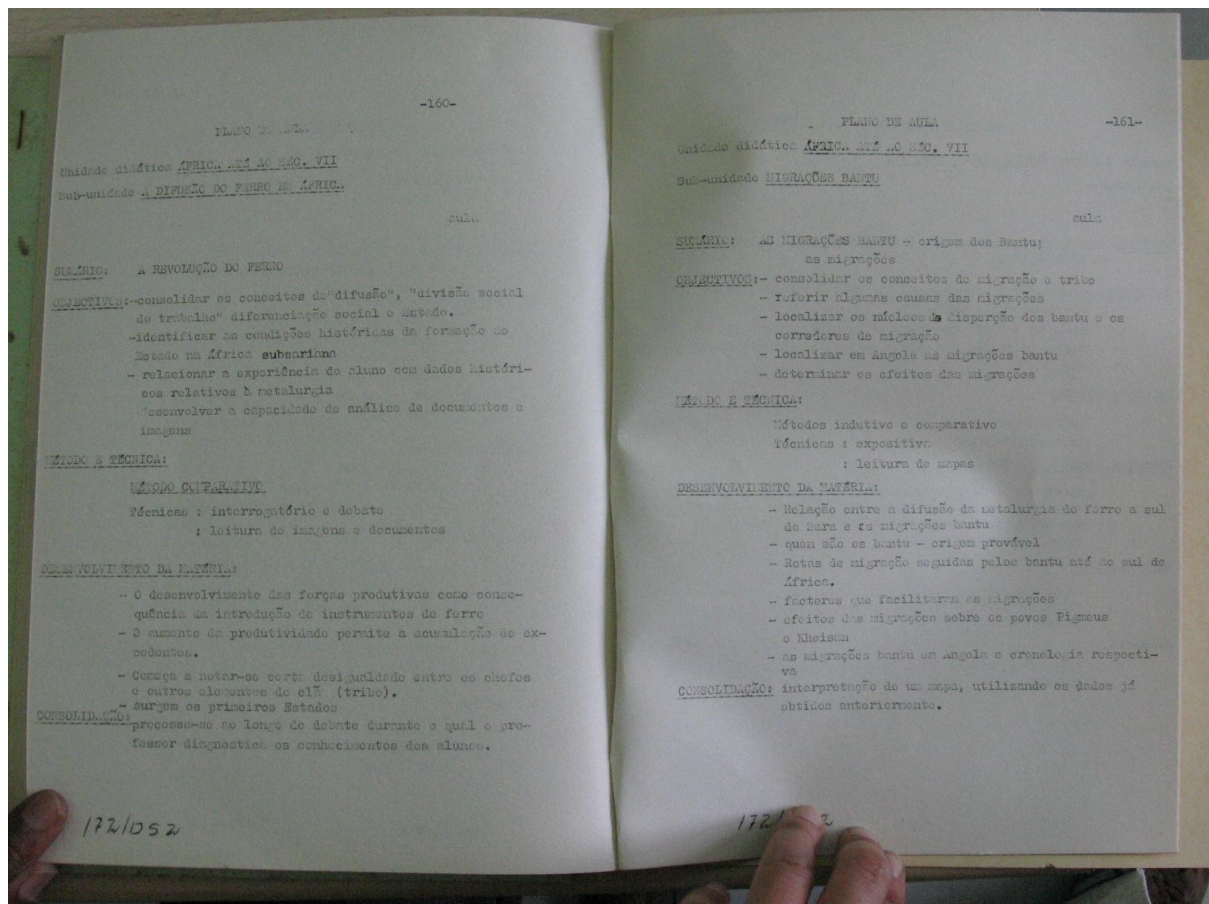
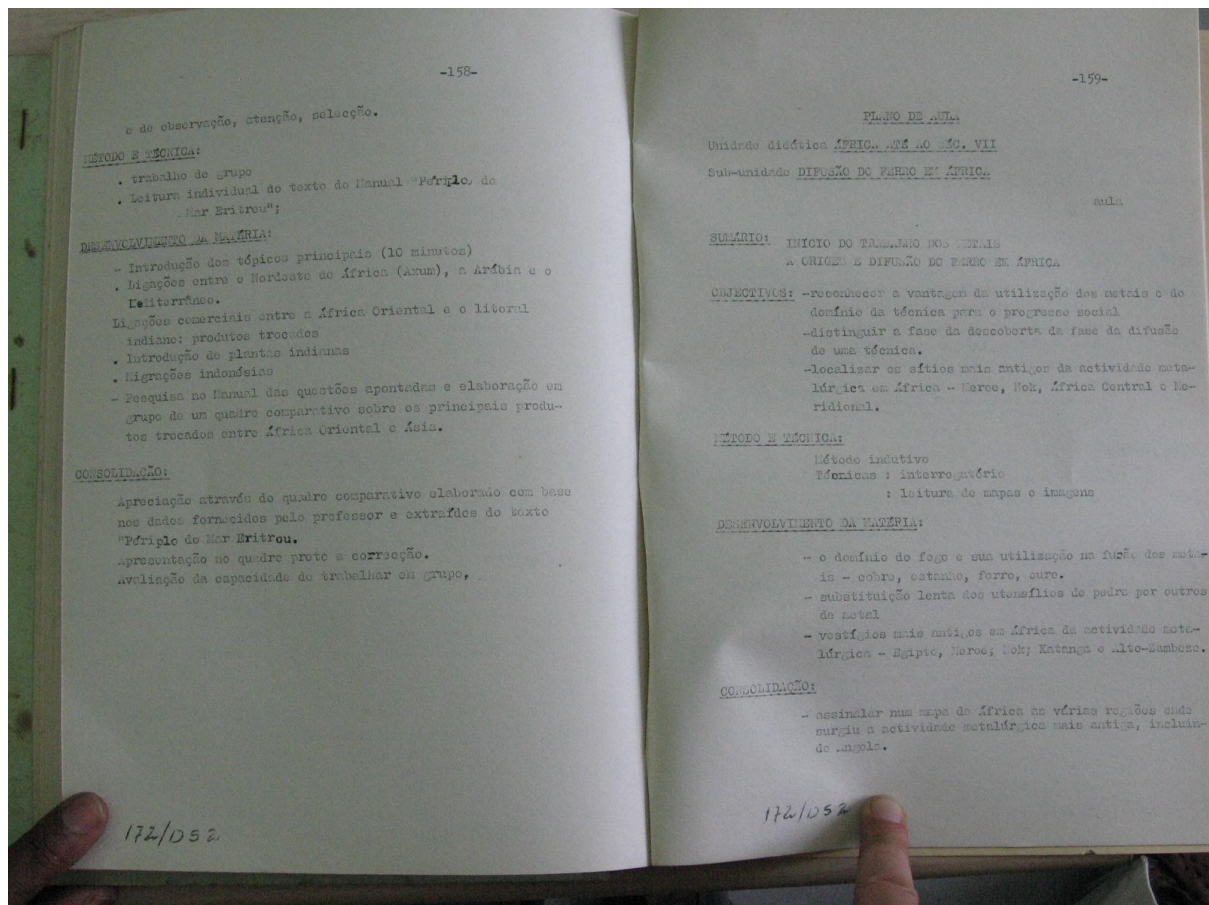
2ª aula

SÍNTESE: contactos da África com o exterior do I milénio a.n.e. até ao séc. VII da n.e. : as ligações com a Ásia através do Oceano Índico.

OBJECTIVOS:

- conhecimento da situação e meio geográfico da África Oriental
- conhecimento dos contactos desenvolvidos através do Oceano Índico entre a África e a Ásia.
- Desenvolvimento da capacidade de trabalhar em grupo

172/052



Unidade didática ÁFRICA ATÉ AO SÉC. VII
Sub-unidades

aula

SÍNTESE: ESTUDO DE DOCUMENTOS RELATIVOS À METALURGIA DO FERRO E ÀS MIGRAÇÕES

OBJETIVOS: -Consolidar a aprendizagem das questões fundamentais abordadas nesta Unidade V
-elaborar uma síntese sobre as relações existentes entre as migrações e o avanço do processo histórico em África.

MÉTODO E TÉCNICA:

Método indutivo

Técnicas : trabalho de grupo

DESENVOLVIMENTO DA AULAS:

Apresentação de algumas questões sob a forma de problemas que os alunos durante esta aula irão resolver recorrendo ao livro de texto, documentos, mapas e gravuras em trabalho de grupo

CONSOLIDAÇÃO:

de acordo com o objetivo acima enunciado, os alunos farão uma breve composição individual sobre o tema indicado pelo professor.

AVALIACÃO:

resposta a um teste (na 7ª aula) sobre a matéria estudada.

172/DS2



istituto

**programma
9^a classe
med 78**

HISTÓRIA

O programa para a 9ª classe (1978) foi determinado nos seus objectivos e conteúdos pela necessidade de concluir-se o Curso de História Universal e de Angola iniciado na 7ª classe.

Por esse motivo, a matéria contida neste programa refere-se à História Contemporânea e contempla fundamentalmente - a formação do sistema imperialista e sua estratégia nos diferentes continentes (com especial relevância para África);

- a caracterização do sistema colonial do imperialismo
- o advento do socialismo no País que efectuou a 1ª revolução proletária - a Rússia
- a crise geral do capitalismo
- a desintegração do sistema colonial em vários continentes (com especial incidência em África)

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DA HISTÓRIA NA 9ª CLASSE

Na sequência dos objectivos gerais desta disciplina, na 9ª classe deverá o aluno consolidar o conhecimento anteriormente adquirido, nomeadamente no que respeita a conceito do materialismo histórico e à compreensão das linhas fundamentais do processo histórico na Época Contemporânea.

ENTRE ELAS SALIENTAMOS:

- a luta de classe^s como força motriz do desenvolvimento de qualquer sociedade de classes (através da análise das formas que tomam a luta de classes em vários continentes no séc. XX)
- o papel das massas populares como criadoras da história (através do estudo das contradições geradas no sistema colonial e sua participação no Movimento de Libertação nos vários continentes)
- o papel que desempenha na história^o indivíduo enquanto ser social, condicionado pela sua própria época e condicionalismos próprios de cada sociedade.

simultaneamente deve o aluno assimilar as características do desenvolvimento histórico no continente africano, durante o período colonial a fim de melhor analisar as formas de dominação praticadas em Angola nessa mesma época e permitir a compreensão da época actual.

Pela mesma razão, o estudo do Movimento de Libertação em África e Ásia permitirá o estudo mais particular do movimento de libertação no antigo império colonial português, especialmente em Angola.

Os alunos deverão ainda enquadrar o Movimento de Libertação na luta mais ampla que os povos do mundo levam a cabo contra o sistema imperialista e que essa libertação se enquadra no Movimento revolucionário contemporâneo.

O papel determinante do modo de produção na vida das sociedades será bem compreendido através do estudo da dominação colonial e da luta dos povos colonizados contra as potências colonizadoras.

Deve ainda ser ressaltado o papel que desempenha o factor ideológico no desenvolvimento da sociedade na época Contemporânea. Relativamente a este aspecto, compreender-se-á que o domínio da interpretação materialista do mundo por parte das massas trabalhadoras, é uma condição indispensável à participação crescente das mesmas no processo revolucionário.

Por isso é necessário o conhecimento de meios já comprovados na luta contra a ideologia burguesa e contra ideias anti-científicas, destinadas a combater eficazmente o imperialismo.

Aqui insere-se especialmente o estudo das práticas neo-coloniais adoptadas em vários estados africanos após a independência, e os efeitos daí resultantes, para os respectivos povos.

CAPACIDADES

O aluno pode adquirir várias habilidades de trabalho de grupo e de trabalho independente, através de:

- elaboração e interpretação de mapas históricos, gráficos, quadros cronológicos.
- selecções de fotos, gravuras e outros materiais que ilustrem os conteúdos dos programas.
- elaboração de composição e exposições temáticas, utilizando materiais de imprensa e de literatura adequados ao programa.

PROGRAMA DE HISTÓRIA

9ª Classe

I O CAPITALISMO MONOPOLISTA

29 tempos

1. Estabelecimento e domínio dos monopólios 4

Avanço científico-técnico e sua aplicação na indústria

Reforço da luta de concorrência entre os capitalistas

- concentração da produção em empresas gigantescas

- substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios

- concentração do capital. Importância dos bancos

- o capital financeiro. A oligarquia financeira

O capitalismo pré-monopolista transforma-se em imperialismo.

2. A partilha económica do mundo entre os países exportadores 3

de capital - Inglaterra, França Alemanha e Estados Unidos

- partilha do mercado interno pelas associações

monopolistas. Partilha do mercado mundial

- a partilha do mundo entre as grandes potências.

3. O SISTEMA COLONIAL 4

Exploração dos recursos agrícolas e mineiros das colónias

A colonização europeia; a criação de companhias monopolistas

A exploração do trabalho dos povos colonizados

Instalação de um aparelho de administração colonial

A opressão cultural

A sociedade colonial e as estruturas tradicionais.

- discussão de alguns temas propostos pela professor e preparados pelos alunos.
- análise crítica de textos históricos seleccionados, de textos políticos africanos e dos clássicos do marxismo-leninismo.
- análise de acontecimentos contemporâneos, perspectivando a sua interpretação segundo o materialismo.

O PROGRAMA DA 9ª CLASSE.

Permite através do conhecimento do passado africano, revalorizar a contribuição que os povos africanos deram à História Universal, e desse modo eliminar quaisquer preconceitos e complexos que impeçam o reencontro da identidade cultural angolana.

ATITUDES

O programa da 9ª permite educar os alunos no interesse pelo estudo da História e da vida política contemporânea o estudo constante da imprensa e outras fontes de informação.

Esta atitude permitir-lhes-á tomar parte activa na luta pela libertação dos povos ainda sujeitos à dominação colonial e neo-colonial e pelo triunfo do socialismo em todo mundo.

Será ainda necessário educar nos alunos o espírito de solidariedade internacionalista a fim de melhor combater a ofensiva imperialista em África e em todo o mundo.

Proporcionar-se-á ainda a aquisição do conceito do dever revolucionário e o sentimento colectivista através dos exemplos da luta dos povos contra o domínio colonial, da luta revolucionária dos trabalhadores dos países capitalistas, da luta dos trabalhadores dos países socialistas para construir sociedade nova.

6. A 1ª GUERRA MUNDIAL - 1914 - 18

4 tempos

Causas da Guerra: agudização das contradições imperialistas nos princípios do séc. XX; pretexto para a guerra

Início da Guerra e sua extensão à Europa, Ásia e África - caráter imperialista da guerra.

Falência da II Internacional. Ideias de Lenin sobre a guerra. A retirada da U.R.S.S. do conflito

Posição dos E.U.A. relativamente à guerra.

A capitulação da Alemanha - seus efeitos.

7. O IMPERIALISMO, ANTECAMARA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

2 " "

- aumento das contradições da sociedade capitalista

- reforço do desenvolvimento desigual econômico e político dos países capitalistas.

II. A TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO

33 tempos

1. A REVOLUÇÃO RUSSA

8 " "

1.1. A Revolução democrático-burguesa de Fevereiro na Rússia 1917

. Agudização das contradições do imperialismo na Rússia, em consequência da 2ª Guerra Mundial

. Situação revolucionária no país. A ação do partido bolchevique.

. Derrota do czarismo. Estabelecimento do poder dual.

1.2. Plano de Lenin para a transição da revolução democrática burguesa à revolução socialista.

. preparação das massas para a revolução socialista

. as teses de Abril

.../...

152/122

4. LUTA DOS POVOS COLONIZADOS CONTRA OS LIBERALISTAS ATÉ 1914

RESISTÊNCIA DOS POVOS AFRICANOS AO DOMÍNIO COLONIAL EUROPEU: 3 tempos

- Sudão
- África Ocidental
- África Central
- África Oriental
- África Austral
- Na Ásia - a Revolução chinesa 1911 - 1913; Sun-Yat - Sen.
- formação do Partido do Congresso Nacional Indiano em 1885;
- O movimento de massas no início do séc. XX.
- Na América - O pan-americanismo imperialista dos E.U.A. - seus objetivos
- José Martí denuncia o perigo que representa a política norte-americana
- A revolução mexicana 1914 - 17
- agressão do imperialismo norte-americano na América Central.

5. O MOVIMENTO OPERÁRIO NO FINAL DO SEC. XIX E PRINCÍPIOS DO SEC. XX 4 T.

1. As grandes greves a partir de 1880.

Desenvolvimento do sindicalismo; papel dos sindicatos

2. A 2ª Internacional - o congresso de Paris em 1889

- Estabelecimento da festa do 1º de Maio
- formação da II Internacional e tensões nela surgidas depois da morte de Engels em 1895.

3. A Revolução de 1905 - 07 na Rússia

- formação do partido bolchevique
- a criação dos Soviotes
- as forças motrizes da Revolução
- sua influência sobre os movimentos revolucionários de outros países
- Papel da obra de Marx e Engels na direcção do Movimento Operário.

152/DS2

2.3. A ameaça fascista depois da 1ª Guerra

- estabelecimento da ditadura fascista na Itália e nazi na Alemanha
- luta do partido comunista alemão contra o nazismo.
- política interna e externa dos nazis
- o nazismo e o fascismo como ditaduras da burguesia monopolista.

2.4. A luta política nos países capitalistas de 1929 a 1939.

- o movimento comunista internacional na luta pela Frente Popular, e na Guerra Civil de Espanha.

2.5. O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁSIA - DE 1918 a 1939

A luta do povo chinês pela sua libertação de 1918 a 1939.

- a revolução nacional de 1925 a 1927.
- começo da grossa japonesa, a criação da Frente Única Anti-japonesa

A luta do povo indiano contra o domínio colonial da Inglaterra de 1918 a 1939

- Mahatma Gandhi e a resistência "não violenta"
- Crescimento do movimento operário e formação do partido comunista.
- Início da crise do sistema colonial do imperialismo.

3. A 2ª GUERRA MUNDIAL

5 tempos

3.1. A expansão do fascismo nas vésperas da Guerra

Agudização das contradições entre os países imperialistas

A política anti-soviética das potências capitalistas.

3.2. - Agressões da Alemanha hitleriana, da Itália fascista e do Japão militarista

Agressão fascista à África.

Invasão da URSS e resistência do povo soviético.

Comço da Guerra no Pacífico - entrada dos E.U.A. na guerra.

3.3. - Formação da coligação anti-fascista

A batalha de Stalingrado

Intensificação do movimento de resistência nos países ocupados

Comço da desintegração do bloco fascista e nazi

A ofensiva do Exército Soviético em 1944 e dos Aliados em África e na Normandia.

152/022

- 1.3. Acordos do Congresso do Partido Bolchevique sobre a necessidade de um levantamento armado para o triunfo da Revolução
- 1.4. Tentativa da burguesia e dos proprietários estabelecerem uma ditadura militar
 - Crise geral no país - condições favoráveis à vitória da Revolução socialista.
- 1.5. Vitória da Revolução Socialista e estabelecimento da ditadura do proletariado
 - Levantamento armado em Petrogrado em Outº - 1917
 - Estabelecimento do poder soviético nas zonas principais do país
 - Organização do estado soviético
 - . essência e tarefas da ditadura do proletariado
 - . destruição do velho aparelho estatal.
 - . criação do aparelho estatal soviético
 - . primeiras medidas do estado soviético - decretos sobre a paz, a terra, a indústria e a cultura.
 - A intervenção militar estrangeira e a Guerra Civil
 - . Vitória do Exército Vermelho sobre os Guardas Brancos e seus aliados estrangeiros.
- 1.6. Importância histórica da Revolução Socialista de Outubro
 - . início de uma época de transição ao Socialismo
 - . influência da Revolução sobre o aprofundamento da crise geral do capitalismo.
 - . incremento do desenvolvimento operário internacional.

2. O MUNDO ENTRE A PRIMEIRA E A 2ª GUERRAS

O tempo

- 2.1 O desenvolvimento do movimento comunista
 - fundação dos partidos comunistas na Europa
 - a III Internacional. Papel de Lenin.
- 2.2 O desenvolvimento econômico dos países capitalistas de 1924 a 1939.
 - manifestações da crise geral do capitalismo na economia.
 - período de estabilização relativa do capitalismo de 1924 a 1929.
 - crise econômica mundial de 1929/1933.
 - a crise econômica de 1937.

152/DSZ

- Os E.U.A., principal país do campo capitalista.

• O movimento comunista e operário nos principais países capitalistas como manifestação da crise do capitalismo.

- o internacionalismo proletário como factor indispensável para o desenvolvimento do movimento operário e comunista.

- incremento do movimento grevista.

III. A DESINTEGRAÇÃO DO SISTEMA COLONIAL

33 tempos

1.1 As Relações internacionais depois da 2ª Guerra Mundial 4 "

- as relações internacionais entre os blocos socialista e imperialista

- o fracasso dos planos agressivos do imperialismo na Coreia e Viet-Nam e Médio Oriente

- luta pelo fortalecimento da paz - a Conferência de Bandung.

- a luta na ONU pela garantia da segurança internacional, a coexistência pacífica e o reconhecimento do direito dos povos à independência.

1.2 O Reforço do Movimento de Libertação Nacional na Ásia e África 29"

2.1. A formação de novos estados independentes na Ásia 2 "

- o imperialismo americano no Sudeste Asiático

- Triunfo do movimento de Libertação no Viet-Nam.

2.2. O movimento de Libertação nos países árabes 2 "

- o movimento de Libertação no Egipto - papel da burguesia nacional, as modificações da política interna e externa nas décadas de 60 e 70.

- A luta de libertação da Argélia

- formação da República Argelina e sua orientação na via do socialismo

- o problema palestino.

152/LSB

3.4. A derrota da Alemanha e do Japão -

- . a capitulação em Berlim.
- . a conferência de Potsdam (URSS, EUA e Inglaterra)
- . o crime de Hiroshima e Nagasaki

3.5. Resultados da 2ª Guerra Mundial

4. O PÓS-GUERRA

12 tempos

4.1. O Bloco Socialista

A formação de novos estados socialistas na Europa

O triunfo da Revolução Socialista na China

a agressão japonesa durante a Guerra

o Kuo-min-Tang ~~opõe-se~~ ao movimento revolucionário

A Longa Marcha - avanço da guerra revolucionária

a partir do yunnan

Criação da República da China em 1947

O desenvolvimento e fortalecimento do sistema mundial do socialismo.

- O CAME - a integração económica dos países socialistas

- O Pacto de Varsóvia - a defesa contra a política agressiva imperialista

Triunfo da Revolução Socialista na América - A Revolução Cubana

A luta anti-imperialista na América Latina.

4.2. O Bloco capitalista

do
Desenvolvimento capitalismo monopolista de Estado

- sua essência e sua estratégia para impedir a crise do capitalismo

- utilização pelos monopólios das conquistas da revolução científico-técnica para incrementar os seus lucros e intensificar a exploração dos trabalhadores.

.../...

152/222

- 2.3. A luta de libertação dos povos da África Central 4 tempos
- particularidades da economia e da estrutura socio-política destes países na véspera da independência
- métodos da política neo-colonial dos países imperialistas: ingerência imperialista nos acontecimentos do Congo (1960) e outros países africanos.

- 2.4. O Movimento de Libertação nacional como parte integrante do processo revolucionário mundial " 4 t.
- a desintegração do sistema colonial do imperialismo
- problemas económicos e políticos dos países asiáticos e africanos libertados: O sub-desenvolvimento e o neo-colonialismo
- a luta de libertação nos últimos redutos do colonialismo na África Austral
- orientação na via do socialismo de alguns países africanos.

- 2.5. O Movimento de Libertação nas antigas colónias portuguesas 3 tempos
- a agudização das contradições na sociedade colonial leva ao reforço do movimento de resistência anti-colonial - as sublevações camponesas, a tomada da consciência da pequena - burguesia patriótica, dos intelectuais e do operariado
- O M A C, F R A I N
- a constituição dos Movimentos de Libertação - P A I G C, MPLA e FRELIMO
- a G O N C F, frente de luta contra o colonialismo português.

- 2.6. O Movimento de Libertação em Angola 12 tempos

- 2.6.1. origens do nacionalismo angolano 2 "
• a situação colonial
• agravamento das contradições na sociedade colonial
• da resistência à luta política
• a influência da Revolução de Outubro e a 2ª guerra mundial
• o pan-africanismo e as independências africanas

- 2.6.2. As 1ªs organizações política em Angola 1 "
• a fundação do M.P.L.A.
• O Manifesto de 10/12/56.

152/452

2.3. A vitória histórica dos povos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique

- o significado da luta pela independência
- contribuição da guerra de libertação das colónias para a queda do fascismo em Portugal
- influência da vitória do movimento de libertação para o continente africano
- a luta de libertação na África Austral.

IV. CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO POLÍTICO-SOCIAL NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA 5

- época de transição do capitalismo ao socialismo
- as forças principais do processo mundial revolucionário - o movimento de libertação nacional, os países socialistas, a luta revolucionária da classe operária dos países capitalistas.
- a luta anti-imperialista pelos interesses dos trabalhadores, pela paz, pela democracia, pela independência nacional e pelo socialismo.
- o movimento dos NÃO-ALINHADOS.

152/152

DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA

<u>I. CAPITALISMO MONOPOLISTA</u>		29	tempos
1. Estabelecimento dos monopólios	4		
2. A partilha económica do mundo	3		
3. O sistema colonial	4		
4. A luta dos Povos contra o domínio imperialista até 1914	8		
5. O movimento Operário no fim do séc. XIX	4		
6. A 1ª Guerra Mundial	4		
7. O Imperialismo antecâmara da revolução socialista	2		
<u>II. A TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO</u>		33	"
1. A Revolução Russa	8		
2. O Mundo entre a 1ª e a 2ª Guerras	8		
3. A 2ª Guerra Mundial	5		
4. O Pós-Guerra	12		
<u>III. A DESINTEGRAÇÃO DO SISTEMA COLONIAL</u>		33	"
1. As relações internacionais depois da 2ª Guerra	4		
2. Reforço do Movimento de Libertação Nacional na Ásia e África	29		
<u>IV. CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA</u>	5	5	"
TOTAL	100		tempos

152/D22